

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

**Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP**

ANDERSON MIGUEL CANDIDO MORENO

**A RELEVÂNCIA DE APARECIDA ENQUANTO EXPOENTE DO CATOLICISMO
BRASILEIRO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DAS ROMARIAS E DOS
ROMEIROS.**



ARARAQUARA-SP

2016

ANDERSON MIGUEL CANDIDO MORENO

**A RELEVÂNCIA DE APARECIDA ENQUANTO EXPOENTE DO CATOLICISMO
BRASILEIRO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DAS ROMARIAS E DOS
ROMEIROS.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras– UNESP – Campus Araraquara-SP, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Linha de pesquisa: Diversidade, Identidade e Direitos.

Orientador: Prof. Dr. Edmundo Antonio Peggion

ARARAQUARA-SP

2016

Moreno, Anderson Miguel Candido
A relevância de Aparecida enquanto expoente do
catolicismo brasileiro: um estudo etnográfico das
romarias e dos romeiros / Anderson Miguel Candido
Moreno — 2016
173 f.
Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) —
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita
Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus
Araraquara)
Orientador: Edmundo Antonio Peggion
1. Catolicismo. 2. Aparecida. 3. Romarias. I. Título.

ANDERSON MIGUEL CANDIDO MORENO

**A RELEVÂNCIA DE APARECIDA ENQUANTO EXPOENTE DO CATOLICISMO
BRASILEIRO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DAS ROMARIAS E DOS
ROMEIROS.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras– UNESP – Campus Araraquara-SP, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Linha de pesquisa: Diversidade, Identidade e Direitos.

Orientador: Prof. Dr. Edmundo Antonio Peggion

Data da defesa: 09/06/2016

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Edmundo Antonio Peggion
Universidade. Faculdade de Ciências e Letras –
UNESP/ARARAQUARA-SP

Membro Titular: Prof. Dr. Dagoberto José Fonseca
Universidade. Universidade. Faculdade de Ciências e Letras –
UNESP/ARARAQUARA-SP

Membro Titular: Prof. Dr. Antonio Mendes Costa Braga
Universidade. Faculdade de Letras e Ciências – UNESP/MARÍLIA-SP

Suplente: Prof. Dr. Edgar Teodoro da Cunha
Universidade. Faculdade de Ciências e Letras –
UNESP/ARARAQUARA-SP

Suplente: Prof. Dr. Paulo José Brando Santilli
Universidade. Faculdade de Ciências e Letras –
UNESP/ARARAQUARA-SP

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico este trabalho a todos aqueles que, de alguma forma, me apoiaram desde os tempos de graduação. Muitos foram os que sempre acreditaram em mim, e me mandaram energias positivas para que eu tivesse forças para me dedicar, exclusivamente, aos estudos, e às viagens a Araraquara-SP.

Dedico este trabalho, também, aos amigos que fiz em Araraquara, e que tão importante foram para os momentos de estudos e de lazer durante os dias em que estive na Morada do Sol.

AGRADECIMENTOS

De um modo particular, faço um agradecimento aos meus pais, que sempre me deram o suporte necessário para que eu pudesse me dedicar aos estudos desde sempre.

Aos meus irmãos pelo carinho oferecido

À minha querida Daniela, aquela que escolhi, e que me escolheu para ser seu companheiro. A ela, também, ofereço este trabalho como símbolo da minha gratidão e do meu amor.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Edmundo Peggion, pela paciência e atenção, além da confiança depositada em minha capacidade enquanto pesquisador.

Agradeço aos colegas de Mestrado que sempre me orientaram durante a participação nas aulas, e também durante a escrita da dissertação.

Agradeço, também, aos redentoristas que sempre foram prestativos no que necessitei, oferecendo obras de suas bibliotecas, experiências vivenciadas, e material de suporte para a realização do trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a relevância da devoção popular a Nossa Senhora Aparecida, enquanto símbolo do catolicismo brasileiro. A cidade de Aparecida-SP, local onde se encontra o maior Santuário dedicado a uma representação mariana do mundo, e que recebe mais de 11 milhões de visitantes ao ano, é o berço dessa devoção. Desde quando não existia a cidade de Aparecida, e a região fazia parte da então chamada “Vila de Guaratinguetá”, têm-se o início de uma crença na representação de uma divindade presente em uma imagem de santa, que foi encontrada nas águas do Rio Paraíba do Sul. Tal imagem tornou-se o símbolo de uma forte devoção popular, capaz de arrebanhar centenas – milhares – e milhões de peregrinos que chegam ao local para visitá-la, e realizar outras atividades que podem ser feitas na cidade que a abriga. O fruto deste estudo é uma etnografia das romarias que chegam a Aparecida, e dos romeiros que chegam à cidade com os mais distintos interesses: prática de devoção católica, compras no shopping popular da cidade, compras na “feirinha” de produtos com preços baixos. As pretensões dos visitantes, durante sua estada na cidade, são muitas, e serão analisadas, etnograficamente. Para tanto, o trabalho se iniciará a partir de uma análise histórica da devoção à santa “aparecida”, e a influência desta crença na sociedade da região e da comunidade católica nacional. Aparecida tornou-se uma das referências do catolicismo brasileiro e as peregrinações ao Santuário foram utilizadas enquanto instrumento para uma tentativa de (re) catequização dos fieis católicos brasileiros. Partindo desta análise, haverá a tentativa de elucidar a relevância de Aparecida para o catolicismo brasileiro atual, e também, global.

Palavras chave: Aparecida, devoção, catolicismo, Santuário.

ABSTRACT

This study aims to present the importance of popular devotion to Our Lady Aparecida, as a symbol of Brazilian Catholicism. The city of Aparecida-SP, where is the biggest Marian Sanctuary dedicated to a representation of the world, and receives over 11 million visitors a year, is the birthplace of this devotion. Since when there was the city of Aparecida, and the region was part of the so-called "Guaratingueta village", the start-up have a belief in the representation of a deity present in a holy image, which was found in the waters of the River Paraíba do Sul This image became the symbol of a strong popular devotion, able to round up hundreds - thousands - and millions of pilgrims who come to the place where she is to visit her, and perform other activities that can be done in the city the houses. The result of this study is an ethnography of pilgrimages arriving at Aparecida and the pilgrims arriving in the city with the most different interests: the practice of Catholic devotion, the popular shopping mall in the city, shopping in "crafts fair" products with low prices. Finally, the claims of the visitors during their stay in the city, are many, and will be analyzed, ethnographic, during this work. To this end, work will start from a historical analysis of devotion to the saint "appeared" and the influence of this belief in society in the region, and later, the national Catholic community. Aparecida has become one of the references of Brazilian Catholicism, and pilgrimages to the Sanctuary became one of the keys to (re) catechizing of Brazilian Catholics faithful. Based on this analysis, there will be an attempt to elucidate the significance of Aparecida for the current Brazilian Catholicism, and also global

Keywords: Aparecida, devotion, catholicism, Sanctuary.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1- I Parte: Do surgimento das águas às romarias programadas: o nascimento e o amadurecimento de uma devoção.	17
1.1- O povo sente-se esquecido.	17
1.2- Comida para o Governador	19
1.3- A aparecida das águas: relatos de um episódio esquecido.	20
1.4- A (a/A)parecida das águas: relato difundido e defendido.	25
1.5- O que representou(a) esta imagem?	28
1.6- A imagem da santa: reflexo do povo	31
1.7- De boca em boca se espalha uma devoção	35
1.8- O crescimento do povoado e o interesse no dinheiro da santa.	41
1.9- E o fluxo de visitantes só aumenta.	47
1.10- O fim da política do padroado, e a chegada dos novos guardiões da aparecida.	53
1.11- O fim da política do padroado, e a chegada dos novos guardiões da aparecida.	62

2- II Parte: Para além das romarias programadas: como são organizadas as peregrinações a Aparecida na atualidade.	69
2.1- A continuidade das romarias programadas nas dioceses brasileiras	69
2.2- A organização das romarias, e sua reformulação.	73
2.3- As romarias a Aparecida e o turismo religioso	81

2.4- Aparecida enquanto fonte política de apoio à construção de uma identidade nacional brasileira	86
2.5- Aparecida e os poderosos	90
2.6- Etnografia das peregrinações: relatos de uma observação participante.	96
2.7- Das romarias dos dias de semana, e das realizadas aos finais de semana.	105
2.8- As Aparecidas dentro de uma única Aparecida.	112
2.9- Tudo voltaria ao normal, se não fosse a visita do Papa.	118
2.10- Que venha o Papa.	123
2.11-Etnografia comparativa entre romarias de locais distintos.	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
3- III Parte: Acervo de imagens	152
REFERÊNCIAS	170

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi realizado em vista de ser apresentado à banca de defesa de Mestrado em Ciências Sociais, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP/Araraquara-SP. O que se buscou neste estudo foi a apresentação de um tema bastante caro à Sociologia e à Antropologia da religião, ou, mais precisamente, Sociologia/Antropologia da devoção.

O interesse está em demonstrar um estudo sobre as romarias e os romeiros que fazem as suas peregrinações à cidade de Aparecida-SP, local onde se encontra um importante templo de devoção católica do país, e, quiçá, do mundo: o Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Para a realização deste texto da dissertação, visando a defesa, serão apresentados os contextos históricos e sociais que permearam o surgimento desta devoção na representação de uma divindade, que no caso se trata da imagem de uma santa, que, segundo relatos que serão apresentados no trabalho, fora encontrada nas águas do Rio Paraíba do Sul, no Vale do Paraíba paulista.

Narrando este contexto histórico-social, serão demonstradas as etapas pelas quais a devoção popular foi atravessando, além de analisar as razões pelas quais a devoção popular nesta representação de uma divindade teve um vertiginoso crescimento. Também, nesta parte apresentada, serão evidenciados os interesses daqueles que passaram a utilizar a devoção do povo à Santa de Aparecida para arrecadar dinheiro e outros bens de valor que eram dados em esmolas à imagem e à sua capela. A personificação deste símbolo será usurpada por muitos em vista de enriquecimento.

Entretanto, haverá outras formas de aproveitamento da devoção popular: àquela na qual a Igreja Católica no Brasil se utilizará da referência que a crença na Santa de Aparecida possuía para uma pretendida reformulação no catolicismo brasileiro. Após o fim do regime do padroado, o “alto clero brasileiro” iniciou uma tentativa de (re) catequização da população brasileira mediante as pregações e outras atividades pastorais desenvolvidas pelos religiosos estrangeiros que passaram a trabalhar nos grandes centros de peregrinação católica do país. O Santuário de Aparecida foi um expoente desta pretensão da Igreja Católica brasileira.

Como proposta para a realização desta “nova catequização”, os religiosos que trabalhavam em Aparecida criaram às chamadas “romarias programadas”, que eram excursões organizadas pelas dioceses brasileiras, visando uma preparação das pessoas que participariam das peregrinações, e, posterior à realização destas, planejar a organização destas pessoas em grupos de uma paróquia (ou comunidade católica), e que desenvolveria algumas maneiras de espalhar a outras pessoas àquilo que fora apreendido durante a estada em Aparecida.

Para prosseguir com o trabalho, pretende-se apresentar elementos que demonstrem como acontecem as romarias a Aparecida na atualidade. Realizei uma etnografia de algumas romarias realizadas à cidade de Aparecida-SP, onde puderam ser observadas algumas características das peregrinações ao Santuário, que são bastante interessantes. No decorrer da segunda parte do trabalho serão analisados os materiais etnográficos obtidos, além de que será apresentado o interesse existente, por parte do catolicismo atual, a esta localidade devocional. Portanto, será demonstrado que a relevância que foi dada ao trabalho pastoral desenvolvido em Aparecida, no final do século XIX e início do século XX, continua em evidência.

No Santuário de Aparecida, a cada ano, foi possível observar que o fluxo de visitantes tem aumentado, e, a hierarquia católica vê nesse cenário a possibilidade de implementar aquilo que for de seu interesse para o catolicismo nacional. Os últimos três líderes do catolicismo mundial – ou seja, os Papas – ao visitarem o Brasil, passaram por Aparecida. Será apresentado, também, um trabalho etnográfico da visita do último Papa ao Santuário. Tal observação se deu quando aconteceu a visita do Pontífice ao país, em vista de promover a Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro-RJ. O Papa, aproveitando-se da visita à cidade maravilhosa, aumentou o seu roteiro para visitar Aparecida, e, ainda anunciou que voltará ao Santuário em 2017, ano do jubileu de 300 anos do encontro da imagem da Santa nas águas do Paraíba.

Esta relevância dada à devoção a Nossa Senhora Aparecida não acontece apenas por parte do clero, mas, também, por parte de autoridades políticas. Alguns presentes foram oferecidos, por parte dos governantes, à imagem da santa (assim como no século XVIII e XIX): uma coroa de ouro oferecida pela princesa Isabel, filha do Imperador D. Pedro II, uma torre construída com dinheiro público ao lado do Santuário que se encontrava em construção, e que foi doada pelo presidente Juscelino Kubitschek, e uma passarela construída pelo presidente militar Artur da Costa e Silva.

Atualmente, não são raras as vezes em que políticos se utilizam de Aparecida, e sua importância para o catolicismo brasileiro, para realizarem suas aparições públicas: candidatos à Presidência da República, aos governos estaduais, às câmaras federal e estaduais, além do Senado Federal visitam Aparecida, principalmente no dia em que acontece a festa dedicada à Santa (12 de outubro) cujo dia corresponde a um feriado nacional. Mesmo o Brasil se tratando de um Estado Laico, desde a Proclamação da República, ainda assim existe um feriado religioso como este, e que chama a atenção daqueles que deveriam ser os primeiros a defender a prerrogativa do Estado Laico. Neste caso, o mais importante para possíveis políticos, é o fato de se ter a sua imagem pessoal ligada à imagem da Santa Aparecida, deixando de lado aquilo que vigora na Constituição.

Então, pretende-se evidenciar a importância de Aparecida, e da devoção popular dedicada a esta representação de divindade, personificada na imagem da Santa Aparecida, que atrai para si o interesse de muitos brasileiros e alguns estrangeiros. Aparecida se tornou, mesmo para muitos que não possuem crença na divindade, um elemento relevante para suas pretensões. Esta será, então, a base para este estudo.

Estar no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, na cidade de Aparecida-SP, atualmente, remete, no imaginário das pessoas a sensação de estarem inseridas em um imenso contexto histórico repleto de um emaranhado de fatos que ocasionaram aquilo que é, hoje, o maior símbolo da fé católica brasileira. Está se falando da devoção a uma Santa, que há quase trezentos anos foi encontrada nas águas do Rio Paraíba do Sul – na região conhecida por Vale do Paraíba paulista – mais precisamente, num porto chamado Itaguaçu.

O romeiro que chega a Aparecida, seja por meio das suas romarias programadas¹, ou ainda por veículo próprio, não possui em sua mente a noção da quantidade de peregrinos que já estiveram por aquela localidade prestando o seu culto, mas que, para o cenário do catolicismo brasileiro possui uma enorme importância.

A fé que boa parte do povo brasileiro possui no poder sobrenatural dessa imagem transpassa quase três séculos, e, as realidades sociais dos brasileiros, à época em que esta escultura foi achada, não se diferem muito da lógica de desigualdades sociais em que uma significativa parcela da população brasileira está inserida. Portanto, serão traçados nesses

¹ Trataremos da questão das Romarias programadas adiante no estudo.

primeiros capítulos de trabalho, as similitudes existentes no devocionismo popular católico brasileiro de outrora – época em que se deu o início da devoção à chamada Santa Aparecida – até a atualidade – ou seja, o grande número de visitantes, radiouvintes, telespectadores, leitores, e internautas² que, por diversas maneiras, podem se fazer membros do número de fiéis que participam, ou que propagam esta devoção à Nossa Senhora Aparecida.

Tais dificuldades enfrentadas pelas populações, tanto da primeira metade do século XVIII, quanto agora, na primeira metade do século XXI, possuem características que favoreceram o crescimento dessa devoção à Santa Aparecida, pois, em ambos os casos o povo sente a necessidade de ter em que se apegar durante os períodos de dificuldades enfrentadas no decorrer da vida. Muitas pessoas buscam na religião as respostas que não são capazes de formular para muitas das perguntas e acontecimentos que surgem no decorrer de suas vidas, sendo assim, a solução para tudo é direcionada a um ser diferente, no caso, algo, ou alguém³ com poder de fazer acontecer o impossível, o improvável. Rememorando Durkheim (1996) em sua clássica “Formas Elementares da Vida Religiosa”, a religião seria, portanto, uma espécie de especulação sobre tudo o que escapa à ciência e, de maneira mais geral, ao pensamento claro (DURKHEIM, 1996).

O fenômeno religioso das romarias a Aparecida emerge, então, dessa lógica de apego a uma divindade que, segundo o mito do encontro da imagem⁴, surge no meio de uma parcela bastante pobre e necessitada da população local da Vila de Guaratinguetá. A divulgação de tal mito “miraculoso”, e a falta de cuidados das lideranças políticas locais com essa parte esquecida do povo, fez com a devoção à santa se desenvolvesse de tão grande forma.

Busca-se neste trabalho, primeiramente, um levantamento acerca do contexto histórico em que se deu o encontro da imagem da Santa de Aparecida, e, ao mesmo tempo, traçar as características históricas locais das pessoas que se dispuseram a acreditar nesta representação de uma divindade. Também serão apresentados os contextos políticos, sociais, e até geográficos que possibilitaram o desenvolvimento desta devoção, bem como a influência

² O Santuário de Aparecida possui atualmente uma grande rede de comunicações que possui veículos de informações em todos os seguimentos que a tecnologia digital oferece. O alcance da “Rede Aparecida” de telecomunicações é bastante longo e grande propagador da devoção à santa de Aparecida.

³ Nem todas as religiões apresentam as seguintes características: a existência de Deus (ou deuses), preceitos morais/comportamentais, mito de origem e relações com o sobrenatural (RODRIGUES, 2013).

⁴ Mais a frente será apresentado tal mito, e a análise dele.

ocasionada graças à aceitação e equiparação das histórias de vidas dos fieis com a aparência da imagem da Santa⁵.

Passando por quase trezentos anos, desde o momento em que dizem que tal imagem de Santa fora encontrada, serão analisados os panoramas de transição pelos quais a devoção popular foi passando, tanto por parte dos ditos “devotos” – ou seja, aqueles que possuíam crença na divindade representada na imagem – quanto também àqueles que usurparam da relevância que os fiéis davam à devoção que possuíam, a ponto de enriquecerem às custas das esmolas oferecidas pelos fieis. A mesma Aparecida que era tratada enquanto possível “solucionadora” de problemas enfrentados pelos devotos – que creditavam à crença no poder desta imagem à resolução de suas dificuldades – era a mesma “financiadora” daqueles que viam na devoção popular um grande meio de enriquecimento.

Posteriormente, será creditada uma etapa do trabalho a fim de se realizar uma reflexão sobre a importância do Santuário de Aparecida enquanto fonte de renovação para o catolicismo brasileiro recém-saído do regime do padroado – no qual estava submisso aos interesses do Império. Aparecida se tornou um instrumento de (re) catequização dos católicos brasileiros, por se tratar de um ambiente propício à divulgação dos interesses do “novo” catolicismo pretendido de ser apresentado aos católicos, de acordo com a ideologia dos bispos reformadores católicos brasileiros⁶.

Como instrumento para incentivar essa reformulação na crença católica nacional, serão desenvolvidos, junto aos fieis, tentativas de se promover as chamadas “romarias programadas”, que eram excursões planejadas em paróquias e outras comunidades católicas locais, visando uma preparação das pessoas para a realização das peregrinações a Aparecida. Após essa preparação, acontecia-se, então, a referida romaria, e, já no Santuário de Aparecida, os religiosos que trabalhavam no local se propunham a realizar os trabalhos pastorais influenciados pelos interesses de renovação pretendidos pela alta cúpula Católica brasileira. Terminada a romaria, esses peregrinos eram incentivados a divulgar o que fora apreendido a

⁵ Juliana Beatriz Almeida de Souza, em seu texto: “Virgem Mestiça: devoção a Nossa Senhora na colonização do novo mundo” (2001) apresenta como fator de influência no crescimento da devoção a Nossa Senhora Aparecida, e a outras representações marianas na América Latina, o fato de que os devotos encontraram nas imagens das “santas”, e em suas histórias, exemplos semelhantes aos seus históricos de vida (SOUZA, 2001).

⁶ BRAGA, 2008.

partir da peregrinação em suas paróquias e comunidades locais, assim como, outrora, no início da preparação para a “romaria programada”.

Após este início, pretende-se, como continuação para o referido trabalho, apresentar uma etnografia das romarias existentes à cidade de Aparecida-SP na atualidade. Foram realizadas romarias, ao mesmo tempo em que foram analisados os perfis dos referidos romeiros, quando estes se encontram em Aparecida. Como base para este trabalho etnográfico, tem-se por metodologia analisar diferentes momentos relevantes para o catolicismo brasileiro, tendo o Santuário de Aparecida, novamente, enquanto instrumento de propagação dos interesses do catolicismo brasileiro para todo o país.

Se outrora Aparecida se tornou referência para o que será tratado como instrumento de (re) catequização dos fieis católicos brasileiros, atualmente, observa-se que, novamente em Aparecida, a hierarquia católica brasileira, e até global⁷, aproveita-se da relevância que Aparecida possui para fazer valer os seus interesses enquanto instituição.

⁷ Visto que, os três últimos líderes máximos do catolicismo mundial (os papas João Paulo II – 1980, Bento XVI – 2007 e Francisco – 2013) utilizaram-se de Aparecida para elucidar seus propósitos para o catolicismo latino-americano.

I-Parte: Do surgimento das águas às romarias programadas: o nascimento e o amadurecimento de uma devoção⁸.

1- O povo sente-se esquecido

O final do século XVII e o início do século XVIII representaram para a região do Vale do Paraíba⁹ um período de destaque no cenário da época, pois, durante a corrida do ouro, as riquezas foram buscadas e levadas daquela região para outras mais importantes, politicamente, para coroa portuguesa. As palavras de Brustoloni (1979), mostram que “*a região da Vila Guaratinguetá, como todas as outras vilas do Vale do Paraíba, foi fruto do trabalho de penetração e conquista do solo. Situada no caminho das Minas e do Mar, foi muito beneficiada pela descoberta do ouro nas Minas*” (BRUSTOLONI, 1979). Entretanto, como mostra novamente Brustoloni “*o sonho do ouro foi breve; e acabado este, a Vila passou por um longo período de subsistência, até meados do século XVIII, quando se implantou na região o ciclo da cana com seus engenhos e sua riqueza*¹⁰” (BRUSTOLONI, 1979).

É durante este contexto entre a prosperidade advinda do ouro das Minas Gerais, e do plantio e cultivo da cana de açúcar que se dá o encontro da imagem posteriormente reconhecida como Santa Aparecida. O garimpo não dava oportunidade para que todos os habitantes próximos à região pudessem se direcionar à procura do ouro. Sendo assim, boa parte da população não se via beneficiada com esta possibilidade de atividade econômica durante o “boom” da busca por riquezas. Se durante a expansão da atividade mineradora, a situação econômica de boa parte da população da região do Vale do Paraíba não era boa, após este áureo período da tal situação se tornou ainda pior.

⁸ Para a elaboração desta parte do trabalho, que é pautada na análise dos fatos históricos sobre a devoção a aparecida, serão utilizadas diferentes bibliografias, das quais podemos destacar “*Aparecida a biografia da santa que perdeu a cabeça, ficou negra, foi roubada, cobiçada pelos políticos e conquistou o Brasil*” (ALVAREZ, 2014), “*A Senhora da Conceição Aparecida: história da imagem, da capela, das romarias*” (BRUSTOLONI, 1979), “*História de N. Senhora da Conceição Aparecida: a imagem, o Santuário e as romarias*” (BRUSTOLONI, 1998), “*Nossa Senhora Aparecida, sua imagem, seu Santuário*” (BRUSTOLONI, 1998), “*Peregrinação a Aparecida: das romarias programadas ao turismo religioso*” (WERNET, 2000).

⁹ Nome dado graças ao Rio Paraíba do Sul que corta a região, e que possui sua nascente na Serra da Bocaina, no Estado de São Paulo, e a sua foz em Antafona, um distrito da cidade de São João da Barra-RJ.

Por mais que a população, e a região, não representassem muito para a economia ou a política, geograficamente falando, a localidade era privilegiada por ser um importante ponto de passagem, onde poderiam ser vistos o ouro proveniente do solo das Minas brasileiras, os escravos que, recém-chegados ao Porto de Paraty, vinham para trabalhar nas fazendas (ALVAREZ, 2014). A Estrada Real era passagem obrigatória de quem circulava entre o Rio de Janeiro, e as Minas Gerais. Era, também, ponto de parada para descanso de quem viajava entre o Rio e a capitania de São Paulo. Nas palavras de Alvarez (2014) “*qualquer tropa – assim se chamavam as caravanas que iam em cima de jumentos, levando carroças – que levasse alguma carga valiosa, ou qualquer viajante que tivesse algo importante a fazer no Brasil do século XVIII, acabava passando por Guaratinguetá*” (ALVAREZ, 2014, p.10). Juliana Souza (2001), em seu trabalho “*Virgem Mestiça: devoção à Nossa Senhora na colonização do novo mundo*”, ao citar a devoção a Aparecida, também apresenta a Vila de Guaratinguetá, caracterizando-a como um lugar pacato, humilde, mas, ao mesmo tempo, como também um lugar importante de passagem para viajantes:

“Guaratinguetá foi uma das primeiras vilas estabelecidas, em 1656, com a expansão do povoamento no Vale do Paraíba. Habitações de pau-a-pique, erguidas ao redor da capela de Santo Antônio, no pequeno outeiro à margem direita do Paraíba, deram início à vida do povoado: Santo Antônio de Guaratinguetá. Passagem comum aos roteiros do caminho da Vila de São Paulo e do caminho velho da cidade do Rio de Janeiro para as Minas Gerais e para o Rio das Velhas, a vila desenvolveu-se, mesmo após a segunda metade do século XVIII, marcada por uma economia de subsistência” (SOUZA, 2001, p.80).

Essa importância da região enquanto local estratégico, de fácil acesso para os principais polos econômicos brasileiros à época, trouxe um aumento considerável do número de escravos negros trazidos para a região. A busca por pedras preciosas no sul das Minas Gerais, fez com que aumentasse a população mameluca na região. Todos estes eram nascidos e criados em situação de extrema pobreza: rudes padrões de habitação, alimentação e vestuário (SOUZA, 2001).

Entretanto, a situação social deteriorou-se, ainda mais, após o declínio do ouro; uma parcela considerável da população da Vila de Guaratinguetá estava relegada à situação de miséria. O poder público preocupava-se apenas com a exploração de riquezas, e com a busca

por novas fontes formas de recursos, que rendessem aos cofres públicos grandes quantidades de dinheiro. O contexto histórico do povo de Guaratinguetá esteve às margens dos interesses do poder público, chegando muitas pessoas a não terem com o que se alimentar mesmo estando às margens de um voluptuoso rio como o Paraíba¹¹.

Sendo assim, a população da Vila de Guaratinguetá, mais precisamente o povo pobre, sentia-se isolado do restante da população mais afortunada, e não possuía perspectiva nenhuma sobre uma possível melhora em suas condições financeiras, ou mesmo, de possuírem apenas comida com frequência para se alimentarem todos os dias do ano.

2- Comida para o Governador

A Vila de Guaratinguetá era governada por um Capitão-Mor, que exercia o poder por três anos ou mais, conforme sua atuação, e também, dependendo da aprovação do então Governador da Capitania. E em 1717 assumiu o comando do Governo da Capitania de São Paulo Dom Pedro de Almeida Portugal, conhecido como Conde de Assumar (BRUSTOLONI, 1979). Tal autoridade, importante à época, passaria pela região da Vila de Guaratinguetá em decorrência de visitas ao Vale do Paraíba. Sabendo da visita do então Governador, as lideranças políticas da Vila logo se preocuparam em realizar um banquete para recepcionar o Chefe do executivo da Capitania, e, também sua comitiva, que era composta por outras autoridades políticas, além de escravos.

Houve então uma convocação para os povos ribeirinhos que habitavam as margens do Rio Paraíba, para que preparassem suas redes, e fossem atrás de muitos peixes para alimentarem o Conde de Assumar, e toda sua comitiva durante a sua estada na região da Vila de Guaratinguetá.

Os pescadores, à época, eram relegados a uma situação de grandes dificuldades, pois aquela região onde eles se encontravam não era uma localidade boa para a atividade da

¹¹ A palavra Paraíba vem do Tupi “paraiwa” = rio imprestável, ou, mais precisamente, rio ruim para peixe (BRUSTOLONI, 1979).

pesca¹²; e, ainda mais pressionados, estes habitantes das proximidades do rio não tinham o que fazer se não se lançar às águas em busca do requisitado alimento para as visitas.

3- A aparecida das águas: relatos de um episódio esquecido.

A narrativa do encontro da imagem é cercada por mitos que apresentam o fato como algo que transcende a realidade humana. Sobre a questão das narrativas orais que apresentam um mito específico, Carlos Alberto Steil (1996), em seu livro: “O Sertão das romarias” (1996) mostra que *“as estórias que se seguem estão referidas basicamente ao contexto oral, o que tem um efeito considerável sobre o conteúdo e transmissão do repertório cultural que elas colocam em circulação”* (STEIL, 1996); ou seja, a apresentação do mito específico do encontro da Santa Aparecida, parte da tradição oral daqueles que acompanharam a ocorrência do fato, ou, se depararam com a narração realizada por aqueles que presenciaram tal acontecimento.

Além da narrativa tradicional da cena do encontro da Santa, existe ainda outra narrativa mítica¹³ que relata este acontecimento de maneira distinta daquela apresentada pela Igreja Católica no Brasil. Sobre a questão dos mitos, nas palavras do antropólogo Lévi-Strauss (2008), tem-se que *“o mito faz parte da língua, e é pela palavra que o conhecemos, ele pertence ao discurso”* (STRAUSS, 2008, p.297). E, novamente, salienta-se que esta outra narrativa do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida, tem sua base na lógica da oralidade, disponível graças àqueles que, porventura, se depararam com a narrativa de tal acontecimento.

¹² Vide o significado dado ao nome Paraíba.

¹³ Sobre a questão dos mitos, o antropólogo belga-francês Claude Lévi-Strauss relata que *“há quem afirme que cada sociedade expressa, em seus mitos, sentimentos fundamentais como o amor, o ódio ou a vingança, que são compartilhados por toda a humanidade. Para outros, os mitos constituem tentativas de explicação de fenômenos de difícil compreensão, astronômicos, meteorológicos”* (STRAUSS, 2008, p.294-295).

Nas palavras de Brustoloni (1979), padre redentorista¹⁴, e historiador, que se dedicou a escrever sobre o histórico da imagem de Nossa Senhora Aparecida, é relatado que:

“fatos acontecidos sempre geram histórias populares, mas nem sempre estas são fiéis às circunstâncias dos mesmos. A fertilidade da imaginação popular costuma criar ao seu redor um halo de mistério, sobretudo se tem relação com o sagrado. Com o passar dos anos, isto se verificou também com as circunstâncias que envolveram o achado da Imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida”. (BRUSTOLONI, 1979, p.33-34).

Pode-se dizer que, por ser um religioso, a escrita do padre Brustoloni desdenha dessa tradição popular de apresentar o mito do encontro da imagem da Santa Aparecida como diferente daquela que é tida como oficial pelos autores¹⁵ que se aventuraram em descrever tal fato. Ao passo em que apenas apresenta tal narrativa distinta da defendida pelo clero brasileiro, Brustoloni reforça a ideia que ele tem de que houve veracidade no encontro da imagem de Aparecida, a partir da tese realçada pelos clérigos. Neste caso, o autor assume o papel de religioso que narra ditos populares, entretanto, não discute nem esclarece as histórias narradas por moradores locais, ou outros conhecedores desta narrativa.

Contudo, como nos mostra Steil (1996), em seu estudo sobre as romarias ao Santuário de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, não se pretende defender uma hipótese ou outra do encontro da imagem, mas sim, apresentar os possíveis ocorridos, e discorrer sobre os impactos que este acontecimento proporcionou para a população da época, ou ainda, para os devotos e visitantes que até hoje celebram e dialogam sobre este acontecimento.

A tradição bíblica se faz presente na elucidação de alguns mitos iniciadores de uma devoção, e pôde ser vista nos trabalhos de análise dos cultos de Nossa Senhora de Guadalupe e Nossa Senhora dos Remédios no México, onde Victor e Edith Turner mostram que muitos dos relatos que se construíram em torno dos Santuários erigidos sob esta devoção mariana, estão profundamente enraizados em uma tradição judaico-cristã e evocam os temas centrais da bíblia. Veem as estórias narradas sobre estas figuras marianas como tentativas de inscrever

¹⁴ Ordem religiosa de nome “Congregação do Santíssimo Redentor”, criada em 1789 em Nápoles, na Itália. Mais à frente serão apresentados, com mais detalhes, relatos acerca da presença dessa ordem religiosa em Aparecida, e seu trabalho desenvolvido.

¹⁵ Tais autores são os mesmos que foram citados no início do trabalho.

o seu culto local dentro da narrativa católica universal (STEIL, 1996). Escreveram Victor e Edith Turner que:

“como antropólogos, frequentemente ficamos desconcertados ao perceber que os motivos eternos da peregrinação que considerávamos de origem indígena são partilhados ao nível popular pelos católicos em todos os lugares” (TURNER, apud STEIL, 1996).

Sobre a narrativa que se falava a respeito do encontro da imagem, Brustoloni mesmo narra que:

“no século XIX existiram algumas histórias fantásticas para explicar o aparecimento da imagem. Entre elas, corria de boca e boca, a lenda da enorme serpente que apareceu no rio Paraíba, junto da cidade de Jacareí e que pôs a população em estado de pânico. Para afugentá-la, dizem, teria alguém lançado nas águas do rio Paraíba uma pequena imagem de Nossa Senhora da Conceição, padroeira daquela Vila. E a enorme serpente fugiu, deixando para sempre, tranquila a população. Anos depois, conta a lenda, que a mesma imagem foi encontrada nas águas do rio Paraíba” (BRUSTOLONI, 1979, p.33).

Nota-se que esta primeira narrativa sobre o porquê da imagem da Santa estar no rio, traz um fato muito relevante, biblicamente falando, que é a presença de uma serpente. Steil (1996) mostra que a serpente remete, no simbolismo bíblico, à questão do mal presente no início do mundo, como um elemento externo e perturbador (1996). A serpente é um animal astuto e traiçoeiro, que possui um significado relacionado ao mal. O livro do Gênesis, que narra o mito da criação do mundo – e da humanidade – traz a figura da serpente como o animal que enganou Eva e a fez, junto com Adão, comer do “fruto proibido”.

Após tal acontecimento, existe ainda o relato de que Deus amaldiçoou a serpente dizendo: *“Porque fizeste isto, maldita sejas entre todos os animais do campo e entre todos os animais selvagens; sobre teu ventre caminharás e o pó da terra comerás todos os dias de tua vida”* (BÍBLIA, Gênesis 3, 14). O fato de que a figura mítica da serpente está relacionada a uma ideia maligna – ou mais precisamente ao próprio diabo – nos escritos bíblicos do antigo testamento, é reforçada pela ideia de que a população de Guaratinguetá se encontrava aflita

em razão do temor da existência deste monstro nas proximidades de onde as pessoas se encontravam.

O mesmo livro do Gênesis trata ainda da relação da serpente com a mulher, e que, mais uma vez, aparece a figura de Deus relegando o animal a uma inimizade eterna com o sexo feminino:

“Porei inimizade entre ti e a mulher, entre tua descendência e a descendência dela: esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (BÍBLIA, Gênesis 3, 15).

A relação da mulher com a serpente aparece, então, no primeiro livro bíblico. Entretanto, tal encontro entre o animal e a mulher tem um destaque especial dos escritores deste livro, no último capítulo, o chamado livro do Apocalipse¹⁶, onde é descrito que apareceu no céu uma mulher (que é relacionada a Maria, a mãe do Cristo) e depois apareceu um dragão (relacionado à serpente). Houve então um confronto entre o exército celeste – que tentava defender a mulher do monstro – e o exército de Satanás – figura maligna que se apresentava sob a figura de um dragão –, e, segundo este escrito bíblico:

“E o enorme Dragão, a antiga serpente, o diabo ou Satanás, como é chamado, o sedutor do mundo inteiro, foi lançado sobre a terra, e seus anjos foram lançados juntos com ele” (BÍBLIA, Apocalipse 12, 9).

Para analisarmos a questão dos símbolos bíblicos, relacionados à narrativa do encontro da imagem de Aparecida, julga-se importante a contribuição dada por Lévi-Strauss a respeito destes conceitos. Sobre o pensamento levistraussiano, pode-se dizer que, para o autor, um elemento da cultura não pode jamais ser interpretado por si mesmo, mas unicamente enquanto está oposto a um, ou a vários outros elementos. Da mesma forma, não há um domínio de interpretação único, mas um conjunto de domínios, que Lévi-Strauss chama de "códigos", onde as oposições simbólicas se interpretam.

¹⁶ Nas palavras do dicionário brasileiro da língua portuguesa: “1. o último livro canônico do Novo testamento, em que se acham exaradas as revelações feitas a João Evangelista na Ilha de Patmos. 2. Alegoria, ou sucessão de alegorias fantásticas. 3. Discurso confuso, linguagem incompreensível”.

Para tanto, vemos que o mito da presença da imagem da Santa Aparecida, possui relação com a ideia bíblica de que Maria possui o poder de enfrentar o monstro – ou no caso a serpente – da mesma forma com que enfrentou o Dragão na narrativa bíblica do livro do Apocalipse. A presença de uma serpente nos mitos de encontros de imagens não é algo exclusivo ao caso da santa de Aparecida. O mito da imagem do Bom Jesus da Lapa, na Bahia, segundo apresenta Steil (1996), traz consigo a figura, mais uma vez da víbora, onde, em uma gruta da região da Lapa-BA, havia uma cova denominada de cova da Serpente (STEIL, 1996)¹⁷. A julgar pelas referências de Segura (1987) sobre este mito, este espaço sempre esteve relacionado com o demônio e com Maria:

“diz a lenda que nesta cova existia uma grande serpente com asas, e que quando saísse devoraria todos os habitantes da Lapa. Dizem que um grande missionário Frei Clemente, que pregou na Lapa e noutros lugares do rio São Francisco, no fim do século XVIII, aconselhou a todos para rezarem o ofício de Nossa Senhora, porque, cada vez cairia uma pena da serpente e, caídas todas, não mais poderia voar, e morreria” (SEGURA, 1987, p.146-147).

Além da cova da Serpente, Steil traz em seus escritos sobre as romarias a Bom Jesus da Lapa-BA o mito da existência da convivência de um humano com outra fera: a onça. Steil narra que um monge viajante – que carregava consigo uma imagem do Bom Jesus – encontrou uma gruta pelo caminho, e parou por ali para fazer de lá sua morada. Quando adentrou no espaço, percebeu havia lá dentro outra gruta, onde este colocou a imagem do Bom Jesus que carregava. Aquela era uma cova que servia de habitat para uma onça, e quando ela chegou, o monge teve medo, e resolveu pegar a imagem para se defender. Esta estava colada ao chão. Então a onça se aproximou ao monge e ele percebeu que ela possuía um espinho na pata. O monge retirou o estrepe, e curou a ferida na pata da onça, e, a partir de então, houve uma convivência pacífica entre o Monge e a fera. Steil (1996) trata este mito como outra alusão a um mito bíblico, o da encarnação, um mito bíblico relacionado ao nascimento de Jesus¹⁸.

¹⁸ A alusão à convivência pacífica do monge com as feras pode ser vista como uma referência a Isaiás 11, 1-9, que é uma das fontes do relato sobre o nascimento de Jesus (STEIL, 1996): “Então o Lobo morará com o cordeiro, e o leopardo se deitará com o cabrito. O bezerro, o leãozinho e o gordo novilho andarão juntos e um

Presente no imaginário popular, a ideia que se tem sobre a serpente é a de que existe uma esperança de se vencer o mal, que está relacionado à sua imagem, a partir da figura da mulher (àquela que, segundo a mitologia bíblica, teve um contato direto com a víbora em algumas situações) – primeiramente enquanto pessoa que se deixou levar pela tentação, e, depois, como pessoa que venceu este animal em um confronto direto do bem contra o mal.

Maria, para os católicos é essa mulher capaz de vencer esse mal, e, responsável, também, por derrotar a serpente – ou o monstro – e livrar o povo de ter que se deparar com este perigo que viesse a assombrá-los. Por isso a razão da existência do mito de a imagem de Nossa Senhora da Conceição ter sido jogada nas águas do rio, a fim de que a população do Vale do Paraíba pudesse se ver longe deste perigo, e, visse na figura de Maria, a solução para se livrar dos males que aparecessem em seus caminhos¹⁹.

Entretanto, essa versão não é muito difundida, dado ao trabalho dos religiosos em tentar desmistificar tal acontecimento do imaginário popular²⁰. Em Bom Jesus da Lapa, Steil relata que a gruta onde a tradição popular diz que era a cova da Serpente, o clero local transformou-a em Capela de Nossa Senhora Aparecida, re-significando, assim, o mito, e dando uma ênfase diferenciada a ele. Assim, tem-se, a vitória de Maria sobre a serpente, mas também, a vitória da Igreja e da ortodoxia sobre a religião popular e sobre as superstições dosromeiros (STEIL, 1996). Portanto, o interesse dos religiosos não busca somente romper com esses mitos antigos que não possuem relação com a ortodoxia católica, mas, sim, reinterpretá-los e incorporá-los à devoção que se tem sobre um fato ocorrido.

menino pequeno os guiará. A vaca e o urso pastarão juntos, juntas se deitarão as suas crias. O leão se alimentará de forragem como o boi. A criança de peito poderá brincar junto a cova da víbora” (Is 11, 6-8) (STEIL, 1996).

¹⁹ Esta outra narrativa do encontro da imagem, apresentada por Brustoloni (1979), traz a ideia de que alguém deva ter jogado uma imagem de santa no rio. Imagina-se que a intenção deveria ser a de que a divindade expressada na imagem da santa pudesse combater o monstro.

²⁰ A preocupação que os religiosos possuem de romper com narrativas distintas das oficiais – para relatar um fenômeno religioso –, se dá devido à ortodoxia que se tem sobre a religião popular, e a busca por encerrar o que consideram “superstição” dos devotos (STEIL, 1996).

4- A (a/A)parecida das águas: relato difundido e defendido.

A narrativa do mito do encontro da imagem da Santa Aparecida apresenta o fato após o anúncio de que o Conde de Assumar passaria pela Vila de Guaratinguetá, junto com sua comitiva, e se hospedaria ali pela região. Sendo assim, foi solicitado pela câmara de Guaratinguetá que os pescadores da região fossem para o rio Paraíba em busca de pescarem muitos peixes para que os visitantes pudessem ser alimentados. E, muitos foram os ribeirinhos que saíram em busca dos referidos peixes, para satisfazerem as determinações que lhes tinham sido dadas.

O mito apresenta que, dentre estes pescadores, três deles saíram juntos, em um mesmo barco: Domingos Garcia, João Alves, e Filipe Pedroso, os quais, segundo Brustoloni, “*iniciaram a pescaria no Porto de José Correa Leite, distante de Itaguaçu cerca de 6 quilômetros rio acima*” (BRUSTOLONI, 1979, p.36). E diz-se que a pescaria estaria sendo péssima. Entretanto, ao chegarem à região conhecida como Porto Itaguaçu, ali sentiram que a malha de sua rede estava pesando, e, ao puxarem sua rede, perceberam que ela não havia pescado peixe, mas sim algo escurecido, estranho, semelhante a um toco de madeira. Dedicando mais atenção ao objeto que haviam pescado, perceberam que se tratava do corpo de uma imagem de Santo que estava preta. Deixaram, então, tal objeto no barco, e prosseguiram jogando as redes no Paraíba. Novamente sentiram uma rede pesar, e, ao puxarem-na, perceberam que haviam pescado a cabeça de uma santa. Ao tentarem um encaixe com o corpo que outrora havia sido pegado, obtiveram êxito. Era uma imagem de Nossa Senhora da Conceição²¹.

A versão difundida pelos narradores que apresentam o mito do encontro da imagem da Santa Aparecida tem origem em um relatório escrito pelo vigário da paróquia Santo Antônio de Guaratinguetá, e data do ano de 1725 (BRUSTOLONI, 1979). Esse padre, de nome José Alves Vilella, chegara para trabalhar na região da Vila de Guaratinguetá em 1725, ou seja, oito anos após a data que dizem ter acontecido o aparecimento da imagem. O fato ainda narra que, após a imagem ter sido encontrada, os pescadores continuaram com a pescaria, e, a partir

²¹ Esta devoção a Nossa Senhora da Conceição criou profundas raízes na religiosidade popular brasileira. Foi dotada com privilégios e festas oficiais desde 1646, quando Dom João IV, Rei de Portugal, proclamou Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Portugal e seus domínios (BRUSTOLONI, 1979).

do encontro, a pescaria tornou-se exitosa, ou seja, muitos peixes foram pescados, o que foi considerado pelos pescadores, e àqueles que acreditam, como sendo um milagre²². Sobre este fato escreveu Rodrigo Alvarez “*conta-se que a pescaria estava péssima e só depois que a santinha decapitada foi encontrada é que os peixes se assanharam e pularam aos montes para dentro da rede*” (ALVAREZ, 2014, p.105).

Quando se encontram em situações extremamente complicadas, principalmente no que se referem a questões de saúde, as pessoas tendem a se agarrar na fé, pois consideram que, através dela, conseguem ter seus problemas solucionados, ou ainda, suas doenças curadas. François Laplantine (2010), em sua obra “Antropologia da doença”, descreve a visão antropológica da cura de doenças, onde apresenta que “trata-se de uma terapia popular que se exprime através de um discurso religioso” (LAPLANTINE, 2010). Agraciados ou não por milagres, muitas pessoas encontram na fé até a razão pela qual o milagre aconteceu ou não à sua vida, ou a de um ente querido. Tudo está relacionado com a vontade de um ser superior. A existência ou não de curas, ou de situações sobrenaturais na vida das pessoas, representa a vontade ou não de determinada divindade em atender a solicitação daqueles que estão solicitando que tal milagre aconteça. Na maioria das vezes, tendo alcançado ou não a graça pretendida, as pessoas tendem, a princípio, a se conformarem com a resposta para a solicitação desejada. Mas, dependendo do caso, onde é bastante difícil à cura, muitos abandonam a sua fé por não serem atendidos.

A crença do povo da região em Nossa Senhora da Conceição tem então o seu alicerce construído: os pescadores necessitavam pescar para conseguir levar o peixe da região para alimentar os membros da comitiva do Governador da Capitania de São Paulo (inclusive o próprio). Sendo assim, estavam vulneráveis, ou seja, sujeitos a se apegarem em alguma divindade que, porventura, pudesse lhes auxiliar nesse propósito²³. Sobre a questão da crença popular na figura de um santo, Renata Menezes (2013) assim apresenta o que o catolicismo apresenta sobre tal fato:

²² Uma dentre as causas que faz o ser humano procurar o improvável é o chamado milagre, que seria, na opinião popular, o impossível se tornando possível. A busca por milagres, por soluções para os problemas da vida, faz com que muitos visitem locais considerados “sagrados”, pois possuem características históricas que garantem que tais localidades possam ser tidas como especiais.

²³ Nesses momentos de vulnerabilidade é que as pessoas tendem a se apegar em crenças, onde tentarão conseguir auxílio para resolver seus problemas.

As referências a esses tipos de vínculo com os santos lembram que, do ponto de vista da Igreja Católica e de seu modelo universalista, não há tempo nem espaço sem santos – cada dia tem seus santos, e cada lugar seu padroeiro. Os santos católicos marcam o tempo, constituindo o próprio calendário católico, e o espaço, demarcando territórios sobre os quais se estendem sua proteção. Portanto, dessa ótica, cada ser humano já nasce multivinculado, isto é, está potencialmente ligado a uma série de santos, pelo simples fato de existir em determinado tempo ou espaço. (MENEZES, 2013, p. 234).

O aparecimento dessa imagem, que, segundo o mito teria sido proveniente das águas do rio Paraíba, trouxe à população uma base sólida para que passassem a confiar em uma proteção vinda de um ser sobre-humano capaz de promover situações que aliviariam os fardos pesados e trabalhosos que as pessoas estariam carregando (responsabilidades e dificuldades), facilitando que tais atividades cotidianas fossem amenizadas, mesmo que suas condições de vida acabassem sendo as mesmas. A fé do povo pobre na Santa Aparecida pode não ter melhorado as condições de vida das pessoas, mas, passou a maquiá-las, e a auxiliar as pessoas a aceitarem suas condições com maiores resignações.

5- O que representou(a) esta imagem?

Conforme já apresentado, o fato de a imagem da Santa Aparecida ter sido encontrada, e depois, tal fato ter sido sucedido por um “milagre” – que foi o mito da pesca abundante – fez com que os então pescadores passassem a divulgar este acontecimento àqueles que se encontravam próximos ao local – Porto Itaguaçu – e posteriormente, àqueles que residiam pelas imediações de onde a imagem da Santa foi encontrada. Esta foi uma das razões que fez com que as pessoas passassem a acreditar que, aquela imagem, pudesse ser considerada como o símbolo de um poder sobrenatural de uma divindade que se fizera transparecer através deste objeto: uma estátua de barro²⁴.

No que se refere à imagem da Santa, algumas perguntas vêm à tona ao refletirmos sobre o acontecimento que o mito narra: de onde viera? Quem fora seu escultor? Ou ainda, qual a razão de sua estada nas águas do rio Paraíba? Recorrendo, mais uma vez a Brustoloni

²⁴ A imagem da santa É feita de terracota, a partir de barro paulista, e mede 39 centímetros (SOUZA, 2001).

(1998), em “*História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida: a imagem, o santuário e as romarias*”, apresenta que a imagem deve ter sido feita em barro paulista, por um discípulo de um escultor religioso chamado Frei Agostinho da Piedade. Chega-se a essa conclusão devido aos traços característicos²⁵ de obras deste mesmo escultor que foram encontradas alguns anos mais tarde em um mosteiro na Bahia, onde residiu. O nome deste discípulo também é conhecido atualmente. Trata-se de um religioso chamado Frei Agostinho de Jesus, que foi, então, discípulo de Frei Agostinho da Piedade, e que também teve algumas de suas obras encontradas em um mosteiro na cidade do Rio de Janeiro. O fato de considerarem a imagem da Santa Aparecida como sendo esculpida pelo discípulo, e não pelo mestre, se dá pelo fato de que a imagem não possui identificação nenhuma em si própria algo que também fora observado nas imagens de Santos esculpidas pelo então Frei Agostinho de Jesus. Já nas esculturas de seu mestre, há sempre uma identificação gravada com seu nome, e a data da concretização da escultura.

Sobre o fato de a imagem da Santa ter sido encontrada quebrada nas águas do rio Paraíba, é sabido que muitos católicos, ao terem suas imagens de Santos quebradas, costumam jogar essas imagens em rios mesmo, ou até deixa-las nas portas de igrejas, ou em cemitérios. Até hoje tal costume é praticado, pois, os católicos acreditam que, ao se desfazerem desses objetos de culto, dando-os estas referidas destinações, estariam, então, fazendo algo que estivesse livre do “pecado” de jogar uma imagem benzida e quebrada no lixo. Tal prática pode ter sido a razão pela qual a imagem tenha sido encontrada submersa no rio. Outra razão está relacionada ao mito de que a imagem da santa teria sido jogada nas águas para combater o monstro (dragão) que aparecera no rio Paraíba, conforme narrado anteriormente.

Aparece ainda, outro mito sobre a razão pela qual a imagem da Santa estar afundada no rio, e que é apresentado por Juliana Souza (2001) em seu escrito “*Virgem Mestiça: devoção à Nossa Senhora na colonização do novo mundo*”, onde a autora apresenta um novo

²⁵ Dentre os traços característicos se destacam: “*forma sorridente dos lábios, descobrindo os dentes da frente; forma do rosto, com o queixo encaestado, no meio do qual há uma covinha; o penteado; as flores em relevo nos cabelos; o diadema na testa, como um broche com três pérolas pendentes e o porte empinado. Nota-se, também, na imagem de Nossa Senhora Aparecida, a perfeição das mãos postas, pequeninas e afiladas como as duma menina e as mangas simples e justas, de muito requinte, terminando no punho esquerdo dobrado à maneira dos mestres seiscentistas do barro paulista*” (BRUSTOLONI, 1979).

fato à história da Santa Aparecida, na qual considera a hipótese de que a santa seja uma cópia em imagem da figura de Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira da América Latina:

“Na verdade as semelhanças, entretanto, não parecem passar daquelas relativas à representação oficial da Imaculada Conceição, isto é, o manto azul e, aos pés, a meia-lua e o anjo. De comum, ainda, entre a Virgem de Guadalupe e a de Aparecida, há o tom escurecido da cor das imagens, relacionando, em um caso aos índios, e, no outro, aos negros. Não há, porém, o que comprove ter sido essa característica copiada, ainda que a semelhança possa ter significado uma vantagem em ambos os casos, tornando-se um dos elementos importantes para a sua posterior transformação em símbolos nacionais” (SOUZA, 2001, p.84).

Todavia, quanto ao fato de uma imagem de Guadalupe surgir na região da Vila de Guaratinguetá, no Brasil, e ainda no fundo do rio Paraíba, Souza apresenta:

“dois lusitanos que estiveram no México em finais do século XVI, levaram para Portugal a devoção a Nossa Senhora de Tepeyac²⁶, e depois, tal crença foi trazida para a Terra de Santa Cruz, com os primeiros colonizadores. Os pardos e os mestiços tomaram logo a Virgem Morena²⁷ por padroeira, erigindo-lhe templos na Bahia e em Olinda” (MEGALE, apud SOUZA, 2001, p.85).

E sobre o fato de a imagem estar na Vila de Guaratinguetá:

“Assim, em 1590, um dos fundadores da Capitania de Sergipe, o capitão-de-mar-e-guerra, Pedro Homem da Costa, lá se estabeleceu, colocando sua estância sobre a proteção da Virgem de Guadalupe. Em 1614, ela teria ajudado na expulsão dos franceses do Maranhão, e Jerônimo de Albuquerque se teria tornado herói da expulsão, após invocar sua proteção. Mas, os descendentes de Pedro Homem da Costa vieram para São Paulo e formaram uma fazenda perto de Guaratinguetá, onde ergueram uma ermida em homenagem a Guadalupe. Pouco depois, na primeira década do século XVIII, em conflitos com os mamelucos, a capela teria sido arrasada e a imagem, quebrada em dois pedaços, separada a

²⁶ Referindo-se ao monte do Tepeyac, local onde, supostamente, a figura de Nossa Senhora de Guadalupe apareceu ao índio Juan Diego, no México, em 1531.

²⁷ Neste caso trata-se de Nossa Senhora de Guadalupe, e não de Nossa Senhora Aparecida.

cabeça do corpo. Um escravo, encarregado de fazer desaparecer a imagem, a teria atirado no rio. Este relato, portanto, explicaria o aparecimento da imagem quebrada nas águas do paraíba e a ideia de que a imagem da Virgem Aparecida é uma representação da de Guadalupe” (SEABRA, apud SOUZA, 2001, p.85).

A respeito da veracidade destes fatos, não cabe ao antropólogo escolher uma hipótese ou outra das narrativas apresentadas, para poder trata-las como verdadeiras, mas sim analisar as narrativas existentes sobre os acontecimentos buscados, e, elucidar o quão importante elas são para a divulgação e crescimento da devoção estudada, a fim de que tal fenômeno possa ser compreendido e divulgado da situação mais clara possível. Sobre as narrativas que foram analisadas por Steil (1996), sobre o Santuário e a devoção ao Bom Jesus da Lapa, na Bahia, o antropólogo descreve que as narrativas são parte da dinâmica de negociação estabelecida no culto do santuário que, ao mesmo tempo em que reinventam a tradição, também dão às mudanças (e à resistência a elas) a sanção do precedente, inserindo-as na continuidade histórica (STEIL, 1996).

6- A imagem da Santa: reflexo do povo

Após serem encontradas as duas partes da imagem da Santa Aparecida, foi observado pelos pescadores que tal escultura, por mais que fosse uma imagem de Nossa Senhora da Conceição – uma representação de uma mulher branca – àquela imagem que havia sido encontrada possuía uma tonalidade de cor escurecida, distinta das imagens desta mesma Santa, que se conhecia até então. Rodrigo Alvarez em *“Aparecida. A biografia da santa que perdeu a cabeça, ficou negra, foi roubada, cobiçada pelos políticos e conquistou o Brasil”* (2014), apresenta um relato de dois missionários jesuítas que estiveram na Vila de Guaratinguetá entre 1748 e 1749, e que, após o período em que estiveram em terras brasileiras, redigiram um relatório narrando aquilo que haviam encontrado quando chegaram e permaneceram no território onde estava a então imagem da Santa Aparecida:

“os missionários fazem (em seu relato) uma constatação sobre a cor da santinha, possivelmente azulada por algum resto de tinta, ou pelo lodo acumulado durante o período em que ficou no fundo do rio. Os jesuítas usaram a palavra latina caerulei, que de acordo com o dicionário Collins pode significar azul escuro, verde escuro ou simplesmente azul” (ALVAREZ, 2014, p.51).

Todavia, em razão do período da escravidão no Brasil, a imagem da Santa Aparecida acabou ficando com a fama de ser uma imagem de uma Nossa Senhora negra. Conforme já dito anteriormente, a situação econômica do povo pobre da Vila de Guaratinguetá era bastante precária, na qual, essa parcela da população vivia em uma condição de subsistência, não encontrando no poder público nenhuma possibilidade de melhora em suas situações de existência. Ainda havia os escravizados que, em condições piores que àqueles pobres, habitavam a região, e possuíam muito menos perspectivas de mudanças, para melhor, em suas vidas.

Então, é salientado, mais uma vez, que essas pessoas se encontravam em situações bastante vulneráveis, o que fez com que o surgimento – ou melhor, o “aparecimento” – de uma Santa para os pescadores (que eram pessoas humildes), e ainda de aparência escura (em uma localidade onde havia uma grande quantidade de escravos), pudesse ser o responsável pela grande aceitação dessas pessoas “esquecidas pela sociedade” da devoção a essa nova imagem aparecida. Houve então grande facilidade em relacionar a Santa “negra”²⁸ como sendo um sinal de uma divindade que estaria protegendo esse povo humilde e abandonado, dando-lhes a esperança de que uma entidade sobrenatural – no caso a Virgem Maria – se compadecera desse povo, e se colocara a disposição para auxiliá-lo em sua caminhada.

Segundo nos mostra Riolando Azzi, em *“A Igreja Católica na formação da sociedade brasileira”* (2008), a ideia que se tinha da figura da mulher, na tradição religiosa cristã católica, era a de duas mulheres específicas: Eva (aquela que seria a imagem negativa do gênero feminino, pois, segundo o relato bíblico, ela seria a mulher infiel, seduzida pelo demônio) e Maria (a representação positiva do gênero feminino, e que substitui a ideia negativa deixada por Eva, pois seria uma mulher fiel e obediente a Deus) (AZZI, 2008).

²⁸ A imensa maioria das representações que se tem de Maria, traduzidas em imagens ou quadros, é a de uma mulher branca.

Agora, sobre as representações em figuras que remetessem a essas duas mulheres específicas, Azzi nos mostra que:

“opera-se assim a padronização de dois tipos femininos: de um lado, a mulher virtuosa, geralmente lusa, ou de descendência portuguesa, destinada à vida do lar; do outro a mulher pecadora, com frequência mestiça ou mulata, criada fora do controle ético da sociedade colonial, tida como ‘mulher da rua’. Da primeira, a sociedade esperava, após a criação dos filhos, o recato, a pureza, a frigidez sexual; da segunda, os homens queriam a paixão, a liberdade e o desregramento sexual” (AZZI, 2008, p.54).

Portanto, até no que tange as questões ligadas à fé, a população pobre, humilde residente no Brasil, estava relegada a uma condição inferior, pois, ao se referir à figura da mulher modelo, perfeita aos olhos da sociedade da época, têm-se um estereótipo de uma pessoa caucasiana, com heranças europeias, enquanto que, tudo que se dirigia a uma representação negativa do sexo feminino, estaria relacionada a uma pessoa negra, ou mulata. Sendo assim, a representação que passou a se ter de uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, escura, trouxe às pessoas uma ressignificação de tudo o que possuíam de memórias sobre esta figura que está relacionada ao catolicismo.

É sabido que isto não mudou em nada a condição de escravidão ou de miséria que esta parcela da população se encontrava²⁹. Nem houve, muito menos, a extinção do preconceito ou do racismo existente por parte dos “brancos” contra “mulatos e negros”, mas, houve a tentativa de proporcionar a estas pessoas a crença de que elas poderiam estar representadas por uma divindade superior que “quis aparecer” em uma condição de igualdade com aqueles que estavam relegados ao esquecimento (esta questão de igualdade está relacionada no que se refere a cor).

²⁹ Nina Rodrigues (1862-1906), médico e legista, professor da faculdade de medicina da Bahia, inspirado pelo evolucionismo e pelo darwinismo social, via a miscigenação como um sinal do fracasso brasileiro. Buscou explicações sócio-biológicas para a situação dos negros no Brasil; para ele a condição sócio-econômica e cultural dos negros, ou seja, dos povos inferiores, como ele próprio denominava, estavam relacionados e eram conseqüências de sua condição biológica genética. Nossa cultura, lei e moral eram resultados de um longo aperfeiçoamento, estágio, que os povos inferiores ainda não haviam alcançado, assegurava Nina Rodrigues. Essa visão negativa do negro e do mestiço era a mesma de grande parte da população branca brasileira, que via neles as figuras de seres sempre inferiores e submissos a eles. O mestiço era tido como degenerado, e não conseguia conquistar um lugar de destaque na sociedade brasileira.

Sobre as representações marianas na América Latina, Juliana Souza (2001) mostra que esta busca por uma divindade que tivesse uma representação semelhante à particularidade de um povo, não foi algo exclusivo do caso de Nossa Senhora Aparecida – no Brasil – ou Nossa Senhora de Guadalupe no México – que têm sua representação direcionada, respectivamente, a população negra e indígena, onde a autora apresenta um quadro comparativo entre as “santas” que possuem uma veneração específica nos países latino-americanos:

“O quadro nos revela dados interessantes. O primeiro deles é a incidência, na América espanhola, de relatos em que índios aparecem como interlocutores da Virgem (no caso a figura de Maria). Os casos se repetem na Bolívia, na Colômbia, no Equador, no Paraguai, na República Dominicana e na Venezuela, além do que já citado caso mexicano. Narrativas, envolvendo personagens negros, encontramos na Argentina e na Costa Rica. E há o caso de Cuba, onde a Virgem teria sido encontrada por um negro e um índio, juntos. Ainda se pode notar a importância dada aos índios para o crescimento das devoções importadas, como na Guatemala, além do caso da Virgem de Honduras, conhecida como Morenita” (SOUZA, 2001, p.90-91).

Sendo assim, grande parte das invocações religiosas a alguma divindade na América Latina possui uma similaridade comum: o fato de que a figura da mulher estava presente – ou seja, era uma divindade do gênero feminino – e, também, há a situação de que estas representações divinas tiveram a sua “descoberta”, “aparição”, na presença de pessoas, e que, como já apresentadas anteriormente, estavam esquecidas pelo poder público da época. Tal fator se tornou responsável pela devoção, que acabou sendo difundida por essas parcelas da população, e que, posteriormente, encontrou respaldo em outras pessoas, com as mesmas dificuldades existentes; isto possibilitou a divulgação dessas crenças a vários outros ouvidos.

Ainda, sobre esses acontecimentos, Souza (2001) apresenta uma hipótese para o desenvolvimento dessas devoções específicas, e, também, sobre a relevância que indígenas e negros tiveram nessa divulgação das devoções, onde diz que em uma sociedade colonial como aquela em que viviam nos séculos XVI, XVII e XVIII, com dificuldades para a integração entre os povos, havia a possibilidade de acesso da Igreja Católica se aproximar daqueles que estavam mais distantes das suas pregações, e de seus discursos. A Igreja Católica Romana, que se encontrava em regime de “catequização” dos povos ameríndios, buscou então, nessas devoções populares a Santos regionais, um meio para “transformar” o colonizado em aliado

(SOUZA, 2001). As pretensões das coroas portuguesa e espanhola, de catequizar os povos nativos da América foram conquistadas, em dados momentos, mediante essas situações de convívio amigável entre missionários e indígenas.

Em suma, amparado pela necessidade do povo em ter uma representação divina que pudesse garantir alento, as devoções marianas na América Latina obtiveram o respaldo necessário para que pudessem se desenvolver e ter o seu crescimento assegurado. A Igreja Católica, enquanto instituição religiosa, também abraçou tais crenças, e aprovou o culto a estas devoções, vendo nelas a chance de poderem chegar ao povo e difundirem seus ensinamentos e dogmas, a partir da incorporação dessas representações à devoção católica oficial. Assim fazendo com que estas “crendices populares” encontrassem respaldo e pudessem ser acompanhadas pela Igreja em sua divulgação. Pode-se dizer, então, que *“a criação do mito da Senhora Aparecida das águas não está isolado, mas, ao contrário, pertence a um universo de crenças e práticas religiosas que cabia à Igreja Católica normatizar e incorporar”* (SOUZA, 2001, p.92).

7- De boca em boca se espalha uma devoção

Após a apresentação do mito do encontro da imagem da Santa Aparecida, e depois da amostra do contexto histórico em que tal fato aconteceu – tanto no Brasil, quanto no restante da América Latina – partir-se-á, nessas próximas reflexões, para a análise da devoção do povo a esta nova divindade surgida. Também haverá análises acerca da propagação desta crença na imagem da Santa a outras pessoas que, passaram a acreditar no mito do “aparecimento” nas águas do rio Paraíba, e, mais especificamente, no “fato milagroso”³⁰ que diziam que teria acontecido posterior ao encontro das duas partes da estátua.

Sobre o que aconteceu após a chegada dos pescadores à terra firme, dizem as narrativas históricas que a imagem da “Santa quebrada” foi levada à casa de um destes pescadores – Felipe Pedroso –, e este colando as duas partes, passou a dedicar um pequeno espaço em sua casa, para que a santa pudesse ser colocada. Não se sabe se os outros

³⁰ Tal fato milagroso seria o mito da “pesca abundante”.

pescadores que estavam com o tal Felipe eram religiosos, pois não se tem nada registrado sobre suas vidas, mas, pelo menos este deveria ser, pois foi o responsável por dar o primeiro abrigo para aquela escultura de barro que havia sido tirada do rio³¹. A respeito da importância deste indivíduo, Alvarez apresenta:

“O único que seguramente seguia a religião católica era Felipe Pedroso. Aliás, sem Felipe não haveria Aparecida. Foi ele quem pegou os dois pedaços de barro que João Alves talvez tivesse jogado fora e começou a transformá-los no maior símbolo da fé católica brasileira” (ALVAREZ, 2014, p.108).

Felipe foi, então, o primeiro devoto de Aparecida, o primeiro a acreditar que, nas palavras de Alvarez, *“aqueles dois pedaços de barro”*, pudessem se tratar de um objeto sagrado, representantes de uma divindade, que pudesse se tornar o símbolo de uma devoção a Maria, aquela que é tida pelos cristãos como a mãe de Jesus (BÍBLIA, Lucas 1, 31).

Após levar a imagem da Santa para casa, Felipe Pedroso passou a organizar rezas, onde as pessoas da redondeza pudessem fazer as suas preces³² a esta divindade³³ que se tornara uma novidade na região: todos queriam conhecer aquela santa pescada por “gente deles”, e que diziam ser milagreira. Iniciaram-se, assim, as primeiras visitas – peregrinações – para este primeiro local de devoção, ali próximo a eles mesmo, às margens do rio Paraíba do Sul, na então Vila de Guaratinguetá. A casa de Felipe não era uma igreja, ou um local construído para servir de templo, entretanto, as circunstâncias fizeram daquele lugar, um santuário doméstico que foi aberto para que as pessoas pudessem, também, prestar culto à Santa Aparecida. Felipe poderia guardar consigo esta imagem, e monopolizar o acesso das pessoas a ela; todavia, não o fez; ao contrário, abriu as portas de sua casa (com certeza, diminuindo, e muito a privacidade de sua família) e, possibilitou que outros pudessem fazer o seu momento de oração diante da imagem que já tinha sido reconhecida, por muitos fiéis,

³¹ Acredita-se que a imagem encontrada no rio tenha permanecido com Felipe por ser o mais velho dos pescadores (ALVAREZ, 2014).

³² *“(…) se reuniam aos sábados para rezar o terço e cantar as ladainhas junto da imagem”* (BRUSTOLONI, 1998, p.42).

³³ Mesmo nas religiões naturais dos povos primitivos já havia apelações a divindades, que seriam as guardiãs da vida após a morte. As pessoas buscavam entrar em comunhão com estas divindades a fim de garantir uma vida feliz após a morte. Um modo concreto de fazer tal contato se dá a partir da realização de ritos que comemorem mitos diversos, trazendo-os ao hoje, e evocando a sorte da divindade (BECKHÄUSER, 2007).

como uma divindade que pudesse ser buscada, e que seria digna de ter cultos sendo prestados a ela.

A imagem da Santa permaneceu na casa de Felipe Pedroso por nove anos, quando este a entregou a seu filho, Atanásio Pedroso. Entretanto, por mais que a guarda da imagem permanecesse sob a responsabilidade da família Pedroso, esta não mais seria a “dona” da Santa, dado a grande quantidade de pessoas que passaram a visitar a casa da família em busca de ver a estátua, e fazer suas orações diante dela. *“Atanásio recebeu de seu pai a imagem como um legado de família. Percebeu, no entanto, anos depois, que ela não mais lhe pertencia”* (BRUSTOLONI, 1979, p.43).

Realmente, o “novo” guardião da imagem percebeu que deveria fazer algo mais que abrir as portas da sua casa, para a então devoção a Nossa Senhora Aparecida: Atanásio construiu um pequeno oratório, onde colocou a imagem da Santa, e, esta teve, então, a sua primeira “residência” exclusiva. *“O local escolhido para o oratório da santa ser construído foi nas proximidades do porto de Itaguaçu (local onde a imagem fora encontrada), pois ali era uma localidade próxima à estrada, e seria um local estratégico, pois passavam por ali as caravanas que demandavam as Minas Gerais, São Paulo, Centro-Oeste e Sul”* (BRUSTOLONI, 1998, p.22).

Com a construção do pequeno oratório, a crença das pessoas nessa divindade deixou de ser algo doméstico, ou regional, e passou a ser mais abrangente, ou seja, outros puderam ter conhecimento desta devoção, e, ainda, puderam ter acesso ao local onde se encontrava o objeto concreto de tal crença. Rodrigo Alvarez (2014) relata que foi a partir de 1723, na casa de Atanásio Pedroso, que Aparecida começou a receber um maior número de visitantes, fazendo com que fosse necessária a então construção deste referido oratório: *“ali Atanásio construiu um altar de madeira e um oratório para abrigar a escultura”* (ALVAREZ, 2014, p.112).

O alcance da fama da Santa demorou a “chegar aos ouvidos” do clero local. Só passaram a dar atenção à devoção a partir do momento em que perceberam que diminuiu a quantidade de fiéis que iam para as missas na igreja de Santo Antônio de Guaratinguetá, ao mesmo tempo em que descobriam que o número de pessoas que visitavam o oratório da Santa continuava aumentando (ALVAREZ, 2014). Até que, a instituição Igreja Católica oficial

passou a olhar a devoção à Santa Aparecida com outros olhos, aceitando esta devoção no ano de 1743, e, ao mesmo tempo, buscando organizar e chefiar o culto dedicado a agora, oficialmente, Nossa Senhora Aparecida³⁴ (ALVAREZ, 2014). O vigário de Guaratinguetá, de nome José Alves Vilela, foi quem se interessou – primeiramente enquanto observador – em compreender como tal prática devocional se dava, visitando o oratório e conversando com os fiéis, e, posteriormente como agente que promoveu o primeiro contato entre a instituição Igreja, e a devoção que as pessoas possuíam na imagem encontrada no rio, e que se tratara de algo ainda não oficial (autorizado pela Igreja Católica).

Pode-se dizer que as crenças não oficiais que as pessoas manifestam a alguma representação de divindade podem ser consideradas manifestações do catolicismo popular. Carlos Rodrigues Brandão (2009) apresenta em seu livro “Prece e Benção. Espiritualidades religiosas no Brasil” uma definição feita por Leonardo Boff sobre este tema:

*“Popular é o que não é oficial nem pertence às elites que detém a gestão do Católico. Catolicismo popular é uma encarnação diversa daquela oficial romana, dentro de um universo simbólico e de uma linguagem e gramática diferentes, exatamente aqueles populares. Por isso ele não deve ser encarado necessariamente como um desvio em relação ao Catolicismo oficial. Constitui um diferente sistema de tradução do Cristianismo dentro de condições concretas de vida humana”*³⁵ (BRANDÃO, 2009).

Nesta apresentação sobre o Catolicismo Popular e o Catolicismo Oficial, na qual Brandão parafraseia Boff, pode-se relacionar esta definição com o que acontecera com a devoção à Santa: havia entre o povo da região a crença em uma nova divindade que fora reconhecida e adotada pelas pessoas. Entretanto, tal devoção não havia sido reconhecida pelo clero local, muito menos nacional. Para que o culto a Nossa Senhora Aparecida pudesse ser aprovado era necessário que houvesse o interesse da Igreja Católica em reconhecer essa devoção.

³⁴ Para que o culto à imagem de Aparecida fosse realizado em igrejas, se fazia necessário a aceitação desta devoção, por parte da alta cúpula do catolicismo no Brasil. Tal aceitação da devoção, e autorização para que fosse prestado culto à imagem da Santa se deu em 1743 (BRUSTOLONI, 1998).

³⁵ Brandão apresenta a citação da definição dada por Leonardo Boff: Catolicismo Popular: que é Catolicismo, in: Catolicismo Popular – REB 36, março de 1976, p. 49 e 50.

Como já dito, o fato de as pessoas passarem a frequentar mais o oratório construído para abrigar a Santa, do que a paróquia da Vila de Guaratinguetá, instigou e obrigou o clero a aceitar e incorporar o culto à Santa à igreja local; tal aceitação aconteceu, quando o vigário produziu um relatório com depoimentos e dados históricos colhidos de pessoas que conheciam a devoção à Santa, e defendiam que milagres estariam acontecendo por intermédio da imagem. Assim, formulou-se formalmente o pedido de reconhecimento da hierarquia católica, até que houve a provisão autorizando o culto a Nossa Senhora Aparecida, tendo o vigário de Guaratinguetá, a responsabilidade de administrar liturgicamente o culto a imagem, e também, gerenciar o local onde a Santa fosse ficar. Foi então que, após obter autorização do bispo do Rio de Janeiro, o vigário padre Vilela, construiu uma capela a Nossa Senhora Aparecida, em 1745³⁶.

Sobre as construções de espaços onde há a incidência de peregrinações ou ambientes devocionais católicos, e sobre o embate envolvendo a hierarquia católica tradicional, e comunidades locais – que desenvolvem algum tipo de culto devocional específico – o autor Carlos Rodrigues Brandão, em seu livro “Prece e Folia, Festa e Romaria” apresenta que:

“Na história católica do país sempre houve lugares coletivos de devoção popular. Às vezes uma gruta, uma ermida, às vezes até mesmo uma curva de estrada onde uma cruz de madeira poderia indicar um lugar de morte ou um local de culto. Às vezes uma capela construída por um fazendeiro devoto, pela comunidade de bairro rural ou pelos moradores de uma pequena cidade. Antigas capelas de leigos pelas quais os emissários da hierarquia católica enfrentam questões locais de disputa e controle da prática devocional” (BRANDÃO, 2010, p.209).

A construção desta capela no alto de um morro se deu devido à facilidade que proporcionava às pessoas que moravam por ali, e, também, dos viajantes que passavam pela região, de avistarem, mesmo que de longe, a igreja que fora dedicada àquela santa, da qual já deveriam ter tomado ciência da existência. Em 1745 a capela foi inaugurada com as

³⁶ *Conforme a provisão que aprovava a construção da igreja sob o título de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, em 1743, duas eram as condições que o padre Vilela deveria cumprir. Em primeiro lugar: escolher um local apropriado e receber doação do terreno para a construção da igreja e formação do povoado. O terreno devia servir de patrimônio da capela (...) a escolha recaiu sobre o morro dos coqueiros, local apropriado para se construir nele a igreja e o povoado, duas condições também exigidas para se fundar uma igreja na época (BRUSTOLONI, 1998, p.143).*

celebrações litúrgicas católicas específicas, e, a imagem da Santa foi trazida do oratório de Atanásio Pedroso para ser introduzida em sua “nova casa³⁷”. Ainda sobre a questão da construção de uma capela, para reforçar a crença de um povo simbolizada em algum objeto, e estruturada na estruturação de um templo religioso, Brandão afirma que:

“Quase sempre a história de uma capela está ligada a uma promessa e ao reconhecimento de um milagre. Quase sempre ela é construída para abrigar a imagem de um santo padroeiro, que sai às vezes do domínio de uma casa e de uma família para o de um espaço coletivo de culto comunitário. Não é raro que a constituição de um santo e sua capela como o padroeiro e o local coletivo de culto sejam o momento final de um tempo de concorrência entre santos, através dos atos de seus devotos ou dos donos de suas imagens. Entre outros, um santo tornava-se o mais procurado, o protetor mais poderoso e o milagreiro mais acreditado. A ele não só a comunidade construía a capela como constituía, sobre o modelo de tantos outros cultos anteriores, uma sequência de rituais coletivos de padroagem e devoção comunitária” (BRANDÃO, 2010, p.210).

Para a população da Vila de Guaratinguetá, a crença no mito do encontro da imagem da Santa, e a devoção do povo que por ali morava, e, também dos viajantes que por ali passavam, instigou o interesse das pessoas da região de também fazer parte do corpo de membros da comunidade local, fazendo, como nas palavras de Brandão, a “opção por um santo mais milagreiro”, abandonando a sua igreja de Santo Antônio de Guaratinguetá, e optando pelo oratório da Santa Aparecida. Esta opção do povo por uma divindade diferente, e por outro ambiente de culto, fez com que a hierarquia católica tomasse alguma atitude. Visando viabilizar a devoção à Santa ao credo católico oficial, e incorporar o templo onde a imagem se encontrava aos domínios do vigário local, este ficaria com a responsabilidade de administrar tanto a igreja de Santo Antônio quanto à sua nova capela de Nossa Senhora Aparecida.

Qual atrairia maior público? Não importa, pois, para atender às demandas do povo, o padre tomara a decisão correta para atender “gregos e troianos”: promoveria muitas procissões levando a imagem da Santa Aparecida, até a igreja de Santo Antônio. Para que isso? Talvez para não perder a sua freguesia fixa, e, ao mesmo tempo, reforçar, em seus

³⁷ A casa era realmente da santa, pois a doação do terreno para a construção da capela foi feita em nome da santa: “as doações foram registradas em nome da santinha, prevendo que a dita senhora ou seus procuradores deveriam tomar posse dos terrenos” (ALVAREZ, 2014, p.134).

paroquianos a ideia de que a devoção a esta divindade seria viável e aconselhável a todos, por se tratar não mais de uma crendice popular ribeirinha, mas sim, de um ícone mariano, reconhecido pelo Catolicismo oficial³⁸ brasileiro e, posteriormente, mundial³⁹.

8- O crescimento do povoado e o interesse no dinheiro da Santa.

Uma das exigências que deveriam ser acolhidas, para que a nova capela da Santa fosse construída, foi a de que deveria ser erguida em um ambiente que propiciasse o surgimento – ao redor da igreja – de um povoado, onde as pessoas pudessem construir suas residências, já pleiteando, no futuro, o surgimento de uma nova vila, ou, talvez, uma nova cidade, por que não? E assim aconteceu. A igreja foi construída, e trouxe consigo o surgimento de uma pequena vila que se formou por um grupo de pessoas que passaram a trabalhar em função da recepção dos peregrinos que vinham de muitos lugares da região, para visitar a capela e, conseqüentemente, a imagem da Santa. A infraestrutura para receber estes visitantes, com a nova localização da capela, passou a ser preparada, sendo possível a construção de pousadas e restaurantes, tudo para favorecer a estada daqueles devotos que viriam de longe, e, necessitariam permanecer um período maior na região, em vista de terem um momento de descanso. Nas palavras de Brustoloni (1979) é possível observar como as pessoas que vinham trabalhar nas proximidades da capela se organizaram para receber estes peregrinos:

“Entre os termos de aforamento de 1750 a 1805, os poucos que ainda existem, aparecem os dados estatísticos do crescimento do povoado. No largo da capela foram construídas diversas casas para acolher os peregrinos; seis delas foram relacionadas ao inventário de 1805⁴⁰. Constam também alguns serviços prestados aos peregrinos, como hospedagem e alimentação. Estes já eram muitos, e vinham em caravanas com suas tropas.

³⁸ Um dos sinais da aceitação e aprovação do culto a Nossa Senhora Aparecida pela Igreja foi a de que, a partir dessa aprovação, outras igrejas, capelas, foram construídas e dedicadas a veneração mariana, sob o título de Nossa Senhora Aparecida: *“Já na segunda metade do século XVIII, capelas e oratórios dedicados a Nossa Senhora da Conceição Aparecida foram construídos em outros lugares, nos quais a fama da Senhora foi levada por tropeiros, sertanistas e mineradores, desde Sorocaba até Campos de Curitiba, Laguna e Viamão, na direção sul; e a Cuiabá e a Goiás. Aparecida seguia o caminho do ouro”* (SOUZA, 2001, p.82).

³⁹ Refere-se ao fato de que, em 16 de julho de 1930, o Papa Pio XI declarou Nossa Senhora Aparecida como Padroeira do Brasil (BRUSTOLONI, 1998).

⁴⁰ Trata-se de um inventário que informaria o patrimônio da capela, ou, mais precisamente, o patrimônio da santa.

Um documento de 10 de julho de 1802 menciona o ‘pasto da Senhora’, onde eram recolhidos os animais de montaria” (BRUSTOLONI, 1979, p.67).

Dessas casas de hospedagem, algumas eram de propriedade da “capela d’Aparecida”, ou seja, ficavam sob a responsabilidade de administração daqueles que, porventura, fossem os “gestores” da capela – sendo religiosos, ou leigos. Outras eram de propriedade de algumas pessoas que passaram a ver na presença dos muitos visitantes que chegavam à cidade, a possibilidade de poderem obter dinheiro em função de um trabalho desenvolvido na região próxima à capela⁴¹. Já à época, muitos foram os que abandonaram as suas atividades empregatícias e migraram para a região onde a capela da Aparecida fora construída, passando então a trabalhar em função da devoção popular à Santa Aparecida.

Olhando tal fato por um olhar durkheimiano, podemos dizer que estas pessoas passaram a trabalhar em função do *Sagrado*⁴². Segundo Émile Durkheim (1996), todo pensamento religioso caracteriza-se por uma divisão bipartida do universo, ou seja, todas as crenças religiosas conhecidas, simples ou complexas, apresentam uma característica em comum: supõem uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens concebem, em duas classes, em dois gêneros opostos: o sagrado e o profano (DURKHEIM, 1996). A utilização de uma situação “sagrada”, em busca da obtenção de dinheiro, pode ser vista enquanto uma forma de profanação deste sagrado, pois, a resignificação da fé, deixando de ser vista enquanto uma crença, e passando a ser analisada enquanto instrumento de arrecadação de dinheiro, faz com que haja a existência de algo distinto da questão do Sagrado apresentada por Durkheim.

Se, nas palavras de Durkheim, há uma divisão bipartida entre gêneros opostos, podemos afirmar, então, que a situação existente e comentada sobre a resignificação do Sagrado, acaba se tornando uma condição Profana sendo imposta a devoção popular à

⁴¹ Nota-se que estes acabaram sendo os primeiros sinais daquilo que se conhece hoje como a cidade de Aparecida, local de muita devoção popular, mas também, ambiente onde muitas pessoas tiram o seu sustento, e o sustento de sua família.

⁴² “*A sociedade, é de repetir, torna-se objeto de crença, de culto por, em si própria, ter qualquer coisa de sagrado. O crente depende de algo com natureza diferente da sua e que lhe é superior; o indivíduo social tem a mesma relação com a sociedade. Pela religião, o crente adora a sociedade, transfigurada*” (COSTA, 2009, p.48).

imagem da Santa de Aparecida. Sendo assim, tem-se início, na futura cidade de Aparecida, as primeiras demonstrações do lado *Profano* da devoção que as pessoas têm à Santa Aparecida.

Donizete Rodrigues (2013), em *“O que é religião? A visão das Ciências Sociais”* apresenta que *“a vida religiosa e a vida profana não podem coexistir em um mesmo espaço. Portanto, para a manifestação do sagrado é preciso haver um local especial onde o profano esteja excluído. Daí a instituição de templos e santuários”* (RODRIGUES, 2013, p.55). Nesta apresentação de ambiente sagrado, Rodrigues mostra que existem definições que elucidam as manifestações sagradas e profanas, ao mesmo tempo em que demonstra suas possíveis exemplificações; no caso, a construção da capela da Aparecida mostra que ali se concentrariam as celebrações e ritos devocionais, que estariam relacionados a questão do sagrado; ao mesmo tempo, observamos que, as construções das primeiras pousadas, “restaurantes”, e estábulos, estariam representando as noções que se têm sobre a questão profana, onde haveriam ganhos financeiros⁴³ oriundos dos gastos que os visitantes estariam tendo, naquele período histórico, com a sua peregrinação, e manifestação de devoção àquela divindade representada na imagem de Aparecida.

Há uma relação muito forte entre a questão da religião, nesse momento, e a questão social, pois, a parte devocional das pessoas – direcionada à divindade Aparecida – entra em contato com a questão da chegada dos visitantes, e os consequentes recursos financeiros que estes trazem consigo; tais recursos poderão – ou melhor, deverão – ser direcionados àqueles que se propõem a trabalhar em função do acolhimento a estes peregrinos. Nas palavras de Joaquim Costa (2009), sobre a questão da religião e do social:

“Notamos no esquema uma imbricação mútua, a ponto de cairmos em certa indistinção. Religião e sociedade são ‘almas’ uma da outra, em relação especular. A religião tem origem social e a sociedade tem, em si, algo de sagrado. Tudo o que é sagrado é social, sim, e também, tudo o que é social possui uma centelha de sagrado” (COSTA, 2009, 51).

⁴³ Rodrigo Alvarez em seu livro sobre “Aparecida” mostra que certa vez um pesquisador francês, de nome Auguste de Saint-Hilaire, quando esteve de passagem pela região da capela da Aparecida, hospedou-se *“em um sobrado de um dos homens mais poderosos da região, o capitão-mor da Vila de Guaratinguetá Jerônimo Francisco Guimarães”* (ALVAREZ, 2014, 129). Este cidadão já via nas peregrinações uma grande fonte para a obtenção de lucros.

Sendo assim, podemos observar que a sociedade habitante da região da Vila de Guaratinguetá, mais especificamente aquela que residia à região onde a capela da Aparecida fora construída, passou a ter a sua vida, o seu cotidiano, totalmente envolvido com a questão sagrada trazida pela devoção popular à Santa Aparecida, e também, envolvido com a questão profana⁴⁴, onde as relações sociais trazidas pelo contato com os peregrinos na região possibilitaria a obtenção de dinheiro proveniente dessas relações sociais entre os visitantes e os futuros “aparecidenses”.

Outro fator a ser tratado neste capítulo é a gestão da capela de Aparecida. A devoção à Santa Aparecida passara a ser praticada por aqueles primeiros “pobres e esquecidos habitantes da Vila de Guaratinguetá”, que viam nesta crença a possibilidade de se apegarem a uma divindade que lhes auxiliaria na caminhada da vida. Ao mesmo tempo, segundo mostra Rodrigo Alvarez (2014), a fé na divindade da Santa alcançou parte da elite brasileira, que passou a oferecer alguns “presentes” à Santa⁴⁵ (ALVAREZ, 2014). Brustoloni (1979) mostra que, com a construção da capela foi instituída uma espécie de “irmandade” que teria por função promover o culto e zelar dos bens da capela. *“Os primeiros membros dessa irmandade foram o Sargento-mor Antônio Galvão de França, como juiz; Thomé Francisco Teixeira, como tesoureiro; O Sargento-mor Francisco Nabo Freire, como Procurador e Domingos de Araújo como escrivão”* (BRUSTOLONI, 1979, p.70).

Esses dados apresentados por Brustoloni (1979) evidenciam que as “autoridades” da região foram os designados para fazerem parte dessa administração. Os membros dessa diretoria: Juiz, Tesoureiro, Escrivão e Procurador, eram eleitos cada ano na festa que passou a ser realizada para a “Senhora Aparecida”. A própria irmandade era responsável pela promoção desta festa. Assim, houve então um grupo de pessoas que auxiliou o padre Vilela na

⁴⁴A apresentação dos pensionatos, restaurantes e estábulos como situações profanas existentes em função da devoção popular – sagrada – terá seu tema novamente tratado quando forem apresentados os relatos dos trabalhos etnográficos realizados na cidade de Aparecida entre 2014 e 2015, onde ficará evidenciado que tal situação existe de maneira muito maior atualmente.

⁴⁵*“Houve um fiel, um certo Tomé Teixeira, que deixou de herança uma pequena fortuna em nome da santinha. O testamento dele dizia que os padres deveriam aplicar o dinheiro com bons fiadores abonados e usar os juros para comprar combustível e acender a lamparina da capela. Deveria ser ‘azeite doce do Rio de Janeiro’, para estar a lâmpada de dia e de noite sempre acesa”* (ALVAREZ, 2014, p.119).

construção da capela, e, posteriormente, continuou auxiliando-o na administração da mesma⁴⁶.

No que tange as esmolas do cofre da capela – que já eram “gordas” – estas eram administradas pela irmandade sob a presidência do vigário da paróquia de Guaratinguetá. O cofre tinha três chaves que ficavam em poder do vigário, do juiz e do tesoureiro. Ao abri-lo, mensalmente, os membros deveriam estar presentes e usar cada qual sua própria chave. Sacerdotes, pessoas importantes tanto de Guaratinguetá como de outras vilas da região pertenceram à irmandade e exerceram cargos⁴⁷ (BRUSTOLONI, 1979).

Em 1803, segundo apresenta Brustoloni (1979), houve a primeira intervenção do governo na então administração da capela – ou melhor, no dinheiro proveniente das esmolas oferecidas pelos fiéis. Por ordem do Juiz provedor de Guaratinguetá, foi nomeado tesoureiro da irmandade o “governador da Vila” capitão mor Jerônimo Francisco Guimarães; esta foi a primeira das muitas vezes em que houve intervenções na administração da capela da Aparecida. Alvarez (2014), ao apresentar a pessoa de Jerônimo Francisco Guimarães, dedica um capítulo de seu livro sobre Aparecida, nomeando- como “a santinha dos ovos de ouro”, tendo assim a intenção de, parafraseando a fábula da galinha dos ovos de ouro⁴⁸, demonstrar que, a quantidade de dinheiro circulante na capela da Aparecida seria muito grande. Aquele que, porventura, tivesse a incumbência de geri-la, seria responsável por administrar uma grande quantia em dinheiro – proveniente das esmolas – além da quantidade de joias, terras, dentre outros bens que eram oferecidos à Santa.

Sobre este tesoureiro empossado por ordem do provedor de Guaratinguetá, Alvarez apresenta que *“o tal homem que era capitão, tesoureiro e esmoleiro exibia poder e riqueza pela Vila de Guaratinguetá. Jerônimo Francisco Guimarães estava tão bem de vida que resolveu comprar uma das maiores mansões da região, a cinco quilômetros do centro da Vila, o que na época significava uma respeitável distância”* (ALVAREZ, 2014, p.133). Entretanto, havia uma razão para que esta mansão fosse comprada em local tão longe do

⁴⁶ Houve a provisão do bispo de São Paulo, Dom Frei Antônio da Madre de Deus Galvão para que tal irmandade fosse autorizada a administrar a capela da Aparecida. *“Junto com a provisão, veio uma escrita do bispo para que os membros da irmandade ‘zelassem pelos bens da dita Senhora, e lhe dessem o culto com a veneração devida”* (BRUSTOLONI, 1979, p.71).

⁴⁷ Mais a frente será demonstrado o real interesse dessas autoridades em participar dessa irmandade, e, administrar os bens da Santa.

⁴⁸ Sobre tal fábula, ver em <http://asfabulasdeesopo.blogspot.com.br/2011/01/galinha-dos-ovos-de-ouro.html>, acesso em 16 de junho de 2015

centro da Vila: “a nova moradia do capitão-mor ficava bem ao lado da capela aonde diariamente chegavam centenas de fiéis dispostos a deixar aquilo que tinham e o que não tinham para a santa” (ALVAREZ, 2014, p.134).

Era bastante viável ter a incumbência de administrar os recursos financeiros “da capela”, pois, poderia ser como diz Alvarez (2014), a possibilidade de estar administrando uma “galinha dos ovos de ouro”. Da mesma forma em que, na fábula, a galinha continua botando os “ovos de ouro” todos os dias, por mais que o cofre da capela fosse esvaziado – com a grande quantidade de fiéis que iam chegavam para visitar a imagem da santa aparecida todos os dias – no outro dia ele já estaria novamente cheio. Como a tesouraria ficara apenas sob a responsabilidade deste Senhor, este poderia recolher os donativos e, posteriormente, prestar contas apenas da quantidade que se aprovesse. Como residia ao lado da capela, e, poderia ter acesso ao cofre a hora que quisesse, então não haveria quem o acompanhasse no momento em que fosse “pegar” o dinheiro.

Além da usurpação do dinheiro da capela por parte de seu tesoureiro, ainda houve a expropriação do cofre de todas as paróquias de Portugal e do Brasil por parte da coroa portuguesa. Para aliviar a crise financeira de Lisboa, o príncipe regente D. João, determinou que todo o dinheiro das igrejas portuguesas (consequentemente, das igrejas existentes nas colônias) fossem confiscados e direcionados ao Rei. Sendo assim, em 1805, o dinheiro das esmolas da capela da aparecida foi confiscado pela primeira das muitas vezes em que tal fato aconteceu⁴⁹ (ALVAREZ, 2014).

Em “*Historia de Nossa Senhora da Conceição Aparecida*” (1979), Júlio Brustoloni dedicou dez páginas para tratar sobre os desvios de dinheiro que aconteciam no cofre da capela. Sob o título de “Tesoueiros desonestos”, o autor apresenta que a capela passou a ser administrada como qualquer outro departamento do governo, sendo sujeito à política partidária (BRUSTOLONI, 1979). Como ficara sob a incumbência do Provedor de Guaratinguetá a nomeação daqueles que fossem os responsáveis pela administração da capela,

⁴⁹ “Os registros históricos confirmam que ao menos nessas duas ocasiões, em 1805 e 1809, a limpeza do cofre de Aparecida foi ordenada diretamente por D. João. Mas, ao longo dos 85 anos em que os representantes do Império tomaram conta do dinheiro ‘santo’, eles se encarregaram de só deixar aos padres de Aparecida o mínimo necessário para a manutenção da igreja e dos prédios religiosos. O restante, pelo menos em teoria, era do Reino de Portugal. Em teoria porque, muitas vezes, a esmola não ia diretamente para D. João ou para o Brasil. Frequentemente, o dinheiro forrava os bolsos de ladrões oficiais e nem entrava na contabilidade pública” (ALVAREZ, 2014, p.136).

este fazia o que queria por conta de sua atribuição, sendo que poderia nomear ou demitir o escrivão, e o tesoureiro a hora que desejasse⁵⁰.

É possível afirmar, a partir da análise bibliográfica sobre a administração da capela da Aparecida, que a devoção das pessoas a imagem ficou a segundo plano para aqueles que geriam a capela, ou mesmo para aqueles que tinham a incumbência de liderar a parte religiosa da igreja⁵¹ (no caso, alguns padres). Enquanto muitos eram os fiéis que visitavam a capela, na intenção de manifestar uma prática (durkheimiana) “sagrada”, muitos foram aqueles que vislumbravam esta devoção de outra forma, no caso, “profana”.

Para Durkheim, o profano dizia respeito a como as pessoas reagem a seu mundo cotidiano – de formas práticas, imediatas e particulares. Ele distinguia esse mundo cotidiano profano do mundo sagrado da religião, que via como inventado, arbitrário (no sentido de não estar ligado a objetos e eventos específicos) e, fundamentalmente, coletivo (YOUNG, 2002). Como o cotidiano daqueles que estavam praticando uma atividade devocional coletiva era voltado apenas a questões da fé, estes não tomavam ciência de que estariam fomentando um ciclo de falcatruas, onde muitos foram os que se aproveitaram de tais atitudes. Enquanto que alguns, sagradamente faziam a sua doação – mesmo sem saber o que seria feito com o dinheiro, pois não havia uma prestação de contas para os fiéis – ainda assim, faziam-na de maneira positiva; ao passo que, outros, aproveitando-se da boa vontade destes, apropriavam-se do “dinheiro da Santa” para usos próprios, sem a preocupação de que estivessem direcionados a demandas da capela.

Muitos católicos, quando vão se direcionar, ou mesmo apenas se referia à figura de Maria, costumam trata-la enquanto uma divindade que tem a sua imagem ligada à maternidade. Portanto, é comum serem observados algumas maneiras pelas quais os católicos tratam Maria: “mãe protetora”, “mãe rainha”, “mãe do perpétuo socorro”. Entretanto, a partir do que foi analisado neste capítulo, podemos afirmar que, estes títulos que os católicos dão a

⁵⁰ Brustoloni conta, a partir de uma carta que o então padre responsável pela paróquia de Guaratinguetá – então responsável pela parte litúrgica da capela – cônego do Monte Carmelo, enviou a um Senador, denunciando os desvios de dinheiro do cofre da capela, onde dizia que *“em um certo caso, um político influente de Guaratinguetá se achegou ao juiz e lhe disse: ‘tenho um devedor de três contos e tantos, sem meio algum de m’os paga; se o senhor não o fizer tesoureiro da capela, mudarei incontinenti de partido’”* (BRUSTOLONI, 2014, p.123). Nota-se que, ser administrador da capela seria algo bastante viável, pois teria a possibilidade de se apropriar de dinheiro sem, necessariamente, sofrer nenhuma punição por isso.

⁵¹ Alvarez mostra que houve padres que também se aproveitaram do dinheiro do cofre da capela para uso próprio (ALVAREZ, 2014).

representação de Maria têm a possibilidade de ser acrescidos pelo de “mãe fiadora”; este título pode ser designado a esta divindade, por estar atrelado a usurpação de recursos financeiros que seriam de propriedade da imagem da santa, por aqueles que administravam as esmolas e as outras ofertas que eram feitas, pelos fiéis, para a capela de Aparecida.

9- E o fluxo de visitantes só aumenta

Com a passar dos anos, a quantidade de peregrinos que ia até a região do Morro dos Coqueiros (local onde se encontrava a capela da santa aparecida) aumentava vertiginosamente. A devoção à Nossa Senhora Aparecida se espalhava por muitos rincões do Brasil, por meio dos viajantes que passavam pela região, e que, posterior a uma visita à capela da Santa, passavam a divulgar a quem encontrassem que haveriam se deparado com uma capela de uma “nova Santa brasileira”, e que estaria “fazendo milagres” para o povo que estava rezando para ela.

O fato de Aparecida ser uma Santa genuinamente brasileira⁵² pode ter influenciado na disposição dos fiéis em depositar sua devoção nesta respectiva divindade. Após a aprovação do culto católico oficial a Nossa Senhora Aparecida (em 5 de maio de 1743)⁵³, e, com a construção da então Capela d’Aparecida, aquelas pessoas que foram conhecendo mais profundamente a crença nesta santa, passaram a divulgar essa devoção a outros que, porventura, não a conhecessem.

A partir desse momento também, com a aprovação deste culto pela hierarquia católica brasileira, foi possível que fossem realizadas as celebrações católicas nessa capela – pois eram proibidas de acontecerem sem autorização⁵⁴ – e, ao mesmo tempo, tornou-se viável a

⁵² A imagem da santa foi feita no Brasil, mas, originalmente se tratava de uma imagem de Nossa Senhora da Conceição (que havia sido declarada padroeira de Portugal e de seus domínios pelo Rei Dom João IV, em 1646). Segundo os estudos daqueles que passaram a procurar a “paternidade” da escultura – conforme já apresentado neste texto – observou-se que o possível escultor tenha sido Frei Agostinho de Jesus, discípulo do escultor sacro Frei Agostinho da Piedade (BRUSTOLONI, 1979).

⁵³ BRUSTOLONI, 1979

⁵⁴ “As constituições primeiras que já estavam em vigor desde 1707, ditavam normas especiais sobre a edificação de capelas e ermidas e o culto das imagens nelas veneradas, sobretudo, se estas fossem objeto de peregrinação. Não era permitido celebrar missas nem promover outras cerimônias do culto em capelas não

construção de capelas, em outras localidades do Brasil, também sob o título de capela de Nossa Senhora Aparecida⁵⁵.

Sobre este fato, Juliana Souza (2001) mostra que *“já na segunda metade do século XVIII, capelas e oratórios dedicados a Nossa Senhora da Conceição Aparecida foram construídos em outros lugares, nos quais a fama da senhora foi levada por tropeiros, sertanistas e mineradores, desde Sorocaba até Campos de Curitiba, Laguna e Viamão, na direção sul; e a Cuiabá e a Goiás. Aparecida seguia o caminho do ouro”* (SOUZA, 2001, p.82). Ou seja, as pessoas que passavam pela região do Vale do Paraíba, e conheciam a devoção popular à Santa Aparecida foram os responsáveis pela divulgação desta crença, e, ao mesmo tempo, foram aqueles que se dispuseram a propor às suas igrejas locais (aos párocos e vigários das regiões da qual eram provenientes) a criação de outras igrejas da Aparecida. Com essas novas igrejas dedicadas ao culto a imagem de Nossa Senhora Aparecida, era fomentado nas pessoas o interesse em conhecer o local onde se encontraria a “verdadeira” imagem da Santa, e a primeira capela construída em sua devoção.

Carlos Alberto Steil (1996) em seu trabalho sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, mostra que as peregrinações estão inseridas e expressam redes de relações sociais. Segundo este autor, as peregrinações são realizadas, principalmente para o cumprimento dos votos, que estabelecem uma relação de aliança entre o peregrino e o Bom Jesus, que perdura por toda a vida (STEIL, 1996). No caso de Aparecida, estas relações sociais foram também vistas, ao passo em que, a devoção a essa divindade só se tornou possível mediante a divulgação desta crença por parte dos viajantes, ao mesmo tempo em que estes passaram a não apenas contar o que tinham observado na capela da santa, mas, queriam, também, leva-la consigo.

Se era dificultoso viajar naquela época (meados do século XVIII), então seria necessário que a “Aparecida” viesse para junto dos fiéis, e permanecesse junto deles. Os pedidos (ou nas palavras de Steil, os votos) que eram direcionados a esta santa promoviam laços que uniriam os fiéis a representação da divindade, onde seriam promovidas relações de proximidade entre eles. Lílian Sales (2009), em *“Redes e Peregrinações: a circulação nas*

provisionadas. Suspensão e multa eram os castigos para os sacerdotes infratores dessas normas” (BRUSTOLONI, 1979, p.51).

manifestações marianas” apresenta que “o caráter duradouro dos votos permite o estabelecimento de redes de relações entre os romeiros, que se sobrepõem a outras redes em que estão inseridos, como de parentesco, vizinhança, entre outras”. (SALES, 2009, p.61). Partindo deste princípio apresentado por Sales, quando os devotos tinham contato com esta devoção mariana e, aceitavam-na enquanto importante para desenvolverem relações frequentes, isto tornaria a devoção da na santa aparecida algo que se manteria no imaginário das pessoas, e, passível de ser compartilhada com terceiros, a fim de que estes também desenvolvessem tal devoção.

Outros fatores coincidentes favoreceram o aumento do número de visitantes à região onde se encontrava a capela da santa. Conforme apresenta Augustin Wernet (2000), em *“Peregrinação a Aparecida: das romarias programadas ao turismo religioso”*, sobre o fluxo de visitantes que iam até a capela “a princípio foram peregrinos isolados ou em pequenos grupos que vinham até a capela. E, cada vez mais numerosos, eles vinham a pé, a cavalo, de carro de boi, e em toda a sorte de condução. A procedência era de todas as camadas sociais (...) os peregrinos vinham espontaneamente. O itinerário era penoso. Foi essa a situação na metade do século XVIII e na primeira do século XIX” (WERNET, 2000, p.84). Então, ainda que o número de peregrinos tenha aumentado, e que a divulgação da devoção à santa tenha crescido a dificuldade em se deslocar de suas regiões para a Vila de Guaratinguetá era difícil.

Apenas aqueles residentes próximos à região poderiam se chegar à Vila, juntamente com seus familiares, promovendo uma visitação semelhante ao que conhecemos, atualmente, como romarias programadas⁵⁶. Outros com residências fixas em localidades mais longínquas, muitas das vezes se encontravam impossibilitadas de promover uma visitação à capela da Santa Aparecida, por não haver infraestrutura responsável por viabilizar tal peregrinação. Então, estas pessoas tinham que se contentar com as informações apresentadas por aqueles viajantes que tiveram a possibilidade de estar na região do Vale do Paraíba.

Todavia, o início do século XIX se tornou importantíssimo para a economia brasileira, pois, foi o período em que se deu descoberta de uma nova fonte de obtenção de riquezas para o país: o plantio e a produção de café. A região do Vale do Paraíba foi uma das que tiveram grande importância no cultivo do café, pois seu solo era propício para o plantio.

⁵⁶ Trata-se de uma peregrinação organizada por alguém, ou por um grupo, que se desloca à igrejas ou outros locais tidos como Sagrados.

Houve, então, fortes investimentos nesta região, para que a produção de café fosse escoada visando à exportação, e, também o abastecimento do mercado interno. Para tanto se deu início, em 1855, a fundação da Companhia de Estrada de Ferro Dom Pedro II⁵⁷, que visava a construção de uma estrada de ferro para o transporte do café produzido nas regiões de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Hélio Rodrigues, em seu livro *“A Formação das estradas de ferro no Rio de Janeiro: o resgate de sua memória”* (2004) apresenta a importância dessa estrada de ferro para a economia do país:

“A extrema necessidade da construção da E.F. Dom Pedro II se fez na medida em que o Brasil necessitava escoar a produção agrícola, especialmente o café, das grandes fazendas cafeicultoras, produtos destinados à exportação e igualmente ao abastecimento interno, contribuindo, dessa forma, com a economia do país e atendendo aos interesses dos grandes fazendeiros cafeicultores na região do Vale do Paraíba e assim, transportar a produção para exportação, através de um transporte rápido e eficiente” (RODRIGUES, 2004).

A princípio, esta estrada de ferro que cortava a região do Vale do Paraíba recebeu o nome de “Estrada de Ferro Dom Pedro II”. Alguns anos mais tarde, com o advento do republicanismo, seu nome foi mudado passando a se chamar “Estrada de Ferro Central do Brasil”. O intuito da construção dessa estrada de ferro foi o de atender aos interesses da cafeicultura⁵⁸ ao mesmo tempo em que haveria a tentativa de promover uma integração do território (CAMPOS, 2008). Sobre a produção de café, e a construção da Estrada de Ferro Central do Brasil, e a implicação desses acontecimentos para a peregrinação de pessoas à capela da Santa Aparecida, Augustin Wernet (2000) mostra que:

⁵⁷ A companhia propunha a fundação de uma Estrada de Ferro que atravessasse os municípios próximos à Côrte, atual cidade do Rio de Janeiro - RJ e alcançasse, em seguida, o Vale do Rio Paraíba do Sul e depois, a Província de São Paulo, na localidade anteriormente denominada Porto Cachoeira, atualmente, Cachoeira Paulista. Com o objetivo de se alcançar, também, a Província de Minas Gerais, prosseguiu pelo Vale do Rio das Velhas, em direção ao Rio São Francisco, onde fazia entroncamento com o sistema fluvial, ligando o Sul ao Norte do Império. Disponível em <http://centraldobrasilnasminasgerais.blogspot.com.br/2010/12/1-estrada-de-ferro-central-do-brasil.html> acesso em 30 de junho de 2015.

⁵⁸ Os benefícios para os cafeicultores do Vale do Paraíba foram amplos. Além da valorização de suas propriedades, eles se beneficiaram com as tarifas ferroviárias, mais em conta que os custos das tradicionais tropas de burros (CAMPOS, 2008). Disponível em <http://leiturasdahistoria.uol.com.br/ESLH/Edicoes/11/artigo98010-1.asp> acesso em 30 de junho de 2015.

“Com o desenvolvimento da cultura do café, em meados do século XIX, e o crescimento da população, não só do Vale do Paraíba, mas também das regiões limítrofes, cresceu muito o movimento dos romeiros e se desenvolveu o Santuário de Aparecida. (...) A chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Central facilitou muito a visita ao Santuário” (WERNET, 2000, p.85).

Nota-se que o autor, ao analisar o aumento do fluxo de visitantes à região onde se encontrava a imagem da santa encontrada nas águas do rio Paraíba do Sul, classifica a igreja que abrigava a imagem como sendo um “santuário”. Segundo a Nova Enciclopédia Barsa (1999), santuário “*é a denominação que se dá ao lugar, em geral recôndito, considerado sagrado por um grupo religioso ou por um indivíduo e que por vezes conserva objetos dignos de veneração*”. No que se refere à especificação de cada santuário, Alberto Beckhäuser (2007) apresenta que “*cada santuário tem, pois, uma mensagem que o caracteriza. Cada santuário tem uma situação geográfica determinada por acontecimentos históricos, situação topográfica e outros elementos*” (BECKÄUSER, 2007, p.27). Sendo assim, a capela d’Aparecida poderia ser, de fato, considerada como um santuário, pois seria um ambiente de cunho religioso que guarda um objeto considerado, pelos fiéis, representante de uma divindade, e que propiciaria possíveis movimentações de peregrinos para visitá-la.

No que se refere à situação geográfica em que a capela da Aparecida estava inserida, nota-se que ela estaria sofrendo influências econômicas e sociais advindas da cafeicultura, e, do conseqüente aumento populacional que se desencadearia desta atividade econômica. Tais influências proporcionaram o aumento do número de peregrinos que chegavam à região. A facilidade que a Estrada de Ferro Central trouxe para o transporte desses peregrinos foi fruto das transformações pelas quais a região passou, e a visitação à capela (ou melhor, santuário) da Santa Aparecida sofreu, também, essas influências.

Se a infraestrutura para a chegada dos peregrinos estava facilitada, então seria necessário que a estrutura do templo também estivesse melhorada para a acolhida desses visitantes. Nesse contexto acontecem, também, algumas reformas no santuário da Aparecida, aumentando as suas dimensões, e adequando-o para o recebimento da quantidade de pessoas que, gradualmente, aumentava.

10- O fim da política do padroado, e a chegada dos novos guardiões da aparecida.

Com a transformação estrutural e econômica, pela qual a região do Vale do Paraíba estava passando, houve o acompanhamento dessa transformação por parte dos arredores da capela da Santa Aparecida; mais precisamente, no que se refere a uma reforma realizada na capela, aumentando-a e dando uma reforçando seu alicerce e sua construção (BRUSTOLONI, 1979). A capela foi erguida em meados do século XVIII, e necessitava de reparos, visto que, desde sua construção não houvera passado por nenhuma adequação, ou reparação de falhas em sua estrutura física.

Conforme já apresentado neste trabalho, a administração da capela já havia sido incorporada à administração pública nacional, a ponto de o governo imperial indicar aqueles que seriam os responsáveis pela tesouraria, ou mesmo pela gestão como um todo dos trabalhos desempenhados na capela, e na acolhida dos peregrinos que chegavam, cada vez em maior quantidade. A razão pela qual a capela ficou cerca de um século sem ser reparada, segundo Alvarez (2014), foi pela falta de interesse dos administradores da capela de liberar recursos financeiros para que houvesse uma reforma estrutural da capela. Criticamente falando, Alvarez mostra durante este contexto histórico que *“a torre da capela, construída mais de um século antes ameaçava desabar a qualquer momento na cabeça dos fiéis. E os funcionários do Imperador, aqueles que mandavam nos cofres de Aparecida, resolveram liberar o dinheiro para que a velha torre pudesse ser colocada abaixo, e construísem outra no lugar”*⁵⁹ (ALVAREZ, 2014, p.147).

Além de indicar e impor aqueles que deveriam ser os administradores da capela, o governo brasileiro possuía, também, o direito de indicar aqueles religiosos que fossem os responsáveis pelas atividades pastorais da capela, ou seja, os padres que teriam a incumbência de promover celebrações de acordo com o credo católico romano. Essa política de submissão da Igreja católica brasileira ao governo português⁶⁰, e, depois ao governo imperial brasileiro

⁵⁹ Segundo Brustoloni (1979) as reclamações e as pressões feitas por muitos fiéis, para que a capela fosse reformada, ocasionou a tomada de decisão de acontecer a liberação de recursos financeiros, viabilizando as obras de reparação (BRUSTOLONI, 1979).

⁶⁰ Em 8 de janeiro de 1455, o Papa Nicolau V escreveu a bula *Romanu Pontifex*, no qual teve como destinatário o Rei de Portugal D. Afonso V e os seus sucessores. Esta carta do Bispo de Roma teve importância na sua época pois é pela qual se reconhece a propriedade exclusiva de todas as ilhas, terras, portos e mares conquistados nas

ficou conhecida como “política do Padroado”. Antônio Mendes Costa Braga (2008), em seu livro “Padre Cícero: Sociologia de um Padre, Antropologia de um Santo”, descreve o que foi esta política do Padroado:

“Desde o período colonial, passando pelo Império, vigorava no Brasil o regime de padroado, Ou seja, o controle da Igreja Católica (arrecadação de dízimos, construção de igrejas, designação de bispos e párocos, estabelecimento de ordens religiosas, etc) e a evangelização dos fiéis passava pela tutela e encargo dos reis de Portugal e, depois, do imperador do Brasil” (BRAGA, 2008, p.38).

O governo português havia obtido essa regalia por parte do Papa por ser um país declaradamente católico, e tendo a incumbência de levar os ensinamentos da fé católica àqueles “infieis” que fossem oriundos do Novo Mundo. A finalidade desta autorização que o líder do catolicismo no mundo dava ao governo português (e também espanhol) era uma maneira de delegar a estas nações a responsabilidade de catequisar os povos nativos que residiam nas Américas durante o período de colonização deste novo mundo⁶¹.

Este regime do padroado designava plenos poderes ao governo português, e, posteriormente brasileiro, de nomear padres e bispos para serem os responsáveis pela administração de paróquias, e até dioceses, sempre de acordo com os interesses do poder público. Então, a administração da capela da aparecida sempre fora um local privilegiado para o poder público, pois, se tratando de um grande expoente de peregrinações brasileiro, era também uma grande fonte de obtenção de recursos financeiros.

O cofre de esmolas da capela estava sempre cheio, e isso trazia aos administradores nomeados pelo governo a certeza de que poderiam se aproveitar desse dinheiro, claro que, primeiramente, entregando uma grande quantidade ao governo que os nomeara. Entretanto,

regiões que se estendem "desde o Bojador ao longo de toda a Guiné e mais além, a sul". O direito de continuar as conquistas contra muçulmanos e pagãos nesses territórios. O direito de comerciar com os habitantes dos territórios conquistados e por conquistar, exceto os produtos tradicionalmente proibidos aos "infieis": ferramentas de ferro, madeira para construção, cordas, navios e armaduras. Tal carta já demonstrava a aliança entre o governo português e a Igreja Católica Romana desde antes mesmo de estes chegarem à América. Disponível em <http://www.exercito.pt/sites/RL2/Publicacoes/Documents/71.pdf>. Acesso em 30 de abril de 2016.

⁶¹ Vale ressaltar que esta medida proporcionou aos europeus a possibilidade de, através dessa “catequização”, ter maior facilidade na submissão dos povos ameríndios ao interesse das nações europeias, e, viabilizando a obtenção de riquezas por parte dos reinos de Portugal, e de Espanha.

grande parte desse dinheiro era desviado e direcionado a atender interesses próprios desses gestores da capela. Segundo mostra Alvarez (2014), muitos foram os políticos locais, fazendeiros, religiosos, que se apropriaram, indevidamente, do “dinheiro da santa” para fins próprios, não reinvestindo esse dinheiro em melhor acolher os fiéis que, aos montes, chegavam para visitar a capela, e a imagem da Santa.

No que se refere à parte religiosa, a pastoral da capela estava, a princípio, sob a responsabilidade do pároco de Guaratinguetá (BRUSTOLONI, 1979). O atendimento religioso era realizado pelo vigário da paróquia, enquanto que o bispo diocesano, geralmente por intermédio de seus visitantes, intervinha, vez ou outra, em assuntos pastorais ou administrativos (NETO, 2009).

Anos mais tarde, com o crescimento da devoção popular à Santa Aparecida, e o aumento do número de peregrinos – que chegavam à capela para visitarem a imagem da Santa que fora encontrada nas águas do rio Paraíba – e com a interferência governamental na administração da capela, ficou definido que haveria um padre capelão que seria contratado pela mesa diretora administrativa da capela, para que pudesse desempenhar a sua função de religioso, atendendo às demandas dos fiéis, e, claro, atendendo aos interesses desses que haviam lhe dado “emprego”.

Muitos foram os capelães que passaram pela capela como contratados para desenvolverem suas atividades religiosas, como celebrações de missas, realização de batizados, atendimento de confissões, enfim, promovendo as práticas oriundas da religião católica. Entretanto, o número de peregrinos era muito grande para que um capelão pudesse sozinho, desenvolver o seu trabalho e atender às demandas dos devotos. As petições para que fossem contratados auxiliares para esses capelães foram, muitas vezes, rechaçadas pelos membros da mesa diretora da capela, pois diziam que era suficiente haver apenas um religioso para desempenhar as funções de padre para aquela igreja. Quando os padres contratados desempenhavam sua função seguindo os interesses de seus patrões – no caso a mesa diretora que os contratara –, poderiam ser mantidos no cargo de capelão da igreja da Aparecida. Aqueles capelães que não se submetiam aos desígnios dos gestores da capela eram demitidos (BRUSTOLONI, 1998).

Nota-se que, a descoberta de uma grande fonte de obtenção de dinheiro ocasionou uma preocupação, cada vez maior, com a possibilidade de se arrecadar cada vez mais, sem demonstrar grande interesse com aqueles que eram os doadores desse dinheiro. Os peregrinos deveriam que “se virar”, como conhecemos este termo na linguagem coloquial, pois não havia uma preocupação dos gestores da capela, com o seu bem estar. Como vimos, estes estavam preocupados com o dinheiro do fiel, e não com sua devoção. A hierarquia católica brasileira nada promovia para modificar esta realidade, pois estava subordinada ao Império e, ao mesmo tempo, despreocupada com a realidade do povo, e de sua fé. Ou ainda, não se importavam com as condições em que se encontravam estes devotos da Aparecida⁶², pois, estavam distantes do cotidiano das peregrinações à capela da Santa. Os membros do clero católico, que vivenciavam esta realidade, eram aqueles que estavam subordinados aos interesses do poder público, ou seja, subservientes a toda a realidade existente⁶³.

Entretanto, com a derrocada do Império, e o crescimento das pretensões republicanas, proporcionou o término da submissão da Igreja Católica brasileira ao Estado. E, com o fim do período imperial, e o advento da República, houve, de fato, o fim do regime do padroado. Rodrigo Alvarez, ao comentar tal acontecimento, aponta que *“menos de dois meses depois da Proclamação da República, ainda num governo provisório, o primeiro presidente do Brasil, o marechal Deodoro da Fonseca, publicou um decreto acabando com o regime do padroado e separou a Igreja brasileira do Estado brasileiro”* (ALVAREZ, 2014, p. 155). Com isso, no caso da capela da Aparecida, a sua administração ficaria sobre o encargo da diocese de São Paulo (BRUSTOLONI, 1979).

Com o fim desta política do padroado, o clero brasileiro deu início a um processo de adequação do catolicismo brasileiro – distante das diretrizes do catolicismo romano oficial – àquilo que seria considerado ideal, verdadeiro, conforme designação da Igreja Católica Apostólica Romana. Houve então um processo de “romanização” (CAVA, 1985) do catolicismo brasileiro. Este termo está relacionado com o esforço para um maior alinhamento do catolicismo praticado pelos fieis e clérigos brasileiros às diretrizes do Concílio de Trento e às orientações ultramontanas (BRAGA, 2008). Sobre este processo de redirecionamento da fé

⁶² Na capela da aparecida, por mais que recebesse peregrinos todos os dias, não havia celebrações de missas diariamente. Não eram promovidas celebrações em dias especiais na devoção católica (como na Semana Santa), e se o fiel tivesse o desejo de se confessar em Aparecida, dificilmente conseguiria, pois, raramente o padre fazia este tipo de atendimento (ALVAREZ, 2014).

Católica brasileira, Antônio Braga apresenta que este era, também, um anseio da alta cúpula da Igreja Católica Apostólica Romana em promover um alinhamento completo da religião católica com os principais países praticantes deste credo, no que ficou conhecido como ultramontanismo:

“Este processo de sintonização do catolicismo brasileiro com as diretrizes romanas estava vinculado às transformações pelas quais vinha passando a Igreja Católica a partir do centro (ou seja, na Europa, em Roma [na Santa Sé]) e que tinha repercussões e consequências em nível nacional (Brasil) e regional/local. E se observarmos a romanização a partir do centro (Europa, Roma), vamos perceber que tal processo representava um esforço da hierocracia católica no sentido de posicionar-se em relação a uma sociedade ocidental que vinha se tornando cada vez mais laica e secularizada e que era marcada por uma racionalidade cientificista, crítica em relação às verdades religiosas. O processo de romanização do catolicismo envolvia, nessa perspectiva, uma espécie de reação da Igreja Católica a um mundo burguês moderno mais secularizado, mais laico e cientificista. Em suma, no plano político-religioso a romanização envolveu um esforço conservador da Igreja Católica e da sua hierocracia no sentido de procurar resgatar um poder – político, ideológico, religioso – que a Igreja Católica Apostólica Romana vinha perdendo paulatinamente, sobretudo a partir da revolução francesa e do iluminismo francês. Esse movimento também era denominado ultramontanismo porque representava um esforço de Roma – cede da Igreja e do papado – em retomar seu poder e prestígio para além dos montes alpinos, ou seja, nos países do norte da Europa. Em relação ao Brasil, o processo de romanização compreendeu um esforço de alinhamento do episcopado brasileiro com o projeto ultramontano, isto é, compreendeu a forma como a hierocracia católica brasileira – notadamente o episcopado – procurou realinhar as diretrizes da Igreja Católica no Brasil às diretrizes da Santa Sé” (BRAGA, 2008, p.38).

Neste período, o catolicismo brasileiro passava por um momento de afastamento da tradição católica da Igreja, passando a sofrer influências diretas dos padrões citados pelo catolicismo romano no Concílio Vaticano I (1869-1870), que reforçou o ideal de (re) catequização ultramontana, onde se pretendeu o fortalecimento da Igreja Católica Romana, marcada por um centralismo na figura do Pontífice romano, e um fechamento sobre si mesma, sem adesão a possíveis interferências do mundo “moderno”, ou de particularidades culturais distintas do que defendia a instituição romana.

Havia certa preocupação da instituição Igreja Católica Apostólica Romana de reaver parte do poder que outrora possuía, e que diminuía com o passar dos anos. Neste contexto

histórico, pelo qual passara tal instituição, no mundo, é que se deu o advento da República no Brasil. Como vimos, a Igreja Católica no Brasil estava iniciando um novo processo de estruturação, no qual buscava uma consolidação nas suas atividades, ao mesmo tempo em que necessitava tomar alguma iniciativa no sentido de promover tais estruturas.

Para que a Igreja pudesse promover alguma reforma em seu trabalho pastoral, o clero brasileiro necessitava dispor de religiosos para poder promover tal atividade. A herança que o regime do padroado deixara não era positiva neste sentido, pois, não houve preocupação, por parte dos governantes portugueses, e depois brasileiros, de se expandir o catolicismo no país. Apenas mantinham a instituição Igreja Católica no país, e, administravam-na visando à obtenção de riquezas provenientes dos cofres das igrejas. Nas palavras de Alvarez (2014) vemos que:

“Muitas paróquias Brasil afora nem sequer tinham padres para rezar missas. Desde que o rei de Portugal mandara expulsar os padres jesuítas, em 1759, os seminários, onde deveriam ser formados os novos padres, foram sendo fechados um depois do outro. Haviam sobrado poucos seminários, poucos padres, e pouca esperança de se organizar a Igreja Católica no Brasil. Para piorar, em 1842, o Imperador decidira que não se gastaria mais um centavo para formar novos padres em terras brasileiras” (ALVAREZ, 2014, p.160).

Podemos observar que o clero brasileiro não possuía “mão de obra” para poder viabilizar o seu desejo estruturação da fé católica brasileira, a fim de restabelecer o prestígio que, outrora, tivera. E a ideia que os bispos tiveram foi a tentativa de aproveitamento do grande número de peregrinos que os grandes Santuários populares⁶⁴ para poderem consolidar a “reforma católica” que desejavam⁶⁵ (BRUSTOLONI, 1979). Outra pretensão do clero brasileiro, para poder auxiliar nesse processo de (re) catequização dos fieis brasileiros, foi a tentativa de se promover “missões populares” que aconteceriam nas cidades brasileiras a fim de serem promovidos determinados mutirões de pregações, onde os religiosos missionários

⁶⁴ Os principais Santuários Populares brasileiros, à época, eram o Santuário de Trindade (diocese de Goiás), o Santuário de Congonhas do Campo (diocese de Mariana-MG) e o Santuário de Aparecida (diocese de São Paulo) (BRUSTOLONI, 1979).

⁶⁵ “Sentindo a força da devoção popular nos Santuários e a oportunidade que neles se oferecia para atingir os peregrinos com a renovação da fé e dos costumes, os bispos procuraram aproveitá-la” (BRUSTOLONI, 1979, p.137).

permaneceriam um período em uma cidade realizando encontros com a população visando fortalecer a fé católica que estes possuíam (PAIVA, 2007).

Os bispos brasileiros, para dar prosseguimento aos seus ideais de reformas, seguiram a sugestão dada por um de seus principais expoentes Dom Antônio de Macedo Costa⁶⁶, que fazia referência direta à necessidade de buscar na Europa reforços para estabelecer tais reformas. O então bispo do Pará chegou a recorrer diretamente ao Papa Leão XIII para que mediasse o encontro com alguns representantes de congregações religiosas, visando que aceitassem a missão de desempenharem suas funções religiosas em território brasileiro (PAIVA, 2007).

No caso da capela da Aparecida, até que havia um padre responsável pelo trabalho pastoral, e alguns auxiliares que há pouco haviam sido contratados para lhe auxiliar. Entretanto, a realidade da capela não era tão melhor que a situação do restante do catolicismo brasileiro, pois, *“com o clero que dispunha em Aparecida verifica-se que a situação não apresentava prognósticos favoráveis a Dom Lino Deodato⁶⁷, em termos de encetar reformas”* (NETO, 2009, p.90). Reconhecendo a importância da igreja da Aparecida, e iniciando o processo de estruturação na administração da capela, o então bispo baixou uma provisão, na qual isentava o Santuário de Aparecida da jurisdição paroquial de Guaratinguetá, elevando-o à condição de Curato (paróquia). Com isso, a antiga paróquia referencial não mais veria nenhum dinheiro dos cofres de Aparecida. Para reafirmar sua ingerência sobre a capela, elevou-a, também, à condição de Santuário Episcopal⁶⁸ (NETO, 2009).

Dom Lino Deodato era alheio aos assuntos administrativos diocesanos, então, solicitou à Santa Sé que lhe enviassem um bispo coadjutor (espécie de auxiliar do bispo oficial, e que possui designação para uma atividade específica dentro de uma diocese), sendo nomeado Dom Joaquim Arcoverde. Este, quando de sua nomeação, já possuía conhecimento sobre a

⁶⁶ Bispo reformador do Pará, que veio a ser um dos protagonistas da chamada “questão religiosa”, ao lado de Dom Vital de Oliveira, bispo de Pernambuco (BRAGA, 2008).

⁶⁷ 9º bispo da diocese de São Paulo, a qual pertencia a vila de Guaratinguetá (região onde se encontrava a capela da aparecida). Disponível em <http://www.arquisp.org.br/historia/dos-bispos-e-arcebispos/bispos-diocesanos/dom-lino-deodato-rodrigues-de-carvalho> acesso em 2 de julho de 2015.

⁶⁸ Conta a biografia de Dom Lino Deodato que ele, quando nomeado bispo da diocese de São Paulo, passou um período de viagem pela Europa, buscando, inclusive no Vaticano, opiniões acerca de como deveria administrar a então diocese, a partir das diretrizes católicas romanas. Em suas análises da conjuntura ultramontana, observou que esta iniciativa do catolicismo passava necessariamente pelos centros de devoção popular. Aparecida seria um bom expoente, no Brasil, para estas mesmas práticas.

realidade do Santuário de Aparecida, ao mesmo tempo em que imaginava possíveis soluções para os problemas enfrentados⁶⁹ (NETO, 2009).

A pretensão primeira de Dom Joaquim Arcoverde, ao ter a incumbência de solucionar as dificuldades encontradas na pastoral do Santuário de Aparecida, foi a de buscar, em terras europeias, alguma congregação religiosa que pudesse assumir o trabalho pastoral neste santuário. Com essa iniciativa, o bispo buscava tanto soluções para assumirem este encargo, quanto, também, acompanharia as instruções para que houvesse a esperada “romanização” do catolicismo brasileiro. O Santuário de Aparecida seria uma das primeiras tratativas do clero brasileiro de se estabelecer a esse processo de adequação da fé católica brasileira aos moldes europeus defendidos pela Santa Sé.

Isnard Câmara Neto (2009), em *“A questão de Aparecida e os redentoristas”*, apresenta o trecho de uma carta escrita por Dom Joaquim Arcoverde ao então tesoureiro do Santuário (Sr. João Maria de Oliveira César) comentando sobre a sua intenção clara de trazer sacerdotes “romanizados” para cuidarem da pastoral do Santuário:

“5 de setembro de 1893. Estimo que vá aumentando a concorrências dos devotos ao Santuário da Aparecida, isto nos estimulará sempre mais para trazermos, logo que for possível, o pessoal de nossas esperanças, os apóstolos, que animados pelo auxílio de Maria, hão de encher esta diocese de bênçãos e de frutos de vida eterna⁷⁰” (NETO, 2009, p.93).

É possível notar certo grau de preocupação nas palavras de Dom Joaquim, quando se refere aos possíveis novos colaboradores, ao demonstrar que “as esperanças estão depositadas nesses apóstolos” que irão “encher a diocese de bênçãos”. Os apóstolos, segundo escrito na bíblia, são aqueles homens escolhidos por Jesus para serem os seus colaboradores mais próximos. Eles teriam a responsabilidade de “ir por todo o mundo para pregar o Evangelho” (BÍBLIA, Marcos 16, 15). Se estes religiosos colaboradores foram tratados como “apóstolos” por Dom Joaquim, então, podemos dizer que, todas as expectativas, acerca do êxito no

⁶⁹ Dos problemas encontrados podemos destacar a pouca quantidade de religiosos existente na diocese de São Paulo, para trabalharem no Santuário de Aparecida, e as estratégias a serem desenvolvidas para o desenvolvimento deste trabalho.

⁷⁰ ACPSR. Correspondência da Província Redentorista de São Paulo – COPRESP-B – Suplemento, v.I (1874-1897), p.40. Carta de D. Joaquim Arcoverde ao Sr. João Maria de Oliveira César (NETO, 2009).

trabalho pastoral no Santuário de Aparecida, estariam colocadas nessa equipe que assumisse este encargo. Não poderia haver erros; a escolha deveria ser feita com maestria.

Antônio Braga (2008), em *“Padre Cícero: Sociologia de um Padre, Antropologia de um Santo”*, ao retratar a realidade existente na região Nordeste do Brasil – mais especificamente onde hoje está localizado o Estado do Ceará – mostra que se buscou, para o trabalho pastoral nas dioceses nordestinas, o auxílio de congregações religiosas que pudessem assumir este trabalho. Rodrigo Alvarez, em seu livro sobre Aparecida (2014) demonstra que o bispo de Goiás, durante este mesmo período, também buscou o auxílio de congregações europeias para trabalharem em sua diocese. Braga mostra que muitas congregações⁷¹ masculinas e femininas europeias chegaram ao Brasil, de forma expressiva, a partir da segunda metade do século XIX (BRAGA, 2008).

Para o trabalho no Ceará, Braga aponta que os “Lazaristas” foram os convidados, e aceitaram o convite para assumirem a formação de novos padres no seminário da diocese do Ceará (BRAGA, 2008). A diocese de Mariana-MG recebeu dois padres “Redentoristas⁷²” oriundos de Amsterdã, na Holanda (NETO, 2009). O bispo de Goiás também fez o convite aos Redentoristas, para que pudessem assumir a pastoral na cidade de Trindade (local onde hoje existe o Santuário do Divino Pai Eterno, que recebeu, em 2014, cerca de 4 milhões de visitantes⁷³). Os Redentoristas aceitaram o convite e decidiram mandar um grupo de religiosos para trabalharem em Trindade.

Gilberto Paiva, em *“A província redentorista de São Paulo 1894-1955”* (2007) descreve que o bispo de Goiás, ao comentar com o então novo bispo de São Paulo, Dom Joaquim Arcoverde (o bispo titular de São Paulo, Dom Lino Deodato, havia falecido durante a viagem de seu auxiliar a Roma) sobre o convite feito e aceito pelos padres Redentoristas para trabalharem em Trindade-GO, despertou, em seu colega, o interesse em convidar, da

⁷¹ As congregações que foram procuradas para vir trabalhar no Brasil, durante este período foram os Lazaristas, Redentoristas, Dominicanos, Salesianos, novas levas e Franciscanos e Capuchinhos. Especificamente, o que estas novas ordens tinham em comum era uma maior sintonia com o ultramontanismo (BRAGA, 2008).

⁷² Religiosos da chamada “Congregação do Santíssimo Redentor”, ordem fundada em 1732, por Santo Afonso de Ligório, na cidade de Nápoles, Itália. Conhecidos como “padres redentoristas”, são considerados por Carlos Alberto Steil, em seu livro sobre as romarias ao Santuário de Bom Jesus na Lapa, na Bahia, como “especialistas em Santuários”. Desde 1956 os religiosos desta ordem também estão à frente deste Santuário baiano (STEIL, 1996).

⁷³ Disponível em <http://www.paieterno.com.br/site/santuاريو/trindade/> acesso em 5 de julho de 2015.

mesma forma, esta congregação para assumir os trabalhos em Aparecida (PAIVA, 2007). E assim aconteceu:

“O representante dos redentoristas no Vaticano foi apresentado ao emissário de São Paulo. E ele chegou com um pedido parecido (ao requerimento do bispo de Goiás), e que não estava na agenda: o bispo Arcoverde queria redentoristas também em Aparecida, o santuário que naquela época recebia mais de 100 mil pessoas por ano e precisava urgentemente de atenção” (ALVAREZ, 2014, p.161-162).

O Superior Geral dos Redentoristas aceitou o pedido feito, tanto pelo bispo de Goiás, quanto pelo bispo de São Paulo, e disponibilizou uma equipe formada por religiosos desta congregação para assumirem os trabalhos, tanto no Santuário de Trindade, quanto no Santuário de Aparecida⁷⁴. Os redentoristas escolhidos para a missão no Brasil foram os religiosos residentes na região da Baviera, Alemanha.

Estavam atendidas, a princípio, as vontades do bispo Dom Joaquim Arcoverde, que depositava “suas esperanças” na chegada dos religiosos “romanizados” europeus, que deveriam atualizar o catolicismo brasileiro com as diretrizes do catolicismo romano. Ao mesmo tempo, estavam assegurados os religiosos que trabalhariam na pastoral do Santuário de Aparecida, que, conforme visto anteriormente, estava desprovido de atividades pastorais, graças ao descaso dos administradores, e também dos representantes do clero, que só estavam preocupados com as esmolas, oferecidas pelos fieis, à Santa Aparecida. Restava saber se todos os esforços feitos pelos bispos reformadores surtiriam efeito, ou, teriam sido realizados em vão.

⁷⁴ O autor Gilberto Paiva apresenta que o bispo de São Paulo pediu ao Superior dos Redentoristas que cedesse metade dos religiosos que viriam trabalhar em Trindade-GO, para que fosse direcionada a Aparecida. Conseguiu que tal fato acontecesse. O bispo de Goiás, Dom Eduardo Duarte da Silva, ficou surpreso, ao chegar a São Paulo e descobrir que, metade dos missionários conseguidos na Alemanha seria destinada ao Santuário de Aparecida (PAIVA, 2007).

11- Os Redentoristas em Aparecida, e o início das romarias programadas.

Os religiosos alemães, quando foram solicitados para assumirem a pastoral do Santuário de Aparecida, teriam a incumbência de instaurar um catolicismo “romanizado” nas celebrações que acontecessem ali na igreja. O clero brasileiro vislumbrava que, os peregrinos que estivessem participando dessas celebrações, passassem a desenvolver uma nova forma de devoção, ou manifestação da crença Católica⁷⁵. Seria uma espécie de re-catequização, ou nova dogmatização, de acordo com aquilo que os representantes do clero brasileiro pretendiam desenvolver com a religião católica no Brasil. Conforme já visto, os representantes da igreja católica no Brasil aproveitariam o grande fluxo de peregrinos, que visitavam os santuários pelo país, para servirem de base para que esta “nova forma de praticar a fé Católica” pudesse ser colocada em prática.

Dentre as práticas devocionais populares que os peregrinos possuíam, e que os redentoristas teriam que adequá-las ao catolicismo tradicional romano, Riolando Azzi – um importante escritor que trata a questão histórica das transformações pelas quais o catolicismo passou, durante o período reformista (desde o final do século XIX, com a chamada “questão religiosa”, até a chegada de religiosos de ordens católicas europeias, que foram trazidas ao Brasil para promover tal reforma) – apresenta que o catolicismo brasileiro, de herança lusa, possuía as seguintes características: medieval, leigo, social e familiar. A pretensão reformista buscava uma adequação ao catolicismo romano, clerical, tridentino⁷⁶, individual e sacramental (AZZI, 1978).

⁷⁵ Júlio Brustoloni, em seu livro “Senhora da Conceição Aparecida: história da imagem, da capela e das romarias” (1979) descreve que a principal preocupação dos religiosos alemães, quando do início de suas atividades pastorais em Aparecida, era com o atendimento das confissões e nas pregações durante as celebrações das missas. Nesses momentos os padres poderiam “dar aos peregrinos as lições mais elementares da fé, não se descuidando das práticas fundamentais, necessárias para sua orientação moral” (BRUSTOLONI, 1979, p.150). Nota-se, a partir desses escritos de Brustoloni que, a intenção do clero brasileiro, ao trazer estes religiosos para o trabalho no Santuário de Aparecida, era de realizar uma dogmatização dos peregrinos. Havia o interesse de instruí-los, a fim de que pudessem aprender a maneira que consideravam ser a ideal para manifestar a crença Católica.

⁷⁶ Relacionado ao Concílio de Trento (1545-1563) que buscou uniformizar as práticas litúrgicas do catolicismo Ocidental. Disponível em <http://www.catholicismoromano.com.br/content/view/112/39/>, acesso em 6 de julho de 2015. Vemos que tal pretensão da alta cúpula católica não alcançou o êxito esperado, visto que, mais de 300 anos após a realização do Concílio de Trento, haviam tentativas de implementar as decisões tomadas neste encontro em algumas regiões no Ocidente católico.

Alberto Beckhäuser (2007) trata a questão do catolicismo popular da seguinte maneira:

“Tem muito a ver com a expressão da religião natural, dos povos primitivos, das religiões pagãs: religião como aplacação da divindade, religião da culpa, da expiação, da bênção e, conseqüentemente, da salvação. Ela está ligada às necessidades básicas do ser humano, como a vida, o sustento, a saúde, a felicidade. É a religião da salvação no seu sentido terreno e eterno” (BECKHÄUSER, 2007, p.48).

A relação idealizada por Beckäuser sobre o catolicismo popular e a religião natural dos povos primitivos, ligados ao paganismo, remete àquilo que Durkheim privilegiou em seus estudos sobre religião. A lógica defendida por Durkheim consistia em investigar um fenômeno a partir de suas manifestações mais elementares, antes de passar às mais complexas (COSTA, 2009). Sendo assim, Beckäuser, ao considerar que as raízes do catolicismo popular estão inseridas em um contexto primitivo daquilo que se conhece por religião, dá possibilidade para que consideremos a prática devocional popular como algo que emana daqueles que se sujeitam a manifestar determinada crença, e que a fazem de sua maneira instintiva.

Gilberto Paiva (2007), ao tratar a questão do catolicismo popular, relacionando-o com a prática devocional presente no Santuário de Aparecida, durante o período da chegada dos redentoristas, apresenta as suas características:

“Entendemos o catolicismo tradicional (popular) como sendo o contato direto do fiel com o mundo do sagrado. A presença do santo na imagem, por exemplo, é importante para o catolicismo popular porque ela torna possível o contato direto entre o fiel e o santo. O objeto do culto popular é, portanto, a imagem ou representação dos santos” (PAIVA, 2007, p.34).

Para o autor, a devoção popular praticada no Santuário de Aparecida remete a uma manifestação que cria traços relacionados à magia, ao considerar que a divindade (no caso a pessoa de Maria) realmente se encontra na imagem da santa encontrada nas águas do Paraíba em 1717. Sobre a relação entre magia e religião, Marcel Mauss demonstra que *“a magia*

constitui toda vida mística e toda a vida científica do primitivo (...). O homem (...) povoou o mundo de deuses. A esses deuses, já não os constrange, mas liga-os a si pela adoração, ou seja, pelo sacrifício e pela oração” (MAUSS, 2000, p.10). Assim, a imagem da representação de Maria seria considerada como a personificação desta divindade, à qual, seria digna de receber as práticas devocionais que lhe eram dedicadas.

Donizete Rodrigues, em *“O que é religião, a visão das Ciências Sociais”* (2013) mostra que *“os elementos específicos de culto, oração e sacrifício dedicados às forças sobrenaturais são de origem mágica”* (RODRIGUES, 2013, p.62). Prosseguindo com sua análise, Rodrigues cita Marcel Mauss, ao demonstrar que *“todo sacrifício implica uma solidariedade de natureza entre o oficiante, o Deus e a coisa sacrificada”* (MAUSS, apud RODRIGUES, 2013, p.62). No caso específico de Aparecida, os oficiantes seriam os peregrinos que têm o seu período de sacrifício, devido às dificuldades que enfrentavam durante o percurso até o Santuário, buscando o contato com a divindade personificada na imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

Voltando à narrativa histórica do desenvolvimento pastoral reformista, no Brasil, a chegada dos redentoristas, vindos da Alemanha, para trabalhar em Goiás (Trindade) e em São Paulo (Aparecida), se deu no dia 24 de outubro de 1894 (NETO, 2009). O navio em que os religiosos se encontravam desembarcou na cidade do Rio de Janeiro, e, dali, partiu uma equipe composta por oito religiosos para Goiás, e outra equipe formada por seis religiosos para o trabalho no Santuário de Aparecida (PAIVA, 2007). Os redentoristas se instalaram em Aparecida no dia 28 de outubro de 1894, e, a partir de então, iniciaram as suas atividades religiosas no santuário (BRUSTOLONI, 1979).

Quando chegaram para assumir a pastoral em Aparecida, os redentoristas já possuíam contato com uma imagem da representação de Maria, com tonalidade negra⁷⁷. Na região da Baviera (local na Alemanha do qual, os religiosos vindos para Aparecida, eram oriundos), havia uma capela dedicada a uma santa que parecia negra. Nas palavras dos alemães, a Madona Preta de Altötting. Por coincidência, mesmo sem nunca ter ouvido falar da “senhora negra” de Aparecida, estes mesmos alemães foram incumbidos de assumirem uma igreja no

⁷⁷ “Não que alguém acreditasse que ela fosse negra de nascimento, porque o nariz sempre foi fino, e a santinha de madeira foi feita para representar uma mulher que o mundo inteiro acreditava ser branca chamada Maria” (ALVAREZ, 2014, p.152).

Brasil, onde existia uma devoção à imagem de uma Santa muito parecida⁷⁸ com aquela que conheciam em seu território (ALVAREZ, 2014).

Além de conhecerem uma devoção à outra “Santa negra”, os religiosos alemães também possuíam experiência no trabalho com santuários, pois, chegaram a trabalhar com a pastoral do Santuário de Altötting. Ali puderam apreender a lógica das peregrinações, além de entender o que buscavam os peregrinos que chegassem a estes templos devocionais católicos, visando praticar a sua crença da divindade católica representada em uma imagem de Maria.

Paiva (2007) questiona lógica de peregrinação aos Santuários, que eram mantidas há muitos anos. Segundo o autor, nos casos específicos de Goiás e Aparecida, houve propostas e iniciativas de transformações das práticas devocionais mediante a chegada de religiosos, considerados pelo clero brasileiro como “reformadores”. Aplicaram-se à pastoral dos santuários em locais onde se veneravam imagens de Santos, e, tais devoções se relacionavam com aquilo que foi tratado como personificação das divindades⁷⁹. Para o autor, esta seria, então, uma tentativa de desbancar o catolicismo popular desenvolvido nesses locais⁸⁰ (PAIVA, 2007).

O que Paiva apresenta está, de fato, relacionado com o propósito do clero brasileiro, ao trazer estas ordens religiosas estrangeiras: transformação da fé católica brasileira (de raízes lusitanas), para uma fé católica europeizada (com tradição romana). Assim, esta nova forma de religião entra em luta com os costumes e tradições do povo. E, nos santuários tradicionais,

⁷⁸ A imagem de Nossa Senhora de Altötting se assemelha, e muito com a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Ambas “nasceram brancas” e acabaram ficando escurecidas. A imagem de Aparecida ficou escurecida por causa do lodo do fundo do rio Paraíba, e também em razão das velas que eram acesas ao lado da imagem. A imagem de Altötting também ficou enegrecida em razão da chama das velas. Ambas as imagens possuem manto e coroa dourada, entretanto, há um detalhe que as diferencia: a imagem alemã possui um menino em seus braços, enquanto que, a imagem brasileira traz a representação de uma mulher grávida (ALVAREZ, 2014).

⁷⁹ A devoção em Trindade-GO está direcionada a uma representação do “Divino Pai Eterno”. O Ícone é uma reprodução da figura estampada em um medalhão encontrado, por volta de 1840, pelo casal Constantino Xavier e Ana Rosa, na então região de Barro Preto, hoje Trindade. É a representação da Santíssima Trindade – Pai, Filho e o Espírito Santo – coroando Maria Santíssima. A Imagem original, de aproximadamente 30 cm, foi esculpida em madeira pelo artista plástico goiano Veiga Valle há cerca de 170 anos. Disponível em <http://www.paieterno.com.br/site/pai-eterno/icone-pai-eterno/> acesso em 8 de julho de 2015.

⁸⁰ Dentre as características populares que deveriam ser desbancadas pelos padres redentoristas, pode-se destacar algumas daquelas que Brustoloni (1979) apresenta em seu livro sobre a história da imagem, da capela e das romarias, no qual diz que em várias ocasiões podem ser observadas algumas práticas, segundo ele, inconvenientes: “*com o tempo introduziram-se alguns abusos no que se refere à devoção popular. O ermitão da capela permitia que romeiros pernoitassem nos cubículos das naves da igreja. Retirando a imagem, de seu nicho, andavam com ela pela igreja e a davam a beijar a seus companheiros, muitas vezes com falta de cuidado e respeito* (BRUSTOLONI, 1979, p.60).

trava-se um conflito surdo entre os missionários vindos da Europa e a prática do povo rotulada de ignorância e superstição, quando não de fanatismo (BEOZZO, 1986).

Uma das iniciativas dos religiosos alemães, que poderia ser praticada, visando a (re) catequização dos peregrinos que iam para o Santuário de Aparecida, foi a tentativa de se promover as chamadas “romarias programadas” (WERNET, 2000). Sobre esta proposta de romarias, Augustin Wernet (2000) escreve:

“Na procura de novos rumos para as romarias e para a pastoral do santuário, os bispos do Rio de Janeiro e de São Paulo, juntamente com os padres redentoristas chegaram à conclusão que seria proveitoso para os peregrinos se as romarias fossem organizadas pelas paróquias ou associações religiosas locais/paroquiais ou até pelos próprios bispos em nível diocesano. Ao lado das romarias individuais e grupais propunham a organização de romarias oficiais, conduzidas e dirigidas por um padre como “diretor de romaria”. Estas romarias foram chamadas de “romarias programadas”. Os padres redentoristas da Baviera conheciam esse procedimento no seu país de origem, no qual, juntamente com os padres capuchinhos administravam o “Santuário, da Baviera”, o Santuário mariano de Altötting. Dessa maneira nasceram as romarias programadas” (WERNET, 2000, p.85).

Esta proposta das romarias programadas consistia em se organizar peregrinações assistidas por uma comunidade católica local, onde, os peregrinos seriam “preparados”, ou seja, “instruídos” na fé católica que a alta cúpula da igreja católica no Brasil teria interesse. Sendo assim, nas paróquias e capelas das cidades, todos aqueles que desejassem fazer parte de uma excursão, de cunho religioso, para o Santuário de Aparecida, poderiam assim fazer.

No caso das primeiras tentativas de se promover tais peregrinações assistidas, os primeiros organizadores foram os bispos da diocese de São Paulo, e da diocese do Rio de Janeiro. Estes, aproveitando-se da existência da estrada de ferro central do Brasil, foram os primeiros a organizar este tipo de romaria⁸¹.

⁸¹ As romarias da diocese de São Paulo (08/09/1900) e do Rio de Janeiro (16/12/1900) (WERNET, 2000) foram as primeiras romarias programadas e organizadas visando a “nova dogmatização” dos peregrinos. Sobre romarias organizadas a Aparecida, Brustoloni apresenta que “no ano de 1873, o jornal local (o Parayba) dá a notícia da primeira romaria organizada por uma paróquia que se tem notícia” (BRUSTOLONI, 1979, p. 77). Tal romaria se tratava de uma peregrinação organizada pela paróquia de Santo Antônio de Guaratinguetá, que se deu devido a proibição, por parte do Juiz da região, da retirada da imagem da santa aparecida de sua capela, visando que “visitasse” a paróquia de Guaratinguetá. Sempre que houvesse algum evento específico, que fizesse

Para que as romarias programadas fossem realizadas, as pessoas que estariam na peregrinação deveriam participar, em suas paróquias, de alguns encontros onde os devotos seriam “preparados” para participar dessas romarias. Tal preparação consistia em realização de rezas, pregações, orientações religiosas, enfim, as pessoas eram informadas da maneira pela qual deveriam fazer da romaria uma extensão da comunidade católica da qual pertenciam em suas cidades.

E assim, aconteceram as primeiras romarias organizadas ao Santuário de Aparecida. No dia 8 de setembro de 1900, chegou a estação ferroviária de Aparecida, o trem onde estavam os peregrinos oriundos de São Paulo, sob a chefia do bispo diocesano Dom Antônio Candido de Alvarenga. E, em 16 de dezembro do mesmo ano, chegaram os romeiros provenientes do Rio de Janeiro, sob a liderança de seu arcebispo, Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti⁸². Segundo Wernet (2000), quando as romarias chegavam à estação ferroviária, um religioso do Santuário de Aparecida já deveria estar ali aguardando. Da estação, os peregrinos realizavam uma procissão, onde eram proferidas rezas, e entoados cânticos, até a chegada ao Santuário (WERNET, 2000).

Desde então, iniciava-se o trabalho dos religiosos redentoristas na (re)catequização dos devotos. Estes já se programavam para realizar pregações, batizados, casamentos, atendimento de confissões, e outras cerimônias de cunho católico, planejadas. Além dessas celebrações, os peregrinos eram aconselhados a levar as palavras ouvidas nas pregações para as suas comunidades paroquiais. Assim, estariam sendo cumpridas as propostas de transformações da devoção católica no Brasil. Como vimos, o número de peregrinos que visitavam o Santuário de Aparecida se tornava cada vez maior. As primeiras romarias programadas já citadas se tornaram exemplos para que outras também pudessem ter uma organização semelhante, e buscando o mesmo ideal de dogmatização dos peregrinos nas pretendidas reformas ultramontanas⁸³.

com que a população se apegasse nas orações, a imagem era retirada de sua capela, e levada à paróquia de Guaratinguetá (BRUSTOLONI, 1979).

⁸²O mesmo bispo que fora líder da diocese de São Paulo, e responsável pelo convite para que os religiosos redentoristas alemães pudessem trabalhar na pastoral do Santuário de Aparecida. Arcoverde, naquele momento, fora transferido da diocese de São Paulo para a arquidiocese do Rio de Janeiro. Ou seja, fora promovido arcebispo, e assumido a arquidiocese da capital do país.

⁸³ Para Wernet (2000) “estas romarias faziam parte do processo da moralização e racionalização dos costumes e das devoções do catolicismo tradicional” (WERNET, 2000, p.87).

Em suma, entende-se que este processo de (re) catequização dos católicos brasileiros, mediante participação em peregrinações a grandes santuários populares (principalmente no caso do Santuário de Aparecida), se tornou um marco importante para as pretensões da hierarquia católica brasileira. Como todos tinham conhecimento de que as peregrinações a estes Santuários não cessaria, independente de como fossem realizadas as celebrações litúrgicas católicas, ou até mesmo, de quem as realizasse. Sobre os devotos de Aparecida, acredita-se que estes nem perceberam que estavam sendo utilizados enquanto instrumento de transformação da realidade devocional católica brasileira. Suas crenças foram utilizadas, ou, melhor dizendo, moldadas, para que os interesses do clero brasileiro fossem atendidos.

Sobre tais pretensões da Igreja Católica, no Brasil, acredita-se que estas devam ter alcançado êxito, pois, até hoje os redentoristas utilizam-se dessas “romarias programadas” para realizarem as pregações, e orientarem os peregrinos sobre como devem prosseguir em suas vidas, de acordo com a fé católica que professam. Ainda existem as preparações em algumas paróquias sobre como proceder na realização de uma romaria, além de a administração do Santuário de Aparecida possuir um enorme cadastro de “diretores de romarias”, que são orientados a prepararem os seus companheiros romeiros para a realização da referida peregrinação.

II Parte: Para além das romarias programadas: como são organizadas as peregrinações a Aparecida na atualidade.

1- A continuidade das romarias programadas nas dioceses brasileiras

A iniciativa das chamadas “romarias programadas” alcançou o êxito esperado pelos seus primeiros idealizadores. A experiência obtida através das primeiras peregrinações, “organizadas” por segmentos da Igreja Católica no Brasil, pôde ser considerada como proveitosa, pois possibilitou uma maior aproximação da cúpula do catolicismo de duas das maiores dioceses brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro), com o povo dessas regiões, ao mesmo tempo em que as tentativas, de levar os ensinamentos do catolicismo romanizado à população, puderam, também, ser iniciadas no planejamento dessas referidas romarias. Conforme já trabalhado neste estudo, as tratativas para a implantação de um “novo catolicismo brasileiro”, ultramontano, tiveram nas peregrinações aos grandes Santuários do país, as principais fontes para essa divulgação, ou como já apresentado, (re) catequização.

O professor Augustin Wernet, em seu artigo “Peregrinação a Aparecida: das romarias programadas ao turismo religioso”, demonstra que a promoção das primeiras romarias programadas se tratou de uma exceção às peregrinações até então existentes a região da igreja de Aparecida. Entretanto, tal iniciativa inovadora proporcionou um aumento significativo na quantidade de visitantes, na primeira metade do século XX, que realizavam suas viagens de devoção, e para ele a presença da Igreja, enquanto instituição, e do clero nessas romarias, se tornaram fatos marcantes. Para apresentar a organização dessas peregrinações organizadas, Wernet assim define sua estrutura, e as suas pretensões:

“Estava presente na organização em nível paroquial, na figura do ‘Diretor de Romaria’ presença do senhor bispo diocesano, na ida e na volta, na procissão para a estação de trem e de lá, já em Aparecida, para o Santuário. Estas romarias faziam parte do processo de moralização e racionalização dos costumes e das devoções do catolicismo tradicional. Os integrantes das romarias eram, em sua maioria, católicos praticantes que na própria vida paroquial sofreram o impacto do catolicismo reformado” (WERNET, 2000, p.87).

Esta iniciativa tratou então de dar um primeiro passo para a institucionalização desta iniciativa popular de visitar o Santuário de Aparecida. Ao proceder com tal atitude, o clero das duas maiores cidades do sudeste brasileiro tentava acompanhar com maior proximidade as tentativas de adaptação do povo aos ensinamentos do novo catolicismo pretendido, ao mesmo tempo em que acompanhava de perto o trabalho dos padres redentoristas nessa chamada nova evangelização.

Brustoloni usa de suas palavras para reforçar essa ideia ao dizer que *“esses movimentos de massa foram propostos também para despertar no povo sua consciência de nação católica, diante dos princípios anti-religiosos que orientavam a República”* (BRUSTOLONI, 1979, p.179). Dito isto, pode-se observar que os impulsos na iniciativa de instigar no povo um sentimento religioso, ligado ao catolicismo tradicional romano, tentavam, ao mesmo tempo, implantar no imaginário dos fieis uma noção de população abençoada por Deus, e protegida pela figura materna da Santa Aparecida. Assim, estaria livre dos ideais distintos da religião, trazidos pelos republicanos.

Trazendo a questão das romarias programadas como projeto de expansão da fé católica, outras peregrinações desta natureza passaram a ser realizadas com a mesma intenção daquelas acontecidas em 1900, tendo as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro como origem. Teresa Pasin, em seu livro *“Senhora Aparecida: romeiros e missionários redentoristas na História da Padroeira do Brasil (2015)”*, mostra que houve ainda outras viagens de cunho religioso que aconteceram, tendo como ponto de chegada a região de Aparecida. Uma das formas de reforçar o caráter já institucionalizado destas expressões da fé popular está no fato de que os bispos do Brasil, que iniciaram o processo de romanização do catolicismo brasileiro, recomendavam ao baixo clero, e aos fieis a noção de que as romarias seriam uma forma de homenagear Nossa Senhora Aparecida (PASIN, 2015).

O ano de 1900 ficou marcado como o ponto inicial das grandes romarias diocesanas a Aparecida, mas também proporcionou a iniciativa de algumas romarias paroquiais em visita ao Santuário. Teresa Pasin mostra que ainda neste referido ano chegaram a Aparecida 800 pessoas vindas da paróquia de Lorena-SP. Da paróquia de Guaratinguetá chegou um número de 5000 romeiros, e, sabe-se que da paróquia de Taubaté também houve uma peregrinação

com expressiva quantidade de fieis, mas, os números de peregrinos vindos desta romaria não estão apresentados dentre os documentos que embasam estes dados⁸⁴ (PASIN, 2015).

Tais informações demonstram que as romarias programadas obtiveram êxito em seus propósitos, e que também auxiliaram em um aumento real no número de peregrinos que chegavam a região para visitarem o Santuário onde se encontrava a imagem da Santa Aparecida. Estas romarias, conforme já apresentado, chegavam pela estação Central do Brasil, mais especificamente, a “Estação Aparecida”, criada por Dom Pedro II, para facilitar a vinda dos romeiros, e que fora inaugurada em 3 de julho de 1887 (PASIN, 2015). Entretanto, mesmo com muitos peregrinos realizando suas viagens de trem, ainda assim muitos eram os devotos que continuavam a ir a Aparecida, individualmente, e em grupos, a pé, a cavalo, e até de trem, mesmo sem fazerem parte de uma romaria programada.

Sobre tais aspectos, Augustin Wernet salienta que a peregrinação continuou sendo um ato predominantemente religioso mesmo que houvesse – pela presença da cômoda viagem de trem – certo esvaziamento do simbolismo: começava a estar ausente a dificuldade e o esforço da caminhada, símbolo e condenação, sendo que outrora a peregrinação se tratava de um esforço penoso, com sofrimento, cansaço e calor, e que acabou dando brechas para o surgimento de uma viagem de caráter religioso, com certo conforto na sua realização (WERNET, 2000). Creio que, neste momento, surgem os primeiros aspectos turísticos de uma “excursão religiosa” direcionada a Aparecida.

A ideia de um povo que peregrina e sofre para se chegar ao ápice de sua caminhada – no caso de Aparecida, a chegada ao Santuário – rememora a narrativa bíblica da saída do povo Hebreu da escravidão no Egito, em busca da chamada “Terra prometida”, descrita no livro do Êxodo. Nela o povo, liderado por Moisés, caminha pelo deserto, onde passa por vários tipos de tribulações e sofrimentos, a fim de se chegar a “terra onde corre leite e mel” (Ex 12: 40-41). Todavia, a narrativa bíblica narra que por causa da incredulidade do povo nas promessas de seu Deus – apresentadas por Moisés – demora um razoável tempo até alcançar o

⁸⁴ Os dados são apresentados no livro “*Senhora Aparecida: romeiros e missionários redentoristas na História da Padroeira do Brasil*” (2015), de Teresa Pasin, e a autora coloca como fonte “Crônicas da Comunidade Redentorista de Aparecida – ano 1901 – Missão na Paróquia. O cronista desta comunidade, e autor destes escritos que contém tais dados seria o padre redentorista alemão José Wendl”.

seu sonho, de se chegar à terra prometida⁸⁵. O mesmo Moisés não viu a chegada do povo que, segundo a narrativa bíblica, teria libertado. Josué teria sido o escolhido por Moisés para chegar, com o povo, à terra de Canaã (Dt. 3:28).

Esta narrativa também embasa as peregrinações a Aparecida, antes do primitivo conforto trazido pelas viagens em trens. Outrora, peregrinos viajavam em animais, ou mesmo a pé, em busca da chegada ao ambiente onde se têm o leite e o mel, ou seja, o sabor agradável do encontro entre o humano e o divino, representado em uma imagem que representa uma divindade feminina. Obviamente que as peregrinações a Aparecida não demandam de um tempo tão grande assim para se concretizar, entretanto, as dificuldades para a realização dessa jornada devocional são bastante maiores quando se trata de uma viagem com tamanhas dificuldades, quando se caminha, ou é levado pela força animal.

O conforto dos trens, e a presença de uma estação ferroviária próxima ao Santuário de Aparecida, ao passo em que favorecem um aumento na quantidade de peregrinos, diminuí, em certa medida, o caráter penitencial que as longas viagens já mencionadas proporcionavam. Tem-se, então, o princípio das chegadas a Aparecida dos primeiros turistas religiosos. São eles curiosos, amantes da arte⁸⁶, viajantes em passagem de São Paulo para o Rio de Janeiro, pessoas em busca de passeio, sem necessariamente se enquadrarem no âmbito das romarias programadas, ou serem membros de comunidades paroquiais.

Esta é uma característica bastante pontual no aspecto da realização das viagens a Aparecida, pois, pode-se observar que uma das razões que favoreceram o crescimento do número de visitantes ao Santuário se deu graças a esta já citada situação: a facilidade de acesso deu ao peregrino a possibilidade de conhecer a terra da Santa, sem necessariamente sacrificarem-se como aqueles que outrora realizavam as peregrinações, dificultosas, em visitação à igreja. O avanço de técnicas no que se refere a locomoção, promovida pela integração entre São Paulo e Rio de Janeiro, além da divulgação por parte dos peregrinos, das possíveis graças que fieis estariam recebendo por intermédio da Santa Aparecida, fez com que Aparecida entrasse, de vez, na rota dos grandes centros de peregrinações existentes no Brasil.

⁸⁵ O povo Hebreu, segundo o livro do Êxodo, permaneceu caminhando pelo deserto por quarenta anos, até chegar a então “terra prometida” (Ex. 16:35).

⁸⁶ Visto que o Santuário de Aparecida (no caso, Santuário antigo) se trata de um belo templo religioso, de herança barroca, e que dispõe de belas esculturas de madeira e barro representando alguns santos de devoção católica.

2- A organização das romarias, e sua reformulação.

O avanço tecnológico na área de transportes, e o investimento realizado pelo governo na construção da Ferrovia Central do Brasil, se tornaram agentes facilitadores das viagens à terra da Aparecida. Tal avanço pôde ser avaliado a partir de um artigo escrito no jornal “Correio Paulistano” em 4 de janeiro de 1884⁸⁷, citado por Júlio Brustoloni em “História de Nossa Senhora Aparecida: a imagem, o santuário e as romarias”, em sua última edição (2012). Ao apresentar um artigo de 1884, Brustoloni quer demonstrar a Estação Aparecida, e a utilização dos trens na realização das romarias, como sendo algo benéfico, e importante no aumento das peregrinações. Entretanto, relembra de maneira saudosista aquilo que ele chama de “pias viagens”.

O jornalista rememora seu tempo de criança, quando, junto com sua família, participava de romarias a Aparecida. Assim, o autor do artigo narra suas experiências de peregrinação:

“Antigamente, as Romarias à Capela da Aparecida tinham muito de pitoresco; eram as famílias que se moviam lentamente com os filhos pequenos, os pajens, os camaradas, as mucamas e o armazém ambulante às costas dos cargueiros. Havia os atoleiros que transpor, as pontes esburacadas, os ribeirões transbordantes com sem número de precipícios por toda a fita sinuosas das estradas reais. Felizes tempos! Ou quem sabe se não eram os meus doze anos, o meu desprendido coração de criança que superabundava e contentamento e derramava alegria por todas essas cenas de então, cuja lembrança me avisa saudades da família ausente, já por longas terras, já por esse mundo donde não se volta mais” (BRUSTOLONI, 2012, P.86).

O autor do artigo relembra algumas das características das antigas romarias a pé, partindo do pressuposto de que a chegada da Estação Aparecida, e a decorrente utilização dos trens para a realização das romarias acaba por retirar o caráter familiar, e penitente que as peregrinações a pé traziam ao ato de caminhar em busca de se chegar ao Santuário. Se por um lado tem-se o conforto e a agilidade proporcionados pelos trens, perde-se, por consequência, o

⁸⁷ O referido artigo possui a seguinte citação no livro “História de Nossa Senhora Aparecida: a imagem, o santuário e as romarias” (BRUSTOLONI, 2012): IBGE – Hemeroteca Júlio de Mesquita, Correio Paulistano, ed. De 04 de janeiro de 1884, artigo “Fia-te na Virgem”, assinado pelas iniciais E.F.

propósito penoso e piedoso que as peregrinações realizadas pelos viajantes, a pé, possuíam durante o trajeto.

Após alguns anos da instalação da Estação Aparecida, Brustoloni apresenta que a maioria dos peregrinos que visitavam o Santuário era oriunda de viagens de trem. Mas, isso não significou o fim das romarias a pé, a cavalo, ou a partir de outros meios de transporte movidos a tração animal. Outro que narra e apresenta as características das romarias que chegavam a Aparecida no final do século XIX, e início do século XX, foi o padre redentorista, alemão, Lourenço Gahr. Em uma carta escrita por ele no dia 1 de junho de 1895, e direcionada a outro religioso, Monsenhor Franz Brachar, residente em Bremen, na Alemanha, o padre Gahr salienta, assim, como se davam as romarias:

“Os romeiros, conforme um jornal do lugar, chegam a 150.000 por ano. A maior parte dos romeiros vêm de trem, mas, no tempo seco, de abril a novembro, vêm muitas caravanas com 15 até 30 cavalos, burros e cargueiros. As mulheres com criança ao colo cavalgam à frente, seguem-nas os cargueiros sem tropeiro, carregando alimentos e apetrechos domésticos, e de cozinha, cobertos de couro de boi, e tudo em jacás nas costas do animal; enfim, vêm os homens montados e tendo, muitas vezes, na frente e atrás da sela, um filho⁸⁸”. (BRUSTOLONI, 2012, p, 87).

É possível observar que, a partir dos escritos do religioso, que sua iniciativa ao escrever esta carta ao seu conterrâneo alemão era de apresentar o caráter penitencial deste fenômeno religioso existente no Brasil, que eram as peregrinações que aconteciam em situações onde os fieis caminham por muito tempo, e, por grandes distâncias, para visitarem a igreja da Aparecida. O padre Gahr até demonstra a realidade do contexto em que as romarias se encontravam no momento quando diz que a maioria dos peregrinos realizava a viagem em trens, todavia, enaltece e descreve com maior detalhamento, aquelas romarias onde os peregrinos se sacrificavam para realizá-la. Narrando, etnograficamente, a peregrinação, padre Gahr exalta o espírito de penitente do romeiro da Aparecida, e, principalmente, a religiosidade desse povo brasileiro que tanto apreço tinha pela imagem da Santa.

Com o aumento do fluxo de visitantes que iam a Aparecida, a partir das romarias programadas em 1900, a Central do Brasil começou a fornecer trens especiais para a

⁸⁸ COPRESP-A, vol. I, p. 231, carta nº 103 e Crônica da Comunidade Redentorista de Aparecida (Doc. nº 1), p.25.

realização destas. Sendo assim, era possível que os visitantes contassem, ao se organizarem, com o transporte que os levaria ao Santuário, ao mesmo tempo em que os viajantes que realizassem viagens de São Paulo ao Rio de Janeiro, pela Ferrovia Central do Brasil, não corressem o risco de não encontrarem bilhetes para a realização de suas viagens graças à fretagem de poltronas para a realização das peregrinações (BRUSTOLONI, 2012).

Até 1920, a estrada de ferro conservou o monopólio dos transportes dos romeiros, até o momento em que começaram a surgir os primeiros veículos movidos à gasolina e óleo diesel. Nessa época chegaram os primeiros automóveis vindos das precárias estradas que chegavam à região da então “Vila de Aparecida⁸⁹”. E, logo esses veículos passaram a ser utilizados para a realização de romarias. A primeira romaria programada realizada por automóveis se deu em 20 de novembro de 1923, quando 15 autos e 70 pessoas chegaram a Aparecida vindas da cidade de Jundiaí (BRUSTOLONI, 2012).

Adaptando-se ao progresso da chegada dos primeiros carros, logo foi construída uma nova estrada que ligasse a promissora cidade de São Paulo à capital da República, Rio de Janeiro. Em 1927 foi inaugurada a Estrada de Rodagem Washington Luís, que, além de interligar essas duas grandes metrópoles, interligava, também, as cidades do Vale do Paraíba entre si. É deste ano que se tem a formação da primeira companhia de auto-ônibus com linha regular entre Taubaté e Aparecida, chamada Empresa de Auto-ônibus de Nossa Senhora Aparecida (BRUSTOLONI, 2012).

Este foi o primeiro passo para a criação de outras empresas de ônibus que oferecessem transporte a romeiros que pudessem chegar a Aparecida. Brustoloni apresenta que três empresas passaram a operar linhas para o município de Aparecida, e disputavam passageiros que viriam de São Paulo: *“são essas as companhias que possuíam linhas a Aparecida: a Empresa Pássaro Azul, criada em 1933. A Empresa de Ônibus São Paulo a Lorena e Rápido Rodoviário São Paulo a Lorena. Outra empresa com o nome de Santa Luzia é mencionada, cujos ônibus subiam até a praça do Santuário. E, um ano depois, em novembro de 1935,*

⁸⁹ “Em 19 de dezembro de 1906, Aparecida é elevada à categoria de “Vila” (povoação). Passa a ter seu vereador e subprefeito, eleitos trienalmente pela Câmara Municipal de Guaratinguetá. (...) Desde o início de 1924, foi formada uma comissão para lutar pela obtenção da autonomia política de Aparecida. E, em 17 de dezembro de 1928, os sinos da igreja da Aparecida anunciaram a emancipação da Vila, desmembrando-a de Guaratinguetá. A partir do decreto de Lei nº 2,312, assinado pelo Congresso Legislativo do Estado de São Paulo, ficou criado o Município de Aparecida” (PASIN, 2015, p.215).

nascia a Empresa Pássaro Marrom, que ainda hoje é a líder no transporte de peregrinos para Aparecida” (BRUSTOLONI, 2012, p.90).

Há ainda que se dizer que, existiram outros meios de transporte que operaram na realização de romarias, utilizando-se, também, das rodovias. Os caminhões chamados de “paus de arara”, e as chamadas “jardineiras” (misto de caminhão com ônibus), levaram muitos romeiros das mais variadas regiões do país para a realização de sua peregrinação a Aparecida. Até a década de 1960, segundo Brustoloni, estes meios de transporte muito operaram no traslado de peregrinos. Para a regulação deste transporte de romeiros realizado pelos caminhões, há uma matéria presente no “Jornal Santuário de Aparecida” as exigências necessárias para que este tipo de viagem fosse realizada:

“foi aprovado através da Resolução n. 3285, de 8 de março de 1957, pelo Departamento de Estradas de Rodagem do Estado de São Paulo, o transporte em caminhões obedecendo as seguintes condições:

1ª – o motorista deve estar devidamente habilitado;

2ª – o caminhão deve ser vistoriado antes da partida pelas autoridades competentes de segurança; será assinada uma licença especial pelo Delegado da Polícia de onde partir a romaria;

3ª – deve ser colocada ao lado do caminhão uma faixa de pano com os dizeres ROMARIA A APARECIDA;

4ª – o caminhão deve ter toldo. Deve estar dotado de bancos com tábuas bem pregadas. Cada banco deve ter no máximo cinco pessoas. Na cabine, junto com o motorista podem viajar mais dois passageiros;

5ª – não é permitido viajar de pé” (PASIN, 2015, p.160).

Isto demonstra o quanto que as melhorias realizadas nas estradas, que passavam pela região do Vale do Paraíba, possibilitaram o aumento do número de peregrinos que passaram a se organizar e viajar nesta forma de meio de transporte. Pasin (2015) apresenta que “os caminhões vinham às dezenas, com aproximadamente cinquenta romeiros em cada um” (PASIN, 2015, p.161). Além das viagens de trem, e de ônibus, os caminhões – denominados “paus de arara”, ou “jardineiras” representaram uma acessibilidade ainda maior de populações de regiões mais distantes, e que ansiavam visitar o Santuário de Aparecida.

Apresentando um relato que aconteceu em minha vida em família, geralmente quando um membro da família começa a estudar em outra cidade, logo este acaba se tornando um dos assuntos das conversas envolvendo parentes. E, aconteceu que, em uma visita à minha cidade feita pela tia Francisca (uma tia-avó materna), para visitar a minha bisavó (mãe dela), ela se encontrou comigo e com minha mãe na casa onde minha bisavó ficaria por uns dias⁹⁰. E, nas conversas que tivemos, minha tia me perguntou sobre meu trabalho, e eu expliquei – até com certo detalhamento – como se dava meu estudo, e qual seria o andamento da escrita da dissertação.

Para meu espanto, minha tia começou a contar-me as experiências, em família, da realização de romarias a Aparecida lá pelas idas da década de 50 e 60. Minha tia me disse que na roça onde moravam, lá pras bandas do sul de Minas (Botelhos, Cabo Verde, Campestre) havia, uma vez por ano, uma grande romaria que visitava o Santuário. O dono de uma fazenda da região, onde minha família trabalhava, era o organizador da peregrinação. Ele planejava e contratava três ou quatro caminhões “paus de arara” para levar aqueles que quisessem participar da romaria.

O Sr. Sebastião (meu bisavô), e a dona Matilde (minha bisavó) costumavam ir, e levar os filhos mais novos. Os mais velhos, se quisessem, iriam por recursos próprios também na viagem. Tia Francisca era uma das caçulas, então, participou de algumas romarias como essa:

“A viagem era muito cansativa. Eu ia no colo da mãe, e a Nilza ia no colo do pai. O Zé e o Antonio já eram casados, então iam com as mulheres deles, mas sempre no mesmo caminhão. Acho que todos nós já fomos em romarias assim, filho, mas, nunca fomos todos juntos. Somos em quatorze, né? O pai não dava conta de levar todo mundo. Então, levava os pequenos, os do meio ficavam em casa com outros parentes que não iam, e, alguns dos mais velhos, também gostavam de ir na romaria. Teu avô e tua avó sempre iam.”

Meu avô, já falecido, era o filho mais velho da minha bisavó. Este relato de tia Francisca me chamou muito a atenção para as viagens de caminhão, ainda mais sabendo que minha família, há mais de 50 anos atrás, já participava de romarias a Aparecida. Neste

⁹⁰ Minha bisavó, dona Matilde (97 anos), reside na cidade de Campestre-MG com uma de suas filhas. Porém, a família está espalhada por algumas cidades, tanto de MG como de SP. Há dois filhos residindo em São João da Boa Vista, cidade onde resido, e minha bisavó ficaria uns dias conosco para consulta a um médico da cidade. Minha tia Francisca reside em Campinas-SP, e, aproveitando-se da proximidade com São João, aproveitou para também passar uns dias ajudando no cuidado da sua mãe.

trabalho, já havia sido escrito um relato de que, a ideia de se estudar este fenômeno social das romarias a Aparecida teve o seu início a partir de uma viagem feita por mim, junto de meus pais, e que me instigou a me aprofundar sobre esta temática.

Imagino mesmo o quanto que estas viagens deveriam ter sido cansativas, visto que, em pleno século XXI, eu me esgoto sempre que realizo viagens a Aparecida nos modernos ônibus atuais, que possuem ar condicionado, rede wifi, TV para assistir filmes. Confesso que minhas reclamações de cansaço se tornaram pífias perto das viagens que meus familiares realizavam por muitas estradas de terra, sentados em bancos de madeira, e, amontoados em cerca de 50 pessoas juntas em uma carroceria de caminhão.

Mas, continuando com a conversa com a tia Francisca, indaguei-a se ela teria mais algumas recordações dessas viagens em família, para que pudesse me relatar. E, suas lembranças continuaram a ser ditas:

“sabe, filho, eu me lembro que a gente viajava um dia inteiro pra chegar até lá. E, quando a gente chegava, logo já ia para a missa naquela igreja antiga. A igreja nova que se tem hoje estava começando a ser construída. Mas não cabia quase ninguém dentro da igreja, quase todo mundo que estava lá assistia a missa do lado de fora, e escutava o que o padre falava por causa de umas caixas de som. Bom, não eram caixas de som como a gente conhece hoje, eram como se fossem duas cornetas que estavam colocadas nas torres, ao lado dos sinos da igreja. Ah, uma coisa que eu lembro também é que, mesmo no meio da missa, tinha alguns fotógrafos que vinham falar com o pai pra ver se a gente queria tirar foto pra guardar de lembrança. Eu acho que deve ter essas fotos aqui ainda, na casa da sua tia Regina”

E, realmente essas fotos estavam na casa da tia Regina, em São João, onde minha bisavó ficaria hospedada. Eu poderia perguntar algumas coisas à minha bisavó, mas, ela já se encontra em idade bastante avançada, e, nas conversas com ela, o peso da idade já não ajuda mais nas lembranças. Remexendo nos álbuns antigos da família, eis que encontramos duas imagens da família em Aparecida. Na primeira, segundo minha tia do final da década de 50, estão meus bisavós, três filhos dela pequenos, e dois filhos mais velhos. Na imagem, também, aparece algumas pessoas que não eram da família. Minha tia me diz que são pessoas que também haviam ido na mesma romaria, e que, aproveitando a oportunidade de sair em uma fotografia, ficavam lá em frente da igreja para ter uma imagem de recordação daquele passeio.

Ainda sobre as fotografias em Aparecida, tia Francisca relata que naquela época, o único lugar onde as pessoas tiravam fotografias era em Aparecida. Tanto que, as únicas imagens que se tem da família reunida, quando os filhos da minha bisavó eram crianças ou jovens, eram aquelas tiradas em Aparecida pelos fotógrafos da praça da igreja. Pensando assim, as romarias, além de possuir o caráter religioso, pautado na devoção à Santa Aparecida, acabavam tendo outra finalidade: a possibilidade de se reunir parte da família, em torno dessa viagem, e, também, sendo uma espécie de ponto de encontro para que lembranças fossem colhidas e salvas na forma de imagens.

Sobre estes fotógrafos que se encontram na praça da chamada “basílica velha”, Denise Pimenta, na segunda parte de sua dissertação de Mestrado, defendida no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, na USP, denominada: “Ensaio sobre a promessa: quinquilharias de uma devoção” (2012), apresenta que *“Os fotógrafos, na praça em frente a Basílica Velha se juntam aos pipoqueiros, vendedores de picolé e todo tipo de barraquinhas de tiro ao alvo e ursos de pelúcia (...) e que eram, além de profissionais da imagem, verdadeiros observatórios e captadores de hi(e)stórias no período frequente de demorada espera por algum cliente querendo tirar alguma foto”* (PIMENTA, 2012, p.62).

De fato, a experiência desses profissionais da imagem remete a vida de um contador de estórias. Quantas já foram as famílias que passaram pelas lentes destes profissionais, e que acabaram tendo as suas emoções armazenadas nos papéis revelados por tais trabalhadores. No decorrer dos anos, muitos foram os que se dedicaram a este serviço de captação de imagens dos fieis que passassem em frente à igreja, inclusive membros de minha família. Há cerca de dez anos, tive familiares (dessa vez por parte da família do meu pai), que também se interessaram pelas imagens dos fotógrafos “lambe-lambe” de Aparecida. Mesmo sendo possuidores de câmera fotográfica, ainda sim meu tio fez questão de querer “tirar” uma foto a partir das mãos de um profissional das imagens. Essa foto também se encontra no acervo que será apresentado ao final deste trabalho.

O interessante desta questão é que, mesmo muitos anos após as primeiras imagens terem sido captadas pelas lentes dos fotógrafos lambe-lambe de Aparecida, ainda assim a tradição permanece. Mesmo com os avanços tecnológicos atuais onde, grande parte das pessoas que visitam Aparecida terem suas moderníssimas câmeras digitais, ou celulares com câmeras embutidas de última geração, cabe espaço nos anseios dos devotos para o interesse

em serem “capturados” pelas câmeras – por vezes simples – dos fotógrafos da praça da Basílica Velha. Algumas tradições são perpetuadas sem haver uma razão definida sobre sua razão, todavia, guardam a História de um tempo onde estes eram os únicos capazes de retratarem o povo pobre, antigo, que não possuía recursos para possíveis outros retratos, e, também, aqueles, pobres ou ricos, que querem não só obter uma fotografia tirada naquele lugar, mas, sim, fazer, simplesmente, parte de uma tradição.

A respeito das romarias do interior do país, vindas por meio de caminhões “paus de arara”, este se tornou, então, um evento que se deu no âmbito, também, de minha família, e há cerca de 50 anos atrás. Todavia, acredito que muitas outras famílias, dos mais distintos rincões do país, passaram pelas mesmas situações nas quais minha família passou, e, muitas outras imagens como aquelas guardadas na casa de minha tia Regina, rememoram eventos onde famílias puderam ter a sua história resgatada mediante as fotografias tiradas na mesma praça da “igreja velha”, em Aparecida. Na outra imagem encontrada nos álbuns da minha família, inclusive, minha mãe está nesta fotografia. Só que minha mãe não se lembra desse dia, pois, era muito nova. Quando meu avô se casou, minha mãe foi a primogênita. Porém, em poucos anos, a casa já estava cheia de crianças, e, meu avô deixou de participar dessas romarias, pois, não tinha dinheiro pra levar todo mundo, e, também, não tinha coragem de levar alguns filhos, e deixar os outros em casa. Esses já são relatos de dona Inez, minha mãe.

Esta categoria de romarias, vindas em caminhões “paus de arara”, se tornou uma maneira bastante representativa da chegada de fieis em visitação à cidade de Aparecida. A Estação Ferroviária passou a ser menos utilizada, na condução das romarias, e, a opção feita no Brasil pelo transporte rodoviário, em detrimento do transporte ferroviário, possibilitou o aumento de pequenas romarias organizadas em cidades do interior do país, vilarejos, ou “roças”, como dizia tia Francisca. Aquelas “romarias programadas” do início do século XX, organizadas pela hierarquia católica nas dioceses, paróquias, comunidades, deu também espaço às romarias organizadas pelas mais distintas pessoas, como alguns proprietários de fazendas (ou donos das roças), donos de comércio em bairros das cidades, enfim, podemos dizer que houve uma maior democratização das romarias – se é que este termo pode aqui ser utilizado – em função das diversas formas de organizações que passaram a viajar rumo a Aparecida.

Um detalhe que ainda não havia sido mencionado neste caso das rodovias foi que, em 1951 houve a inauguração da Rodovia Presidente Dutra, que interligava a cidade de São Paulo à cidade do Rio de Janeiro⁹¹. Segundo Brustoloni, a construção dessa rodovia colocou um ponto final ao aspecto provinciano do Santuário de Aparecida (BRUSTOLONI, 1979). Ou seja, a facilitação do acesso à cidade favoreceu o aumento de peregrinos de localidades mais longínquas até Aparecida, deixando as romarias de serem restritas a pessoas residentes das proximidades da região, ou de cidades pouco mais longes – mas ainda com possibilidades de realizar viagens para à cidade – para dar espaço aos peregrinos que, outrora, não possuíam condições para a realização das viagens. Segundo, ainda, Brustoloni, esta facilitação trouxe ao Santuário de Aparecida a característica de Santuário Nacional (BRUSTOLONI, 1979).

3- As romarias a Aparecida e o turismo religioso

Sobre turismo religioso, José Vicente de Andrade apresenta uma definição enquadrando-o como *“o conjunto de atividades com utilização parcial ou total de equipamentos e a realização de visitas a receptivos que expressam sentimentos místicos ou suscitam a fé, a esperança e a caridade aos crentes ou pessoas vinculadas”* (ANDRADE, 2001, p.77). No caso de Aparecida, a utilização de equipamentos para a realização das peregrinações à cidade teve o seu berço com a instalação da Estação Ferroviária Aparecida, em 1887 (PASIN, 2015). Nota-se que o surgimento das chamadas “romarias programadas” se dá alguns anos mais tarde, em 1900. Talvez haja relações envolvendo tais aspectos, pois, o caráter religioso de algumas visitas à cidade acabou ficando de lado, e o trabalho dos padres redentoristas na pastoral do Santuário não se tratava somente de (re) catequisar católicos com

⁹¹ A ligação rodoviária criada pelo governo das estradas, Washington Luís, em 5 de maio de 1928, já não dava conta da demanda de veículos e também do tamanho deles. Ônibus e caminhões, por causa do maior número de passageiros e cargas transportadas se tornavam maiores e as curvas fechadas e estreitas mais perigosas. Desde os anos de 1940, já era planos do Governo Federal refazer o trajeto entre São Paulo e Rio de Janeiro e investir pesado em estradas. No ano de 1946, por exemplo, foi criado, para este objetivo o Fundo Nacional Rodoviário. Em 19 de janeiro de 1951, com a participação do presidente Eurico Gaspar Dutra, era inaugurada a Rodovia Presidente Dutra, até então a BR 02, com uma solenidade em Lavrinhas, no Interior de São Paulo. A obra reduziu a distância entre as duas capitais em 11 quilômetros. Disponível em <https://blogpontodeonibus.wordpress.com/2011/01/22/os-60-anos-da-rodovia-presidente-dutra/>. Acesso em 3 de janeiro de 2016.

heranças populares em sua devoção, mas também tentar implantar a fé Católica naqueles não tão crentes, que visitavam a Aparecida.

Christian Oliveira, em seu livro: “Turismo Religioso” (2004) nos mostra que o fato de a região de Aparecida se encontrar em uma localidade propícia a visitação, e, graças a infraestrutura organizada, viabilizada pela chegada da Estação Aparecida (braço da Ferrovia Central do Brasil), a vinda de visitantes para conhecerem o Santuário de Aparecida obteve significativo aumento. Sobre a definição de turismo religioso, apresentada por José Vicente Andrade, Christian Oliveira salienta que:

“Em Aparecida podemos notar constante superação de tal enquadramento na medida em que a localização estratégica da cidade-santuário vem sendo renovada ao longo de quase três séculos. Desde a “pesca milagrosa” da imagem de Nossa Senhora da Conceição no rio Paraíba do Sul, que originou a devoção tradicional, tem-se observado certas vantagens geográficas capazes de superar esses sentimentos místicos específicos” (OLIVEIRA, 2004, p.42).

Ao apresentar o contexto das viagens a localidades sagradas, José Vicente de Andrade apresenta uma classificação que possibilita uma diferenciação envolvendo as razões que as qualificam. Sobre a questão da “romaria”, o autor apresenta a definição de que se trata de uma “visitação sem pretensões evidentes”, ou seja, uma viagem relacionada a um passeio, mais ligada ao turismo religioso. Os praticantes das chamadas romarias, de acordo com análise realizada por este estudo, teria tido o seu surgimento a partir do momento em que transformações logísticas foram sendo realizadas no entorno do Santuário de Aparecida, já em finais do século XIX, com a construção da Ferrovia Central do Brasil, e a criação da Estação Aparecida, que trouxe aos visitantes bastante comodidade, e, proximidade à igreja onde se encontrava a imagem da Aparecida.

O autor apresenta, também, o que ele chama de “penitência”, como sendo um ato “com o propósito de expiação dos pecados cometidos”. Uma das principais características dos Santuários de devoção Católica é a crença de que estes ambientes religiosos propiciam uma possibilidade de conversão. Os padres redentoristas, quando chegaram para o trabalho no Santuário de Aparecida, logo iniciaram os trabalhos de atendimentos das chamadas

confissões⁹² (BRUSTOLONI, 1979). Esta é uma característica de visitação bastante recorrente em Aparecida. À época, os fieis, em muitas ocasiões, não possuíam contato frequente com religiosos, chegando, muitas das vezes a encontrar-se com um sacerdote apenas nos momentos de viagens ao Santuário da Aparecida (PAIVA, 2007).

Como última característica de viagem a locais tidos como sacros, Andrade apresenta o que ele classifica como “peregrinação”, que seria “*uma visita para o cumprimento de promessas*”, algo muito comum em viagens a grandes templos do catolicismo, ou lugares em que exista uma áurea mística que possibilite uma relação de cumplicidade entre o fiel e o seu objeto de devoção – representante de uma divindade – onde é possível que haja “troca de favores” envolvendo o crente e a entidade divina.

Tal troca se assemelha àquilo que Mauss chama de “fenômeno da Dádiva”, ao realizar estudos entre os povos da Polinésia, da Melanésia e os indígenas da América do Norte. Existe, entre o devoto e a representação da divindade, uma relação onde a promessa é feita, e, caso haja a realização do desejo pretendido, o fiel passa a ter, como missão, de cumprir o que prometera. Esta lógica se assemelha ao que Mauss apresenta como “dar, receber e retribuir”, presente no livro “*Ensaio sobre a Dádiva*”⁹³ (2013).

Este é um dos pontos a serem tratados quando se refere a romarias a Aparecida: a presença de pessoas que não são pertencentes a nenhuma comunidade paroquial, nem que se dediquem a seguir os ensinamentos da Igreja Católica Apostólica Romana, ou ao menos ter alguma herança do catolicismo em sua vida.

A questão do turismo religioso, com destino a Aparecida, teve o seu crescimento com a possibilidade facilitada que a Ferrovia, e a Estação Aparecida trouxeram, e, propiciaram aos redentoristas o desafio de trabalhar com duas correntes distintas: a de readequação ao catolicismo ultramontano daqueles praticantes de um catolicismo popular, por vezes supersticioso, e a intenção de tentativa de evangelização de não crentes que chegassem em visitação ao Santuário.

⁹² Conversa envolvendo um fiel, e um sacerdote católico, na qual o penitente narra ao religioso os seus atos que ele considera como sendo de natureza pecaminosa, dos quais ele se considera arrependido. Cabe ao sacerdote ouvir tais atitudes e, “em nome de Deus”, perdoá-las.

⁹³ Haverá um aprofundamento maior nesta questão da Dádiva no decorrer do trabalho, principalmente no momento em que houver a contextualização com o trabalho etnográfico atual.

Conforme já apresentado no capítulo anterior, a opção feita no Brasil pelo transporte rodoviário, e a construção da Rodovia Presidente Dutra, inaugurada em 1951, foram fatores que propiciaram o aumento de peregrinos que começaram a chegar à cidade por meio de carros, ônibus, e caminhões “paus de arara”. Também, nesse momento surgem as primeiras companhias de ônibus que começam a realizar trajetos que passam pela região de Aparecida, e, aproveitam para desembarcar passageiros na própria cidade da Santa, ou para embarcar outros que já estivessem por lá.

Temos, assim, o surgimento do que este trabalho trata como sendo os visitantes ocasionais, que são aquelas pessoas que residem nas proximidades da capital do Estado de São Paulo, Vale do Paraíba paulista e Carioca, e habitantes das proximidades da capital fluminense, que realizam suas viagens a Aparecida, desde esse período do início das companhias de ônibus, que passaram a realizar os trajetos para Aparecida. A facilidade que a rodovia Presidente Dutra deu para o acesso à cidade de Aparecida, fez com que surgissem, também, as primeiras organizações para a utilização dessas romarias, como sendo fortes expoentes para o chamado turismo religioso. Empresas também surgem, neste contexto, para organizar excursões para Aparecida, e, conseqüentemente, trazer uma nova categoria de romaria existente até então.

Augustin Wernet, em seu artigo: “Peregrinação a Aparecida: das romarias programadas ao turismo religioso” (2000) retrata a contextualização em que se deu essa passagem das romarias sob a liderança institucional da igreja, para aquelas romarias organizadas em comunidades, por vezes, sem vínculo institucional católico:

“Os trens da Central já não traziam mais muitos romeiros. Em compensação os automóveis, os caminhões e, sobretudo, os ônibus transformaram a paisagem das ruas de Aparecida. Os ônibus, fretados inicialmente por associações católicas, organizações leigas e por paróquias, lentamente cedem lugar a “romarias”, ou excursões religiosas organizadas por empresas turísticas que realizam excursões a Aparecida no mesmo plano das excursões para Foz do Iguaçu ou Paraguai. A própria modernização e secularização da sociedade contribuiu para essa evolução. Não há um ‘diretor geral’ da excursão religiosa que assume as responsabilidades pelas rezas e pelos cânticos a serem entoados pelo caminho. Não há leitura de trechos da Bíblia. Tampouco é uma profissão pública da fé. A organização é feita pela empresa e a viagem não é mais ocasião para qualquer tipo de ação pastoral por parte da Igreja institucional. A empresa turística oferece um ‘bem religioso’ como sendo um ‘bem turístico’ como qualquer outro bem turístico como por exemplo uma beleza da natureza ou um lugar histórico como Ouro Preto. E este ‘bem turístico-religioso’ é vendido em pacotes e com

preços acessíveis a serem pagos em suaves prestações. A peregrinação, para a empresa turística, é uma excursão qualquer, excursão que sobretudo visa lucro. Às vezes ainda é a paróquia ou uma organização religiosa que se encarregam em arranjar um número suficiente de peregrinos, e, às vezes, também este trabalho é assumido pela empresa de ônibus. Neste último caso, para a Igreja, a ação pastoral com os peregrinos fica restrita às atividades pastorais no próprio Santuário” (WERNET, 2000, p. 87-88).

Surge então, neste contexto, um forte turismo religioso realizado na direção do Santuário de Aparecida. Mais uma vez é tratado neste trabalho a questão de que, com esta nova categoria de peregrino que chega a Aparecida, o número de visitantes aumentou significativamente. E, a pequena igreja construída pelo padre Vilela, no final do século XVIII, e que passou por diversas reformas que garantiram sua sobrevivência por tantos anos, observou-se que tal templo religioso não era mais suficiente para abrigar a grande quantidade de pessoas que passavam pela cidade em visita à Santa. É neste contexto que, em finais dos anos 40 do século passado que, os padres redentoristas decidiram que um novo templo, bem maior, deveria ser construído para receber estes visitantes.

Os padres redentoristas foram então, ao arcebispo de São Paulo, Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, que de prontidão concordou com os religiosos de Aparecida sobre a construção deste novo templo. Depois de muitas conversas, e negociações, ficou definido que a nova igreja seria construída no chamado “Morro das Pitas⁹⁴” distante cerca de 300 metros do famoso rio Paraíba do Sul. O terreno neste referido morro era de propriedade de uma família do Rio de Janeiro. O senhor arcebispo, Dom José Gaspar, em 1943 se dirigiu à capital do país para assinar a escritura de compra do referido terreno, entretanto, na sua volta, houve um acidente aéreo que culminou na morte do religioso. Todavia, a minuta de compra do terreno foi encontrada em meio aos destroços. Porém, os membros da cúria diocesana de São Paulo paralisaram a transação, esperando que um novo Bispo fosse nomeado, e deixando para ele a futura decisão sobre tal possível construção (BRUSTOLONI, 1979).

O sucessor do religioso falecido foi o cardeal Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta que, dois anos após sua nomeação, decidiu que a construção do novo templo deveria ser iniciada o mais rápido possível. Entretanto, o Brasil ainda estava sobre o regime da ditadura

⁹⁴ Aparecida é uma cidade cercada por morros, aos pés da Serra da Mantiqueira. A primeira igreja de Aparecida foi construída no chamado “Morro dos Coqueiros”. A primeira intenção de se construir um templo maior, para o acolhimento dos visitantes, era de se utilizar do “Morro do Cruzeiro”. Por fim, a construção deste templo se deu no chamado “Morro das Pitas”.

varguista, e o início de uma possível imponente construção, como os redentoristas, e o cardeal Motta gostariam, só seria possível mediante a assinatura do interventor de São Paulo (ALVAREZ, 2014).

A ditadura varguista teve o seu fim, mesmo assim, o início das obras para a construção do novo templo, dedicado à Santa Aparecida, teve o seu início apenas cerca de dez anos mais tarde. Um redentorista, de nome Antão Jorge Hechenblaickner, foi nomeado reitor do Santuário de Aparecida, e, logo se engajou nesta empreitada para a construção da igreja. Nas palavras de Rodrigo Alvarez (2012) *“padre Antão era um missionário austríaco obstinado, tão disposto a levantar a nova igreja que escreveu mais de cem cartas a senadores, deputados e ministros de Estado pedindo dinheiro para a obra”*⁹⁵ (ALVAREZ, 2014, p. 210).

Era pedido, também, dinheiro aos fieis, para que colaborassem para a construção deste novo templo. E, em novembro de 1955, teve início a referida obra. O projeto era bastante ambicioso: uma igreja com 173 metros de comprimento, grande o suficiente para se tornar a segunda maior basílica do mundo, menor apenas que a de São Pedro, no Vaticano (ALVAREZ, 2014). A inauguração de parte desta Nova Basílica se deu em 15 de agosto de 1967. Nas palavras de Wernet (2000), Aparecida ganhou ao lado da imagem da Santa Aparecida, um segundo “bem turístico” – a própria Basílica Nova (WERNET, 2000).

- 4- Aparecida enquanto fonte política de apoio à construção de uma identidade nacional brasileira.

O Santuário de Aparecida, desde sua construção, instigou a ala política brasileira a buscar apoio na devoção popular a Nossa Senhora Aparecida, na tentativa de aliar a imagem da santa às suas próprias imagens. Muitos foram os que ambicionaram serem membros da

⁹⁵ “Padre Antão conseguiu que o próprio presidente Getúlio Vargas autorizasse a doação de 10 milhões de cruzeiros. Era metade do dinheiro que se estimava necessário para a construção da cripta da basílica. E o argumento para se usar o dinheiro de um Estado supostamente laico para uma obra religiosa era, principalmente, que as atuais instalações do santuário, além de pequenas e precárias, são impróprias para receber tão avultado número de pessoas, e muito mal impressionam o visitante estrangeiro, resultando em desprestígio do país” (ALVAREZ, 2014, p. 210).

irmandade que administrava o Santuário, pois, assim, poderiam estar próximos aos cofres de esmolas direcionados à Santa, chegando, muitos, a usurpar esse dinheiro em funções próprias. Além de “apoio financeiro”, a devoção à Santa trazia aos políticos o apoio popular daqueles que possuíam grande crença na imagem de Nossa Senhora Aparecida, e que, possivelmente, creditariam os seus votos àqueles que também possuíam ligações com essa devoção.

Dentre os políticos do Brasil que buscaram apoio da Santa, seja financeiramente, de maneira devocional, ou mesmo, buscando parceria com aqueles que nutriam grande crença nessa representação de divindade, Tereza Pasin (2015) apresenta que, mesmo antes da declaração de independência dada pelo Príncipe Regente – Dom Pedro I – em setembro de 1822, em agosto deste mesmo ano, o Príncipe se fez presente no Santuário de Aparecida, junto de sua caravana, para um encontro com o então capitão-mor de Guaratinguetá Jerônimo Francisco Guimarães. Aproveitando-se do ensejo, Dom Pedro I adentrou ao Santuário, e ali permaneceu realizando suas orações por um espaço de tempo. (PASIN, 2015).

Desde o início da República, Estado e Igreja estavam separados a partir do fim da chamada “política do Padroado”. Entretanto, Estado e Igreja nunca estiveram separados literalmente, pois, estas duas instituições sempre estiveram unidas, a fim de fazerem valer seus interesses junto ao povo brasileiro. João Paulo Berto, em seu artigo “Força Política da Fé: Estado e Igreja na Formação Identitária Nacional⁹⁶ em Torno da Imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida (1904-1931)” (2010) retrata bem esse contexto envolvendo as relações entre Igreja e Estado durante a República Velha, até o governo Vargas. Em suas palavras, nos mostra que “*no período entre 1916 e 1945, líderes católicos passaram a utilizar a política como um meio eficaz de atuação, buscando uma aliança com o Estado a fim de influenciar a sociedade*” (BERTO, 2010, p.9).

E, outro autor que retrata esta mesma lógica de pensamento, Scott Mainwaring, em seu livro “A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916-1985)” (1989), nos mostra que, o Estado “*percebendo que tinha muito a ganhar com a Igreja, segurou essa oportunidade de negociar alguns privilégios em troca de sanção religiosa*” (MAINWARING, 1989, p.47). A Igreja

⁹⁶ Outro autor que apresenta a relação entre catolicismo e a pátria brasileira foi Pierre Sanchis (1997) que se refere a tal fato dizendo que “*sabe-se que no decorrer dos séculos, elaborou-se do lado da Igreja uma ideologia do Brasil essencialmente e sociogeneticamente ‘católico’, ideologia que assegurava à estrutura eclesiástica um lugar central no mundo da ‘Pátria’, permitindo-lhe reivindicar legitimamente um papel correspondente em meio aos poderes políticos da nação. É desta etapa da história que o Brasil e o catolicismo não acabam – dialética e ambigualmente – de sair*” (SANCHIS, Pierre. 1997. p. 29).

voltou seu olhar buscando apoio no Estado para garantir suas pretensões, ao mesmo passo em que o Estado corroborou com os ideais religiosos, tendo como meta garantir apoio em uma instituição ouvida e seguida por uma grande quantidade de pessoas, no Brasil.

Havia o desejo por algo que fosse capaz de unir a população brasileira, facilitando a ação da Igreja em um território onde grande parte do povo ainda estava espalhada. Era necessário um imaginário social coletivo forte que representasse a nova nação brasileira, aos moldes católicos (BERTO, 2010). Para que houvesse, então, essa noção de pertencimento do povo brasileiro a uma nação, tentou-se utilizar a simbologia da devoção a Santa Aparecida como representação dessa união popular dentro do país.

A implantação de símbolos ou alegorias na implantação e legitimação do novo regime foi utilizada, neste caso, e, José Murilo de Carvalho, em seu livro “A formação das almas: o imaginário da República no Brasil” (1990) apresenta que essa proposta possibilitou a construção de um corpo nação, seu povo, sua gente, enfim, a própria sociedade nacional. Sobre a utilização de símbolos, Carvalho mostra que:

“Para que funcionasse a república antiga, para que os cidadãos aceitassem a liberdade pública em troca da liberdade individual; para que funcionasse a república moderna, para que os cidadãos renunciassem em boa parte à influência sobre os negócios públicos em favor da liberdade individual – para isso, talvez, fosse necessária a existência anterior do sentimento de comunidade, e identidade coletiva, que antigamente podia ser o de pertencer a uma cidade e que modernamente é o de pertencer a uma nação” (CARVALHO, 1990, p.32).

Viu-se na figura da imagem Santa uma importante fonte de obtenção dessa unidade nacional, em torno da fé. Outrora, antes mesmo da chegada de Vargas ao poder, Igreja e Estado já haviam iniciado essa tentativa de união nacional a partir de uma “mariolatria católica” – vertente de ensinamento da doutrina Católica, pautada na crença de que Maria, a Mãe do Cristo, seria peça importante no desenvolvimento da fé –, que passou a ocupar espaço no país, sendo que caberia à Santa Aparecida conseguir dar um sentido de comunhão nacional a vastos setores da população. Isto se tornou marcante na realidade do país que, a partir dos incentivos ao culto a Maria – devoção profundamente enraizada desde o princípio da colonização do Brasil –, por parte da hierarquia católica brasileira, resultou em um pedido do

clero brasileiro ao Papa Pio X, a autorização para coroar Nossa Senhora Aparecida como Rainha do Brasil. Tal autorização foi concedida, e, e, 8 de setembro de 1904, houve a então coroação⁹⁷.

A intenção de se coroar a imagem de Nossa Senhora Aparecida, era de, ao relembrar uma expressão monárquica recém-extinguida, buscar evidenciar a força da devoção à Santa, e colocar sua presença na vida do país, frente às limitações impostas pelo novo regime republicano. A princípio, o catolicismo teve parte do seu poderio sob o país diminuído frente a Proclamação da República, todavia, obteve a autonomia necessária para idealizar uma nova alternativa para realçar sua importância no cenário político brasileiro. Ao mesmo tempo em que rejeita a figura de um rei, e não anuncia sua aliança com a República, a Igreja Católica Brasileira torna evidente essa disputa com o Estado pela simpatia do povo.

José Murilo de Carvalho (1990) salienta, ainda, que a data escolhida pelo clero brasileiro, para a realização da cerimônia de coroação da imagem da Santa Aparecida, possuiu uma simbologia importante. A celebração ocorreu um dia após a comemoração da independência, uma designação monárquica (CARVALHO, 1990). Estabelecer Nossa Senhora Aparecida, como Rainha do Brasil, evidenciava a lógica de que, mesmo sob a égide de um regime republicano, presidencialista, ainda assim o Brasil, cuja população católica à época era grandiosa, estaria sob o poder de outro soberano, simbolizado na figura de Maria, uma representação de divindade, tida por rainha do povo brasileiro.

João Paulo Berto comenta tal fato ocorrido salientando que *“a coroação oficial da imagem de Nossa Senhora Aparecida, como símbolo sagrado sustentado por um sentimento nacional-patriótico, o projeto católico de não perder espaço frente a um Estado laico começou a tomar novo fôlego”* (BERTO, 2010, p.17). Assim, o Estado dava grande credibilidade ao catolicismo brasileiro, enxergando nele uma grande possibilidade de se

⁹⁷ Foi colocada sobre a cabeça da imagem uma coroa de ouro, ricamente adornada de diamantes, doada pela Princesa Isabel quando visitou a igreja de Nossa Senhora Aparecida em 1868 (BRUSTOLONI, 1979). Mesmo antes dessa visita, conforme já apresentado, o avô da princesa, e primeiro imperador do Brasil – Dom Pedro I – esteve visitando a igreja da Aparecida. Na fachada da frente da igreja existe uma placa comemorativa, de pedra, trazendo escrito o acontecimento da visita do Príncipe Regente, e realçando que tal visita se deu pouco antes da declaração de independência do país. Acredita-se que, durante a viagem de ida da comitiva de Dom Pedro I a Santos – cuja viagem de volta foi o suposto cenário da declaração de Independência do Brasil – tenha acontecido a parada na região de Guaratinguetá para o encontro com o capitão-mor, e posterior visita ao Santuário de Aparecida.

chegar às massas, mediante a crença do povo. Estando unidos, Igreja e Estado poderiam alcançar seus objetivos, um apoiando-se no outro.

5- Aparecida e os poderosos

Em seu livro “Senhora Aparecida: romeiros e missionários redentoristas na História da Padroeira do Brasil” (2015), Tereza Pasin traz vários relatos de presidentes do Brasil que, durante a República Velha, fizeram várias visitas a Aparecida, com o intuito de realizar suas práticas devocionais, ao passo em que ansiavam ligar a sua imagem à de uma pessoa devota da santa Aparecida. Nos relatos de Tereza Pasin, os presidentes: Rodrigues Alves, Wenceslau Brás, Epitácio Pessoa, e Washington Luís, marcaram presença em Aparecida. Dentre essas visitas, destaca-se a de Rodrigues Alves, relatada por Pasin (2015) da seguinte forma:

“Já eleito Presidente do Brasil, visitou Aparecida no dia 14 de maio de 1902. Na Estação Ferroviária foi recebido pelo Bispo Diocesano Dom Antônio Candido de Alvarenga, o Vigário, Padre Gebardo Wiggermann, os redentoristas Vicente e João, professores, alunos, autoridades, sendo saudadas pelo Coronel Rodrigo Pires do Rio em nome dos aparecidenses, conversou por um tempo, prestigiou a apresentação da Banda Aurora Aparecidense e seguiu viagem. Segundo o Jornal Santuário de Aparecida, esta foi a primeira visita de um Presidente da República a Aparecida”. (PASIN, 2015, p.150).

Getúlio Vargas foi outro que teve grande relação com o clero que trabalhava em Aparecida. Berto (2010) mostra que a ligação envolvendo Getúlio Vargas e a Igreja Católica, no Brasil, se mostrou ainda mais frutífera, pois o presidente buscou apoio nos grupos tradicionais brasileiros, para consolidar seu poder. Houve uma cooperação mútua envolvendo a Igreja e Vargas, pois, ambos viam em si a necessidade de alcançar os objetivos que lhes interessava. E, tanto Estado, quanto Igreja enxergavam na devoção dos brasileiros a Nossa Senhora Aparecida, a possibilidade de união do povo, ansiando que este pudesse se envolver em um pensamento de Estado-Nação.

A Revolução de 1930 marcou um período da História do Brasil de ruptura com o antigo regime, permeado pela chamada “República do café com leite”, onde a oligarquia cafeeira deixou de possuir seu domínio sobre o mais alto posto do país. Marcou, também, um momento de reintegração da Igreja no Estado brasileiro, ampliando, ainda mais, as influências que um influenciaria sobre o outro. Berto (2011) nos mostra que houve uma cooperação mútua entre a Igreja e Vargas, mesmo havendo a separação de poderes, cada qual buscando seus interesses. Após a Revolução, Vargas buscava encontrar um meio de chegar, de modo mais eficaz, até as massas, e uma possível aliança com a Igreja Católica brasileira poderia ser uma forma para fazer prevalecer tais vontades. Para a Igreja, essa aliança com Vargas poderia aumentar sua atuação dentro do país.

Dessa forma, delineava-se um panorama de confluência de interesses, em que tanto Igreja quanto Estado buscavam, entre si, fatores que alicerçassem suas estruturas. Tanto que, juntos, conseguiram do Vaticano a autorização para dar a Nossa Senhora Aparecida o título de Rainha e Padroeira do Brasil (BERTO, 2015):

“Sob a ação do clero brasileiro, coube ao Papa Pio XI, em 1930, proclamar Nossa Senhora da Conceição Aparecida como Padroeira do Brasil. Uma grande preparação foi executada para a data da cerimônia, cujo intuito era, mais uma vez, reforçar o poder da Igreja e o desejo por uma aproximação aos anseios e sentimentos do povo. Para tanto, a imagem foi trasladada de Aparecida para a Capital Federal, partindo de trem em uma espécie de vagão capela na noite do dia 30 para 31 de maio de 1931, acompanhada pelo Arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva, o Cabido de São Paulo e vários padres redentoristas (...). Ao chegar ao Rio de Janeiro, a imagem foi levada para uma missa campal realizada na porta da igreja São Francisco de Paula, contando com grande apoio e manifestações populares, além da presença de autoridades civis e militares, do Corpo Diplomático e do presidente Getúlio Vargas” (BERTO, 2011, p. 18-19).

Tal declaração de que Nossa Senhora Aparecida seria a Padroeira do Brasil, de maneira clara, tratou-se de um acontecimento de cunho político. Os interesses do Estado e da Igreja se mostraram atendidos, ao passo em que tal celebração se deu na cidade do Rio de Janeiro, segundo solicitação do presidente Vargas. Foi uma maneira de ligar a imagem da Santa Aparecida não só como padroeira dos católicos brasileiros, mas também da nação como um todo. Um dos membros da alta cúpula da Igreja Católica no Brasil, que mais se empenharam em construir essa aliança entre Estado e Igreja foi o Arcebispo do Rio de

Janeiro, Cardeal Sebastião Leme, que tinha por intuito “*fazer a proclamação de Nossa Senhora Aparecida como Padroeira do Brasil inteiro na Capital Federal do modo mais solene para o povo todo ficar mais compenetrado do Padroado de Nossa Senhora Aparecida*” (CÚRIA METROPOLITANA DE APARECIDA. Livro do Tombo nº 3 da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida 1914-1933. Fls 139v e 140. Sessão 5. Parte8. Grupo 3).

A Igreja Católica brasileira quis demonstrar toda a sua pompa, dando bastante destaque a esta celebração. Grande parte do clero nacional se fez presente, trajando os mais solenes paramentos que se tinham, dando a celebração um caráter semelhante ao das antigas coroações Papais. E, o Estado (personificado na figura do chefe do Executivo brasileiro), também demonstrou especial atenção a tal acontecimento. Tereza Pasin narra que o presidente Getúlio Vargas se dirigiu ao trem em que a imagem da Santa estava, e recebeu das mãos de um religioso, a referida imagem (PASIN, 2015). Cumprindo o protocolo de um chefe do Poder Executivo de um país, o anfitrião se manteve esperando a chegada de outra “autoridade” recém-nomeada. No caso, uma autoridade não física, mas, espiritual.

Segundo o livro do tomo da Paróquia de Aparecida, essa celebração “*foi sem exagero a maior manifestação de fé desde o descobrimento não só do Brasil, mas da América do Sul*” (CÚRIA METROPOLITANA DE APARECIDA. Livro do Tombo nº 3 da Paróquia Nossa Senhora Aparecida 1914-1933. Fls 140v. Sessão 5. Parte 8. Grupo 3). Nas palavras de Andréa Alves, “*nesta ação, é possível notar o empenho da Igreja em edificar a ‘aliança’ com o Estado*⁹⁸ – *personificado pela presença de Getúlio Vargas – deixando transparecer esse desejo, nas representações das festividades e na certeza de ter Nossa Senhora Aparecida como padroeira oficial do Brasil, com o respaldo estatal e eclesiástico*”. (ALVES, 2005, p.83).

É possível analisar este acontecimento, também, com o auxílio da obra de Alcir Lenharo “Sacralização da Política” (1986), onde o autor salienta que o governo foi capaz de se apropriar de símbolos, figuras, entre outros elementos pertencentes ao universo teológico,

⁹⁸“*Vale também notar que o apelo entre Igreja e Estado ainda seria observado neste mesmo ano de 1931, quando, em 12 de outubro, inaugurou-se, também no Rio de Janeiro, a estátua do Cristo Redentor, no alto do Corcovado. Tal solenidade contaria com a presença do presidente Getúlio Vargas, ministros, autoridades civis e militares, representantes do Papa e o Cardeal Leme que, anteriormente havia consagrado a Nação à proteção da Virgem da Conceição Aparecida (como um padroado às avessas), volta agora a refazer os votos ao Coração Sacratíssimo de Jesus, reconhecendo-o para sempre como seu Rei e Senhor*” (BERTO, 2011, p.22).

secularizando-os e os transformando em matéria de domínio público. Ou seja, nesta celebração de posse de Nossa Senhora Aparecida, como Padroeira do Brasil, tinha-se, não uma comemoração unicamente de cunho religioso, mas também, uma festividade de âmbito civil, nacional.

Estado e Igreja reconhecem na Santa Aparecida uma forma de impor e fazer valer os seus objetivos, algo que leva a um exorbitante crescimento da força da imagem no que se refere à amplitude de reconhecimento e de devoção. A Igreja mostra-se a primeira a tomar tal atitude, demonstrando profunda habilidade ao promover concentrações populares para homenagear a santa. Ambos os poderes atuaram ordenando o universo religioso da população, composta em um cenário extremamente teatral – graças às pomposas e espetaculares cerimônias da Coroação de Nossa Senhora, em 1904, quanto do Padroado, em 1931 – algo que fora pretendido no sentido de se chamar a atenção da maioria dos brasileiros, visando reforçar a fé Católica Nacional (BERTO, 2011).

Já o Estado Varguista via na figura de Aparecida uma grande aliada aos seus projetos. Ao dar apoio aos desejos católicos de levantar Nossa Senhora Aparecida, como Padroeira do Brasil, Vargas compreendia toda a força que essa imagem possuía no imaginário popular e religioso brasileiro. A busca por uma identidade nacional que unisse grande parte da população facilitaria sua atuação e este, conhecendo a força do sentimentalismo que a religião poderia trazer, apelaria para a Igreja e com ela travaria uma aliança, mesmo que não declarada, mas que auxiliaria estes dois lados até então, pelo fim do regime do Padroado, isolados.

A formação de um sentimento de unidade nacional que a figura de Aparecida proporcionou foi inculcada de modo direto pelos dois poderes como forma de legitimar dois novos governos: a Igreja que “renasceu” com a separação em 1890, mas ainda não tinha o espaço próprio que pretendia ter, e a vontade de implantar um novo modelo de Estado, por Getúlio Vargas, iniciado a partir da Revolução de 1930 (BERTO, 2011).

Conforme já visto neste trabalho, no final dos anos 1940, houve o início de um pensamento de construção de uma nova igreja para a Aparecida. E, a relação frutífera envolvendo a Igreja Católica no Brasil, e o Estado liderado por Vargas, possibilitou uma doação por parte do governo de 10 milhões de cruzeiros para a construção deste templo.

Segundo Alvarez (2014), esse dinheiro seria a metade do valor que se estimava ser necessário para a construção da cripta da Igreja (ALVAREZ, 2014). A justificativa para uma doação significativa de um Estado laico para uma obra religiosa era que as instalações que o Santuário de Aparecida possuía além de pequenas eram precárias, e impróprias para receber tão avultado número de pessoas, e muita mal impressionavam o visitante estrangeiro, resultando em desprestígio do país (ALVAREZ, 2014).

Novamente estava exposta a parceria entre o governo Vargas⁹⁹, onde o presidente assinou um decreto-lei que justificava as doações de dinheiro público considerava a obra da nova basílica como sendo de interesse nacional, e concedia a então Arquidiocese de Aparecida¹⁰⁰ isenção e impostos e outros favores legais, como o direito de desapropriar terras quando fosse necessário (ALVAREZ, 2014). O argumento do governo, para justificar tal doação, estava pautado na ideia de um investimento federal em um local em que existia uma grande fonte de turismo-religioso, contudo, sabe-se que, além disso, o interesse Vargas era o de reforçar sua aliança com o clero brasileiro, regalando-o com essa quantia financeira e demonstrando que àquela parceria de outrora que visava reforçar os laços entre Estado e Igreja, estaria de volta.

Conforme já apresentado nas palavras de Wernet (2000), a construção da nova igreja da Aparecida favoreceu o aumento do número de visitantes que visitavam a cidade. Surgia mais um atrativo para a visitação de romeiros e turistas, a imponente Basílica Nova de Aparecida, um templo religioso de dimensões Homéricas: área superior a 1,3 milhão de metros quadrados, com quase 143 mil m² de área construída. A área específica da Basílica compreende quase 72 mil m², e incluem pavimentos inferior e térreo, além de quatro tribunas construídas em símbolo de cruz grega – com quatro lados iguais – além de uma cúpula central, duas capelas externas, além de uma torre.

Chamada de Torre Brasília, em homenagem ao presidente da República Juscelino Kubitschek de Oliveira, essa torre se trata de um presente que o Presidente da República,

⁹⁹ Aqui, estamos nos referindo à fase democrática do governo de Getúlio Vargas, iniciada após a vitória nas eleições de 1950.

¹⁰⁰ Em 19 de abril de 1958, a Bula “Sacrorum Antistitum” comunicava que o Papa Pio XII criava a Arquidiocese de Aparecida, separando-a da Arquidiocese de São Paulo (cidade de Aparecida) e da Diocese de Taubaté (Guaratinguetá, Potim, Roseira, Lagoinha). Por sediar um santuário mariano, a cidade de Aparecida estava ligada a Arquidiocese de São Paulo. Disponível em: <http://arqaparecida.org.br/historia.php>. Acesso em 25 de fevereiro de 2016.

sucessor eleito para o lugar do falecido Getúlio Vargas, “deu” à imagem da Santa Aparecida. Seguindo a mesma linha de seu sucessor, de relacionar a sua imagem a de alguém que quer se mostrar unido a devoção à Santa Aparecida, Juscelino doou todo o material necessário para a construção desta referida torre, em 1961. Tal construção possui 16 andares, e mede 109m de altura, incluindo uma cruz em seu topo. Sua estrutura é toda metálica e está a 669 m de altura em relação ao nível do mar (Press kit imprensa – Santuário Nacional) ¹⁰¹.

Anos mais tarde, após o início da construção do novo templo religioso de Aparecida, houve outra doação realizada por parte do governo federal, a administração do Santuário de Aparecida: a construção da chamada “passarela da fé”. A igreja velha, local onde se encontrava a imagem da Santa Aparecida, estava construída no chamado “Morro dos Coqueiros”, e a nova igreja estava sendo construída em outro monte: o chamado “Morro das Pitas”. Durante a construção da chamada igreja nova, em determinados momentos havia procissões de religiosos e fieis saindo do templo antigo, e caminhando na direção das obras do novo templo. Só que para a realização dessas caminhadas de fé, tinha-se que caminhar dando a volta em um morro, na direção do outro.

O então governo militar, sob a administração do Presidente Arthur da Costa e Silva, e, posteriormente, sob o a administração do Presidente Emílio Garrastazu Médici, patrocinaram a construção desta grande passarela¹⁰² que ligava as duas igrejas dedicadas a Nossa Senhora Aparecida. A inauguração desta passarela se deu em dezembro de 1971. Mais uma vez têm se Estado e Igreja realçando parcerias em função da devoção popular à imagem da Santa Aparecida, e, sem dúvida, em função do forte turismo religioso praticado por muitos à cidade. Tal prática demonstrava a real intenção de ambas as instituições: usurparem-se, a fim de que todos alcancem benefícios dessa parceria. A Igreja, com base em Aparecida, aceitava tal obra financiada com dinheiro público, visando aproveitar-se dessa “caridade” realizada pelo governo federal, sem questionar a real razão desta doação.

O governo militar brasileiro pretendeu, com tal ato, buscar na devoção popular a Aparecida, possível apoio desta parcela da população devota da Santa. Efetuando a

¹⁰¹ Dados obtidos em um kit que o departamento de comunicação do Santuário de Aparecida oferece a pesquisadores e membros da imprensa, dando detalhes de tudo o que se relaciona à cidade de Aparecida.

¹⁰² Dados da “passarela da fé”: possui 392,20m de comprimento, altura varia de 18,46m a 35,52m. Largura, 5,80m sob a sustentação de 11 pilares. A grade metálica de proteção possui 2,60m de altura (Press kit imprensa – Santuário Nacional).

construção dessa passarela, o governo demonstrava materialmente, incentivo à crença do povo a esta representação da divindade, ao passo em que se mostrava solícito aos interesses da Igreja brasileira, representada em Aparecida. Acredita-se que, a intenção não se tratava de investimentos apenas, mas sim, novamente, de se relacionar a imagem de um governo apoiador da crença da maioria dos brasileiros, em função do apoio popular que o regime poderia conseguir.

Aparecida, além de fonte da devoção dos católicos brasileiros, era também fonte de apoio para muitos políticos que gostariam de apropriar-se da imagem da santa para utilizá-la em favor de si próprios. As próximas etapas deste estudo se concentrarão em apresentar relatos etnográficos obtidos a partir de momentos vividos na cidade de Aparecida nos últimos anos, e também de participações em romarias. E, em um desses estudos etnográficos realizados, foi possível observar que Aparecida ainda ambiciona muitos políticos. A eleição presidencial de 2014 foi uma amostra do quanto que os candidatos a cargos públicos no país se preocupam em manter uma aproximação com a Aparecida. Relembrando as últimas eleições presidenciais, foi possível perceber tal ambição, também, presente.

6- Etnografia das peregrinações: relatos de uma observação participante.

Para elucidar o trabalho etnográfico desenvolvido, serão elucidadas as etapas em que se deram tais viagens a Aparecida, e também, o que se pretendeu em cada uma dessas. A primeira parte do trabalho de campo, onde puderam ser colhidas as primeiras bases deste estudo, se deu durante o mês de julho de 2013, mais especificamente na última dezena deste referido mês. Tratava-se da ocasião da visita do recém-eleito Papa Francisco à cidade. O Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana viria ao Brasil para participar da Jornada Mundial da Juventude¹⁰³, sediada na cidade do Rio de Janeiro-RJ, e, decidiu atender a um convite do Arcebispo de Aparecida, Cardeal Raymundo Damasceno, para “dar uma esticada”

¹⁰³ Encontro religioso que reúne jovens do mundo todo, e que costuma contar com a presença do líder da Igreja Católica. O antecessor de Francisco, hoje Papa emérito Bento XVI – que renunciou ao cargo em fevereiro do mesmo ano – havia decidido que este encontro aconteceria no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, e já havia avisado que o Papa estaria no evento – não deixando claro se ele seria o Papa presente, ou se outro o substituiria. Assim que assumiu o papado, Francisco informou que, de fato, participaria do encontro.

na viagem para visitar Aparecida¹⁰⁴, e o Santuário dedicado à Santa de mesmo nome da cidade.

Logo que foi confirmada a visita de Francisco a Aparecida, me planejei para ir para Aparecida, pois, acreditava ser esta uma oportunidade ímpar de poder observar a cidade durante a visita de um Papa. Idealizei quais seriam os passos que eu daria durante a estada na cidade, o que analisaria durante o trabalho etnográfico, quais perguntas faria aos romeiros ou turistas que, porventura, encontrasse, enfim, na minha mente, essa poderia ser a chave para meu futuro trabalho de Mestrado: a comparação entre romarias que visitam Aparecida, e, conseqüentemente, a Santa, e as romarias que iriam a Aparecida para se encontrarem com o Papa. Talvez, muitos que ansiassem um dia encontrar o Pontífice Católico fora do Vaticano, e, não querendo fazer parte de um encontro do Papa com os jovens, poderiam ter, em Aparecida, seu desejo atendido.

Ótimo, mas, onde eu ficaria? Tenho alguns amigos redentoristas que moram em Aparecida, porém, eu tinha certeza de que não conseguiria um quarto para me hospedar em algum ambiente do convento dos religiosos, pois sabia que outros religiosos teriam prioridade na hospedagem, para a ocasião. Para reservar um quarto de hotel, os recursos que eu possuía como bolsista BAAE¹⁰⁵ da graduação não me daria a menor possibilidade de pagar as contas de uma possível viagem, hospedagem e alimentação. A ideia pioneira seria de permanecer pelo menos por uns 4 dias em Aparecida, para realizar o trabalho etnográfico durante um fim de semana, e permanecer na cidade até a quarta-feira seguinte, dia da visita de Francisco a Aparecida.

Foi aí que mandei um email para um redentorista que eu conheci na minha cidade – São João da Boa Vista-SP –, e que por lá morou durante os anos de 2003 a 2005, época em que trabalhou em uma paróquia da cidade que está sob a administração e trabalho pastoral dos padres redentoristas. Este conhecido é o padre Carrilho Cruz, que em 2013 trabalhava na pastoral do antigo Santuário de Nossa Senhora Aparecida – hoje conhecida pelo povo como “igreja velha”. No email eu relatava ao padre Carrilho sobre as minhas pretensões enquanto

¹⁰⁴ No ano de 2007, o então Arcebispo de Buenos Aires, Cardeal Jorge Bergoglio – hoje Papa Francisco – esteve em Aparecida, participando de um encontro de bispos que discute os rumos do catolicismo na América Latina e no Caribe, que no caso foi chamada de 5ª Conferência Latino Americana e Caribenha “CELAM”. Encontro esse que contou com a presença do então Papa Bento XVI.

¹⁰⁵ Bolsa de Apoio Acadêmico e Extensão. Auxílio financeiro concedido pela UNESP aos estudantes de baixa renda vinculados a instituição. À época, o auxílio era de R\$240,00 mensais.

pesquisador, e, ao mesmo tempo, perguntava a ele se, “por acaso”, ele não conhecia alguém em Aparecida que pudesse me alugar um quarto por uma semana. Em meu pensamento, considerei que se acaso conseguisse um quarto em alguma casa, poderia gastar menos do que se ficasse pagando quatro ou cinco diárias em um hotel, mesmo que fosse um dos mais baratos.

Inocência de minha parte, hoje eu penso, pois, quem alugaria um quarto de sua casa a um desconhecido, mesmo amigo de padre? Mas, não custava tentar. Para minha surpresa, alguns dias depois recebi um email com a resposta do padre Carrilho:

“Anderson, bom dia. Já está tudo certo aqui para te receber. Há vinte anos eu conheço uma família aqui em Aparecida, que frequentava a nossa igreja aqui – inclusive, o casal patriarca da família participava da pastoral dos Ministros da Eucaristia¹⁰⁶ – e há muitos anos eu não os via. Você em seu pedido me dizia se ‘por acaso’ eu não conhecia alguém que pudesse te alugar um quarto, e este mesmo ‘acaso’ me fez encontrar com essa família na praça da igreja. O casal que era Ministro da Eucaristia na nossa igreja é dono de um hotel aqui na Monte Carmelo¹⁰⁷, e, conversando com eles me lembrei de você. Fiz um pedido a eles, e, me concederam. Já está tudo acertado, e você ficará em um quarto aqui, junto com outro amigo meu, e não precisará pagar nada. Nem a alimentação, pois vocês poderão comer no restaurante do próprio hotel. Fico feliz que tudo tenha dado certo. Só preciso que você me mande seus dados, e também, as datas dos dias que você pretende ficar por aqui. Um abraço. Pe Carrilho. (Email recebido em 7 de julho de 2013).

Nem preciso falar da minha surpresa quando recebi esta resposta do padre Carrilho. Ainda bem que o acaso me ouviu, e fez esse encontro entre o religioso e a família amiga acontecer. E, ainda bem que eles me possibilitariam essa hospedagem. Na mesma hora enviei outra correspondência eletrônica ao Carrilho para fornecer meus dados pessoais, e para dizer que eu chegaria a Aparecida na quinta-feira, dia 18 de julho de 2013, e pretendia viajar de volta para minha casa na quarta-feira, dia 24 de julho, após o término da missa que o Papa rezaria no Santuário de Aparecida.

¹⁰⁶ Pastoral responsável por distribuir a comunhão (hóstias) aos fiéis durante a missa.

¹⁰⁷ Monte Carmelo foi um religioso que residiu em Aparecida durante a segunda metade do século XIX, sendo o responsável por uma grande reforma que foi feita no Santuário da Aparecida, durante sua estada na região. É também o nome dado à rua que dá acesso à praça da chamada “Igreja Velha”. Trata-se de uma rua bastante íngreme, pelo fato de a igreja estar construída no alto do chamado Morro dos Coqueiros. Muitos a chamam de “ladeira Monte Carmelo”.

Na manhã do dia 15 de julho recebo, novamente, um email de Carrilho me informando o hotel em que eu ficaria hospedado: se tratava do Hotel Santos, um local de fácil acesso, e que se encontra na “ladeira Monte Carmelo”, próximo à rodoviária, e próximo ao antigo Santuário da Santa Aparecida. Após me pormenorizar dos detalhes de onde eu ficaria, passei a me organizar para realizar a viagem que, em minha cabeça, seria deveras importante para minhas ambições acadêmicas. E, dentre os materiais que seriam levados, estavam: meu inseparável notebook, um caderno, duas canetas, meu celular/gravador/câmera fotográfica – a tecnologia nesse sentido foi ótima, pois, economizei espaço na mochila com essa junção de equipamentos em um só –, além de um questionário que idealizei para desenvolver a pesquisa.

E eis que, na quinta-feira 18 de julho de 2013, às 9h, me dirijo à rodoviária de São João da Boa Vista para viajar para São Paulo, e depois, adentrar em outro ônibus em direção a Aparecida. Chego a São Paulo por volta de 13h, e me dirijo ao guichê da companhia de ônibus “Pássaro Marrom”, aquela mesma que opera no traslado de passageiros para a região do Vale do Paraíba desde 1935. Às 14h30min adentro ao ônibus, e, às 16h30min chego a Aparecida¹⁰⁸.

Desembarcando na rodoviária de Aparecida, logo começo a difícil caminhada, com malas, subindo a Rua Monte Carmelo. Realmente, o apelido ladeira é condizente com a natureza da subida. Por sorte que o Hotel Santos ficava localizado no meio da ladeira, e não em seu topo, do contrário, eu necessitaria de auxílio para subi-la, com toda certeza. Chegando ao hotel, a primeira pessoa que vejo é o recepcionista, que de pronto me pergunta se eu estava precisando de um quarto. O hotel parecia ser bastante simples, porém, aconchegante. A recepção era pequena, mas, muito bem organizada, e decorada. Argumentei com o recepcionista que eu era amigo do padre, e que ele me havia dito que um quarto estava reservado à minha pessoa. O recepcionista, então, me pediu para que aguardasse, e se dirigiu a uma sala ao lado da recepção a fim de conversar com o gerente do hotel. E, eis que chega o então gerente, o senhor Vantuil.

¹⁰⁸ A imponente Basílica de Aparecida pode ser facilmente avistada por quem passa pela rodovia Presidente Dutra. De longe, pouco depois de passar pela pequena e vizinha cidade de Roseira-SP, já é possível avistar o enorme templo.

Vantuil era filho do casal de amigos do padre, e, era o responsável pela administração do hotel da família, junto com os seus filhos. Ele era o responsável pelo hotel, e os seus filhos encarregados dos serviços de organização do restaurante, e, auxiliar de recepção. De pronto, o senhor Vantuil me perguntou: “você que é o amigo do padre? Seja bem vindo. O seu amigo já está no quarto. Vamos, eu vou lhe mostrar onde fica”.

Meu amigo? Que amigo? Aí me recordei que Carrilho me havia dito, no email que me enviou, que eu ficaria em um quarto junto de outro conhecido dele. Bom, lá fui eu com o senhor Vantuil conhecer minha “moradia” de alguns dias, e meu “desconhecido amigo”. Após subirmos ao quinto andar do prédio, eis que em um canto está um lugar fechado por paredes de madeira, e porta de mesmo material. Se tratava de um ambiente que não era necessariamente um quarto, mas, sim, um espaço que sobrava da construção, e que, visando aumentar os espaços de hospedagem, acabou sendo fechado por material de madeira – algo muito comum de se ver em divisões de escritórios – dando lugar a um quarto. Ao chegarmos, Vantuil bateu na porta, e eis que aparece meu mais novo amigo: Marlon¹⁰⁹ era o seu nome.

Após entrar no pequeno quarto – que possuía duas camas, uma cadeira de madeira, uma pequena mesa, e uma televisão de 14 polegadas –, cumprimento Marlon, e começamos a conversar. Neste momento, mesmo que em uma conversa para poder conhecer uma nova pessoa, de minha mente não retiro a ideia de que tudo pode ser aproveitado, toda conversa, situação observada, enfim, realmente tudo poderia se tornar algo importante para meu trabalho. Logo me lembrei das conversas com meu orientador, prof. Dr. Edmundo Peggion que me dissera: *“Tudo o que você observar, anote, pois pode ser importante para o trabalho. O seu caderno de etnografia tem que estar carregado de informações”*. Claro que, depois, eu transformaria meus relatos etnográficos em material acadêmico para utilização em futuros trabalhos escritos, ou, no caso, nesta dissertação.

Acredito que, assim como nos mostra Clifford Geertz (1989), fazer um trabalho etnográfico resulta de uma minuciosa observação e posterior “descrição densa” (GEERTZ,

¹⁰⁹ Segundo o que ouvi do próprio Marlon, ele conheceu Carrilho na cidade de Belo Horizonte-MG. Marlon reside nessa cidade, e, uma irmã de Carrilho também. Em uma visita de férias à sua irmã, Carrilho foi convidado a rezar uma missa na igreja do bairro. A mãe de Marlon era frequentadora da tal igreja, e, após a missa, convidou Carrilho e sua irmã, para jantarem em sua casa. Lá chegando, a mãe de Marlon conta ao sacerdote a sua história de vida. Ela era viúva, e mãe de cinco filhos, dos quais, Marlon era o mais velho. Ele estava na casa, e conheceu o religioso. Dali criou uma amizade, e se passaram a se corresponder. Após uma conversa entre os dois, pouco depois de Carrilho ter recebido o email que eu lhe enviei, o convite para visitar Aparecida foi feito ao jovem, que o aceitou.

1989) do cotidiano analisado, para poder ousar traçar alguns panoramas acerca do objeto observado. Nas palavras de Geertz:

“O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro aprender e depois apresentar” (GEERTZ, 1989, p.78).

E, o convívio com Marlon foi frutífero neste sentido, pois pude ver nele um protótipo de romeiro que veria em outros que encontraria pelo caminho durante a estada na cidade. Ele me explicou sua história de amizade com Carrilho, e, ao mesmo tempo me contou parte de sua história, e de sua família. O pai de Marlon faleceu quando ele tinha apenas 16 anos, e deixou sua mãe mais cinco filhos morando na casa que ele estava construindo na periferia da cidade de Belo Horizonte-MG. Assim que o pai morreu, Marlon assumiu, nas palavras dele, o papel de pai dos seus irmãos, sendo que pouco depois começou a trabalhar, e ajudar sua mãe com a manutenção da casa, e da família.

Marlon também quis saber minha história com Carrilho, e, minha história pessoal. Tratava-se, basicamente, do seguimento de um protocolo: ele me contava sua história, e eu teria que contar-lhe a minha. De maneira bastante breve contei-lhe que eu conhecia o padre Carrilho há uns dez anos, e que ele havia morado e trabalhado em uma paróquia na cidade em que eu residia. E, contei que eu estava concluindo minha graduação em Ciências Sociais na Unesp, em uma cidade do interior de São Paulo chamada Araraquara. Ele ficou interessado na questão de eu estar terminando minha graduação, e, me disse que seu sonho era ingressar na polícia militar do Estado de Minas Gerais, e que já havia prestado uma prova para ingressar na polícia, porém, não conseguiu passar no “concurso”.

Contei a ele que meu trabalho de conclusão de curso era sobre romarias a Aparecida, e, expliquei como que seria o andamento do estudo. Marlon me confessou que não havia entendido muito bem o que eu pretendia com isso, mas, me incentivou a seguir firme com meu propósito. E eis que a fala seguinte de Marlon se mostrou interessantíssima para o (re) pensar de meu projeto:

“Sabe, cara, eu nunca tinha vindo aqui em Aparecida. O padre foi muito bacana em me convidar, pois eu tinha esse sonho. Eu não vim só para passear, vim para rezar, e pedir muita coisa pra Nossa Senhora. Eu estou desempregado, e, minha mãe precisava muito da ajuda que eu dava pra ela, pra manter a casa. Pra piorar, minha namorada ficou grávida, e eu tenho uma filha de dois anos – pra piorar não, porque filho não piora nada a vida da gente, só dá um pouco mais de gasto. Além de ajudar na casa, eu tenho que pagar pensão para ela. Por isso vim com a intenção de conseguir, por intercessão de Nossa Senhora, um emprego, e, quem sabe, conseguir, um dia, passar na prova da polícia”.

Logo pensei comigo, quantos “Marlons” já teriam passado por Aparecida, ou ainda, quantos poderiam estar na cidade naquele momento, desejosos de terem atendidos seus anseios? A Santa Aparecida significava muito para ele, e, a presença na cidade em que a imagem da santa – segundo a qual, a narrativa do mito diz que “apareceu” – surgiu, traz com ele uma ideia de que, em Aparecida, ele estaria mais próximo desta possível divindade.

Terminada a primeira conversa com Marlon, decidi sair para comer alguma coisa, pois estava faminto após a chegada da viagem. Por mais que tivesse a possibilidade de fazer as refeições no restaurante do hotel, ainda sim estava muito cedo para que o jantar fosse servido. Saí, então, em busca de alguma lanchonete para poder comer algum salgado, ou, outra coisa rápida. Contudo, aquela perspectiva de observação geral para a elaboração de um possível relatório de viagem não saía de minha mente. Praticamente, enxergava uma possível reflexão sobre tudo que fosse observado.

Dirigi-me a uma lanchonete próxima à rodoviária, e ali me alimentei. Por ser uma quinta-feira, e ao entardecer, até havia uma boa quantidade de pessoas nas proximidades, próximas aos hotéis do chamado “centro antigo” de Aparecida. Após me alimentar, retornei ao hotel, tomei um banho, e resolvi, novamente, sair para observar o fluxo de peregrinos. Enfrentei a ladeira Monte Carmelo, e, cheguei até a Praça da igreja velha (ou então Matriz Basílica, que é como o clero da cidade está chamando o antigo Santuário que abrigava a imagem da Santa). Ali foi possível relembrar algumas das viagens que, outrora, eu tinha feito com minha família.

Havia os fotógrafos¹¹⁰ que tiravam os “retratos” dos romeiros, os comércios de “quinquilharias devocionais” (PIMENTA, 2012) ainda estavam abertos, os restaurantes ao redor da praça também se encontravam em funcionamento – com os seus “puxadores de fregueses¹¹¹” – além dos carrinhos de sorvetes, que vendiam o picolé “ituzinho” – que era formado por três sabores: morango, chocolate e baunilha –, o sorvete mais apreciado por mim, e que, mesmo antes das viagens acontecerem, eu me recordo que sempre dizia a meu pai que eu queria muito “tomar” aquele sorvete, pois, era só em Aparecida que eu o encontrava.

Fiquei refletindo, como algumas coisas simples marcam a nossa vida, sem às vezes a gente nem se dar conta. Fui a Aparecida várias vezes durante minha infância, e algumas vezes depois de adulto – sendo duas vezes após ingressar na graduação. Ainda sim, sempre minha boca se enxia d’água na ânsia de me deliciar com aquele sorvete que eu conhecia como “ituzinho”. Sabe-se lá o porquê deste nome, ou ainda, sabe-se lá o porquê de eu tanto ter vontade de saborear este sorvete, pois, nesta ocasião, por curiosidade, resolvi saborear novamente o picolé. Desta vez não percebi nada demais no então sorvete tricolor, mas, ainda sim, tive vontade de saboreá-lo por mais vezes durante os dias em que estive em Aparecida. Como as nossas lembranças são marcantes. O sorvete hoje sem graça para mim, ainda sim me enche a boca d’água para comê-lo, ao mesmo tempo em que me faz rememorar períodos saudosos de minha infância familiar.

Sobre a questão das romarias, Antonio Braga apresenta que:

“uma romaria é muito mais um fato social total (Mauss, 2003, p. 309), capaz de pôr em ação a totalidade da sociedade (suas diferentes dimensões, instituições) e dos próprios indivíduos, do que apenas a dimensão religiosa e aquilo que mais diretamente diz respeito a ela. Logo, numa romaria são mobilizados tanto aquilo que se refere à vida religiosa dos romeiros e demais agentes envolvidos numa romaria, quanto o que é relativo a ele e às suas

¹¹⁰ Denise Pimenta em sua dissertação de Mestrado em Antropologia Social na USP, sob o título “Ensaio sobre a promessa, parte II: Quinquilharias de uma devoção” (2012) apresenta um estudo etnográfico em que cita o trabalho dos chamados fotógrafos de Aparecida, onde diz que trabalhavam na praça da igreja velha “8 ou 9 fotógrafos, e eles tinham um sistema de rodízio circular e que ficar de frente para a igreja era sempre melhor para trabalhar” (PIMENTA, 2012, p.62).

¹¹¹ Durante o dia, existem algumas pessoas que são contratadas para tentarem chamar a atenção das pessoas que estão passando pela praça, para que possam adentrar aos respectivos restaurantes aos quais estes “puxadores” representam, para ali fazerem as suas refeições. O número de trabalhadores que realizam essa função é considerável, pois, há em torno de dez restaurantes ao redor da praça, e, existe pelo menos uma pessoa representando cada restaurante, exercendo o seu papel de chamar a atenção dos visitantes para convidá-los a fazer suas refeições nos seus referidos restaurantes. ‘Olha o almoço aqui freguês (a), é baratinho e a comida é de qualidade’. ‘Pode entrar doutor, fica a vontade, já estamos servindo a comida’. Essas são algumas das frases proferidas por estes divulgadores.

vidas familiares, políticas, econômicas, culturais e – o que nos interessa aqui em particular – de lazer” (BRAGA, 2010, p.153)

Ao mesmo tempo em que eu, com minha família, realizávamos viagens a Aparecida uma vez por ano, outras famílias pelo Brasil realizavam a mesma coisa, e, os comerciantes da praça da igreja velha se deparavam com a mesma situação cotidianamente: crianças querendo saborear o picolé ituzinho, famílias se organizando para os “retratos” a frente da igreja, outros sendo convencidos a entrar neste ou naquele restaurante, enfim, uma palavra que define muito bem as viagens a Aparecida, acredita-se que seja “rotina”. Ainda que os atores sejam substituídos, o cenário, e os roteiros são sempre os mesmos. Para os trabalhadores que retiram o seu sustento dessas situações, seu cotidiano acaba sendo o mesmo, independente do momento ou da ocasião em que seja dado.

Nesta mesma corrente de pensamento dedicada ao entendimento amplo das chamadas romarias, Pierre Sanchis, em *Arraial: festa de um povo, as romarias portuguesas* (1983), mostra que *“enganar-se-ia completamente quem imaginasse a romaria como um ajuntamento de „crentes”, exclusivamente dedicados a actividades formalmente religiosas. A romaria é vivida como festa, quer dizer, como acontecimento total, que se constitui em ruptura do quotidiano, irrupção de um ‘outro’ universo”* (Sanchis, 1983, p. 139). A ideia de ida a um lugar sagrado vai além de práticas devocionais, englobando aspectos ligados ao turismo, ao descanso, e, por que não, ao consumo de bens devocionais ou não, dependendo do local que se visita.

Após esse momento *déjà-vu* da caminhada decido retornar para o hotel a fim de descansar um pouco antes do jantar. Chegando ao hotel, já pelas 19h, fico um pouco no quarto, e escrevo em meu caderno etnográfico tudo o que julgava interessante, conforme meu planejamento. Às 20h desço para o jantar, e, junto de Marlon, eu me alimento. Após o jantar, me dirijo novamente ao quarto, e, dessa vez, para dormir, pois, queria acordar no outro dia bem cedo para iniciar meu trabalho de observação.

7- Das romarias dos dias de semana, e das realizadas aos finais de semana.

Para melhor acompanhar meus dias em Aparecida, passarei a intercalar meus escritos com os do meu diário de campo. Eis o que escrevi sobre o meu primeiro dia:

Diário de campo
Sexta-feira, 19 de julho de 2013.

São muitos os que estão em Aparecida na sexta-feira, 19 de julho. Durante a caminhada do hotel até a basílica nova, pude observar que a cidade está bastante movimentada, e a espera pelos turistas, devotos ou não, está grande. Na praça da então Igreja velha tem três faixas penduradas em postes de ferro, e ali está escrito bem vindo a Aparecida em nove idiomas diferentes, incluindo o português. São sinais de que são esperadas pessoas vindas de outros países já para a Jornada Mundial da Juventude, que acontece no Rio de Janeiro, e que contará com a presença do Papa Francisco. Saí do hotel às 8h e 30min para me dirigir à basílica nova, e, no caminho que tem a passarela me deparei com um grande número de pessoas que estavam também indo para a igreja, pois a missa começaria às 9h. Já na passarela, pude perceber que alguns dos fiéis percorriam o trajeto de joelhos, pagando suas promessas, e, mesmo com o enorme sofrimento visível que passavam, não deixavam de continuar com o seu propósito. Conforme ia caminhando pela passarela, lá embaixo nas ruas havia um grupo de cerca de 50 jovens que ia cantando e rezando no caminho contrário ao da igreja nova. Pude observar que alguns destes estavam enrolados em bandeiras da Colômbia. Depois me informei com alguns jovens que encontrei, e descobri que estava acontecendo uma “Semana Missionária” na cidade de Aparecida, e que estes jovens estavam em preparação para a JMJ¹¹² no Rio. Já chegando à Igreja, que já estava lotada, era visível o grande número de estrangeiros que ali estavam, com suas bandeiras, faixas que traziam escrito o nome das cidades de onde vinham e com o nome da paróquia que pertenciam, enfim, dados que caracterizavam os grupos aos quais estes pertenciam. O padre que fazia a animação litúrgica da missa mencionou os países de onde vinham aqueles que ali estavam. Angola, Colômbia, Paraguai, Honduras, Filipinas, China (havia um grupo vindo de Macau), além de muitos outros. Mais de 20 bandeiras de países estavam rodeando o altar principal da igreja, representando os visitantes que ali estavam, e que participariam da JMJ. O celebrante da missa foi o presidente da CNBB, e que também é arcebispo de Aparecida, mas, junto dele estavam na missa três outros bispos: um de Johannesburgo na África do Sul, um da Austrália, e um de Jerusalém, além de muitos outros padres de diversas nacionalidades. Eu estava próximo a eles no momento antes da celebração da missa, e, ouvindo um pouco de suas conversas, pude perceber que os sotaques e as línguas eram diversos. Até os padres se faziam turistas naquele momento, e se mostravam “chocados” com a igreja, talvez por sua dimensão, ou por sua beleza, ou ainda pelo grande número de pessoas que ali se encontravam.

¹¹² Sigla para Jornada Mundial da Juventude.

Ali, nestes primeiros passos que eu dava para o desenvolvimento do trabalho, pude perceber que as pessoas que se encontravam em Aparecida, naquela ocasião, se tratavam de peregrinos não usuais. Por mais que existam romeiros de outros países que se dirijam a Aparecida, ainda sim não era normal essa grande quantidade de estrangeiros. A cidade se encontra no meio do caminho entre São Paulo e Rio de Janeiro, então, era claro que muitos se aproveitavam da ocasião para poder realizar o seu momento de passeio pela cidade. Os romeiros da Santa, que durante todo ano se revezam na visita rotineira a Aparecida se viam juntos de visitantes ocasionais que se encontravam em Aparecida em função de um evento particular: a visita do Papa ao Brasil, e a oportunidade de conhecerem a cidade, e, o Santuário da Aparecida.

Até membros do clero, das mais distintas nacionalidades se faziam romeiros naquele momento. Padres paramentados não cessavam de capturar imagens fotográficas com suas câmeras digitais, celulares, enfim, se mostravam como visitantes semelhantes àqueles tidos como leigos. Aquela babel¹¹³ linguística não se assemelha à literatura bíblica, pois, por mais que houvesse vários idiomas distintos sendo proferidos no Santuário de Aparecida, ainda sim, pelo que era observado, todos compreendiam a importância daquele local em que se encontravam, e, se faziam semelhantes com outros peregrinos brasileiros que, rotineiramente, peregrinavam por Aparecida.

Terminada a celebração da missa, iniciei minha caminhada pelo Santuário em busca de alguma conversa com romeiro, para apresentar a um possível entrevistado um questionário previamente preparado, a fim de melhor esclarecer o que eu pretendia com o meu trabalho ao apresentá-lo às pessoas, e, para melhor esquematizar as minhas anotações para a pesquisa. Este foi o relatório pré-estabelecido:

¹¹³ Referência à narrativa bíblica da construção da Torre de Babel, na qual as pessoas tinham o interesse de construir uma torre para chegarem até o céu. Segundo o texto religioso, Deus fez com que as pessoas passassem a falar línguas diferentes ocasionando um desentendimento generalizado, e, possibilitando a ruína da então torre (Gn 11, 1-9).

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP

Faculdade de Ciências e Letras – campus de Araraquara-SP.

Dados para a pesquisa do estudante de graduação em Ciências Sociais Anderson Moreno.

- 1- Nome, sexo, idade:
- 2- Como veio para Aparecida? (de ônibus, van, carro).
- 3- De onde veio?
- 4- Porque veio a Aparecida?
- 5- É católico praticante? Participa da comunidade católica da sua cidade?
- 6- Veio para uma Romaria para a cidade de Aparecida ou para a vinda do Papa?
- 7- Como se sente na cidade de Aparecida?
- 8- Vem sempre em Romarias a Aparecida? Pretende voltar outras vezes?

A intenção com este questionário era obter dados – respostas – bastante diretos, pois, acreditava-se que assim o andamento do estudo seria viável, e, o que se esperava obter, seria atendido. Entretanto, o que se observou foi que praticamente todas as respostas, de todos os questionários entregues eram semelhantes – de 12 questionários entregues neste primeiro dia de trabalho, as respostas recebidas foram as seguintes:

- 1- Todos vinham de carro, sendo que oito eram oriundas da cidade de São Paulo, e outras quatro de cidades do Vale do Paraíba Paulista.
- 2- Todos vieram a Aparecida para pedir e agradecer. (as respostas foram realmente essas).
- 3- Sete pessoas disseram que eram católicos praticantes, e, outras cinco responderam que costumam frequentar a igreja de vez em quando.
- 4- Todas as respostas diziam que não haviam vindo a Aparecida nem de ônibus, e, também não estavam lá em razão da visita do Papa à cidade. Alguns até disseram que nem sabiam que o Papa viria a Aparecida.
- 5- As respostas convergiram, também, ao dizerem que se sentem muito bem em Aparecida, e que aquele era um lugar de paz e oração.
- 6- Alguns disseram que já vieram em Romarias à cidade, porém, achavam que os fins de semana eram muito lotados, e que, prefeririam o conforto de seus carros, e a rapidez proporcionada por uma viagem familiar, onde poderiam organizar, eles mesmos, os seus horários. Outros nunca haviam participado de uma Romaria, mas, ainda sim, disseram que prefeririam viagens de carro, mesmo, por causa da praticidade.

Sobre o trabalho do etnógrafo, Roy Wagner em seu livro “*A invenção da cultura*” (2010), relata da seguinte maneira as possíveis dificuldades, por ele, enfrentadas:

“A despeito de tudo que possam ter-lhe dito sobre o trabalho de campo, a despeito de todas as descrições de outras culturas e de experiências de outros pesquisadores que ele possa ter lido, o antropólogo que chega pela primeira vez em campo tende a sentir-se solitário e desamparado. Ele pode ou não saber algo sobre as pessoas que veio estudar, pode até ser capaz de falar a sua língua, mas permanece o fato de como a pessoa ele tem de começar do zero. É como uma pessoa, então, como um participante, que começa sua invenção da cultura estudada. Ele até agora experimentou a ‘cultura’ como uma abstração acadêmica, uma coisa tão diversa e tão multifacetada, e no entanto monolítica, que se torna difícil apoderar-se dela ou visualizá-la. Mas enquanto ele não puder ‘ver’ esta cultura em torno de si, ela lhe será de pouco conforto ou utilidade. Os problemas imediatos que o pesquisador iniciante enfrenta em campo não tendem a ser acadêmicos, ou intelectuais, são práticos e tem causas evidentes. Provavelmente desorientado e aturdido, ele muitas vezes encontra dificuldades para se instalar e fazer contatos” (WAGNER, 2010, p.31).

Confesso que tais respostas se mostraram um pouco frustrantes, de início, pois, era esperado que os visitantes fossem mais criativos em suas respostas, e que mais dúvidas fossem esclarecidas, ou mesmo outros diálogos fossem iniciados em função deste questionário. O que mais chamou a atenção foi que, a hipótese imaginada, de que grande parte dos peregrinos que estavam em Aparecida naqueles dias seria em função da visita do Papa, caiu por terra. Não foi encontrado ninguém que estivesse por ali em função disso, pelo contrário, muitos nem tinham conhecimento de tal fato. Aqueles estrangeiros, ou jovens brasileiros, que, aproveitando-se da proximidade entre Aparecida e o Rio de Janeiro – em função de suas idas à JMJ – realizaram visitas à cidade-Santuário, mas, como peregrinos semelhantes àqueles que, durante todo o ano, se dirigem a Aparecida.

Terminado o período de coleta de dados, e observação etnográfica, o que pôde ser analisado foi que Aparecida, por mais que estivesse recebendo um maior número de visitantes, graças à quantidade de pessoas que se dirigiam às terras cariocas, passando pela “terra da padroeira”, por ali permaneciam por um tempo. Entretanto, a realidade das peregrinações apenas aumentou, porém, não se modificou mediante as circunstâncias.

Após tal trabalho, retornei ao hotel, e por lá permaneci durante toda a tarde, transformando em texto o que foi analisado durante a manhã, e refletindo visando idealizar

quais seriam as propostas para o dia seguinte. À noite, fiz mais uma caminhada pela praça da igreja velha, e, pude mais uma vez compreender que a rotina daquele local continuava a mesma. Todos os trabalhadores desempenhavam o seu papel de atores sociais que atuam naquele cenário tradicional, enquanto que, outros atores participavam da cena, sem perceberem que estavam tendo comportamentos semelhantes a um mesmo roteiro. Conforme já dito, a rotina, em Aparecida, é frequente.

No outro dia, iniciei minha rotina da mesma forma que o dia anterior. As 8h30min, saí do hotel, me dirigindo à igreja nova para dar continuidade ao trabalho. Neste dia foi possível analisar a questão dos peregrinos que estão na cidade de Aparecida durante o fim de semana, contrastando-os com os peregrinos que se fazem presente, na cidade, durante os dias de semana. Eis o relato do diário de campo:

Diário de Campo
Sábado, 20 de julho de 2013.

Hoje a cidade está ainda mais cheia de pessoas do que ontem. A praça da igreja velha, de manhã, quando saí para ir para a basílica, estava lotada de pessoas. Devido à pressa que eu estava para descer a passarela, e ir para a chamada igreja nova, não pude observar se as pessoas que estavam na praça da igreja velha eram brasileiras, ou estrangeiras. Mas, reforço que tinha muita gente por lá. No trajeto rumo à basílica, pude perceber que a passarela estava bastante lotada, em seus dois sentidos. Havia, novamente, pessoas que estavam pagando suas promessas, e caminhando de joelhos no chão toda a passarela, sendo sempre amparados por uma ou mais pessoas que acompanhavam a “paga” da promessa. Chegando ao Santuário, pude perceber que ele estava lotado, tanto nos lugares para se sentar, quanto também nos espaços para que as pessoas ficassem em pé. A presença dos estrangeiros era novamente vista, e, a animação destes em estar em Aparecida era notória. Quem rezou a missa foi um bispo dinamarquês, e o animador da celebração mencionou ainda a presença de padres de outras nacionalidades que também participariam da cerimônia. Quando começou a missa, o sotaque diferente do celebrante despertou certa ironia em algumas pessoas que estavam ali ao meu lado. O que pude perceber nessa celebração foi que muitas pessoas estavam deveras cansadas e que muitas permaneciam sentadas no chão da igreja, sem prestarem muita atenção nos ritos que aconteciam. O cansaço da viagem, em certas ocasiões que duram a madrugada toda, acabam por deixar o devoto exausto, mas, mesmo assim, ele se faz presente na celebração, mesmo que não esteja prestando muita atenção naquilo que está acontecendo. Como os ritos católicos são repetidos em todos os lugares do mundo, salvo, é claro, a cultura e a língua de cada país, então, mesmo não prestando muita atenção ao rito, àquelas pessoas que estão sentadas no chão, visivelmente cansadas, respondem às “partes” da missa em que os fiéis participam da celebração. Penso que esse é um momento em que o fiel se sente parte do rito, por isso ele tende a responder, mesmo que não esteja atento ao que está acontecendo no rito.

Outro fato interessante me chamou atenção. Em algumas partes da celebração da missa católica, as pessoas costumam levantar seus braços ao alto, em sinal de pedido de graça, ou de oração, como no caso da reza do pai nosso, ou no momento de pedir perdão, no rito católico chamado de ato penitencial; contudo, percebi que a minha frente estavam um casal, humilde, de aproximadamente 60 anos, e, ao lado desse casal estava mais algumas pessoas muito simples, e que acompanhavam atentamente à celebração. Esse casal levantava os braços em vários momentos da missa, e, as pessoas que estavam ao lado deles, olhavam para eles, e, da mesma forma, levantavam seus braços. Isso aconteceu em vários momentos. A vontade deles de participarem era tanta, que eles acabavam “extrapolando” os gestos do rito, mas, em nada afetavam o andamento da celebração, pelo contrário, chamava a atenção dos demais, para que se mostrassem participantes também do rito.

Neste dia pude compreender que a realidade de Aparecida já era outra, distinta daquela da sexta-feira. Não apenas pela quantidade de pessoas que lá se encontravam, mas também, pela maneira como eles se comportavam, principalmente, dentro da igreja. A prática de atos típicos de um catolicismo popular era visível, pois, era possível observar pessoas carregando seus objetos devocionais para ser oferecidos a representação de divindade personificada na imagem de Nossa Senhora, além de poder enxergar que o semblante das pessoas que ali estavam era, também, diferente da feição dos que estiveram por lá no dia anterior.

Sobre a questão das práticas devocionais do catolicismo popular, Francisco Cartaxo Rolim, em seu livro *“Religiões e Classes Populares”* (1980), faz uma leitura sobre a relação existente entre religião e massas populares. Para tanto, o autor se pauta em dois movimentos religiosos específicos – as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e o Pentecostalismo de forma evangélica – como *“expressões religiosas que nos permitem ver melhor o nexo entre religião e massas populares”* (ROLIM, 1980, p.7). Além disso, o autor esclarece que tais movimentos se dão no seio das camadas mais pobres da sociedade, e, defende o respeito de manifestações devocionais de natureza popular, apontando que:

“Se, porém, a religiosidade preexistente, na dimensão do devocional, em que o povo tem autonomia e goza de liberdade de práticas, é posta em relevo, então a marcha, com abertura para o social, que o povo realiza através dos diversos grupos das CEBs, imprime a marca religiosa do povo. Sofre a religiosidade devocional anterior alguma transformação? É possível identifica-la e perceber o sentido desta transformação? São perguntas que nos parecem pertinentes quando se tenta refletir sobre o conteúdo especificamente religioso das CEBs” (ROLIM, 1980, p.98).

Acredita-se que as romarias presentes no Santuário de Aparecida, durante os fins de semana são compostas pelas camadas mais populares do catolicismo brasileiro. Semelhante à lógica apresentada por Rolim (1980), ao se referir às CEBs. O fenômeno das romarias de fins de semana está diretamente relacionado a tal explanação proferida pelo autor. Aquela prática devocional popular – considerada por muitos como supersticiosa – foi fortemente combatida pelos primeiros redentoristas que chegaram a Aparecida no final do século XIX. Atualmente, durante os dias em que estive em Aparecida não observei por parte dos discursos proferidos pelos religiosos nenhuma menção neste sentido. Do contrário, o clero que administra o Santuário até dispõe de mecanismos para que os fieis manifestem a sua maneira de crer, mediante a dedicação de ambientes onde os objetos de culto são direcionados, ou locais onde estes podem ser adquiridos, a fim de serem, posteriormente, oferecidos.

Chegando o fim de semana, a cidade se transforma para receber seus visitantes, pois a demanda destes é distinta da demanda de outros dias, durante a semana. A grande maioria dos objetos de devoção é deixada no Santuário durante esse período, além de o trabalho dos religiosos também ser modificado para o recebimento dos fieis. Um exemplo disso é o da chamada “sala das confissões”, local onde os padres ficam, em pequenas repartições – confessionários – recebendo aqueles que desejarem conversar, contar seus pecados buscando serem perdoados.

Durante os dias de semana, há um revezamento dentre os padres que permanecem naquele local atendendo aos fieis. Pelo que foi observado, há um momento de maior demanda que é o das 10h, logo após o término da missa das 9h. Agora, durante o restante do dia, a quantidade de penitentes é reduzida, e os religiosos passam boa parte do tempo lendo, ou conversando entre si ou com funcionários responsáveis por aquele setor. Já aos fins de semana, pela conversa que tive com uma funcionária do local, todos os padres estão escalados para trabalharem nas confissões – exceto aqueles que estiverem rezando a missa no Santuário, ou presidindo as cerimônias de batismo realizadas, também, naquele templo religioso.

A demanda por confissões é tão grande que os religiosos acabam realizando uma cerimônia chamada “rito penitencial”, onde um sacerdote conversa com as pessoas e busca fazer com que estas reflitam sobre seus pecados, e, ali mesmo peçam o “perdão de Deus”.

Com isso, o religioso profere a oração de absolvição dos pecados, e sugere que, aqueles que ainda quiserem conversar com um padre, em particular, que adentre à sala de confissões. Do contrário, que possam ir, já, perdoados. A maioria se mantém firme no propósito de conversar com um sacerdote. Muitos têm o seu momento de confissão somente quando vão a Aparecida, pois lhes é proporcionada esta oportunidade, onde as pessoas podem se “confessar” com um religioso desconhecido, ou mesmo, por não participar de comunidades católicas em suas cidades, e, terem esse encontro com o rito católico somente durante o seu momento de peregrinação.

Durante os dias de semana a quantidade de penitentes não é menor apenas por razão de o número de peregrinos ser menor na cidade, também. Mas, acredita-se que tal prática de buscar o perdão de Deus, através da confissão a um padre, ser algo relacionado a um catolicismo popular, mais visto durante os fins de semana.

Após permanecer observando as idas e vindas de devotos pelo Santuário, decidi almoçar em um restaurante no centro de apoio aos romeiros, popularmente chamado de shopping de Aparecida. Este é um local construído pela administração do Santuário, inaugurado¹¹⁴ em 1998, que tinha a pretensão de abrigar todos os vendedores ambulantes que trabalhavam ao redor da igreja. Foi uma tentativa, junto à Prefeitura Municipal da cidade, de organizar estes pequenos comércios em um local fixo – e, é óbvio, fazer com que estes pagassem os devidos impostos à prefeitura, e um aluguel ao Santuário, por utilizar um ambiente de posse do clero. Após o almoço, retornei para o hotel. Após um breve descanso, voltei a redigir minhas anotações no formato de um texto.

¹¹⁴ Tal inauguração contou com a presença do senhor Presidente da República, à época, Fernando Henrique Cardoso, além de outras autoridades políticas, e religiosas. Mais uma vez observa-se o interesse político dos governantes de terem a sua imagem ligada a imagem da Santa. Na ocasião, o Presidente, assumidamente ateu, pousou para algumas fotos segurando a imagem da Santa Aparecida.

8- As Aparecidas dentro de uma única Aparecida.

À noite, saímos eu e Marlon para comermos alguma coisa, e, nesta saída nos deparamos com uma situação peculiar. Tal saída é assim apresentada no diário de campo:

Diário de Campo
Sábado, 20 de julho, à noite.

À noite, fui a uma pizzaria na companhia do Marlon. Sentamo-nos juntos, e conversávamos. Quando terminamos de comer, ficamos sabendo que estava acontecendo uma festa julina ali por perto do nosso hotel, e lá fomos. Lá estava tocando a orquestra de violeiros de Taubaté-SP. O repertório era, na sua maioria, de músicas famosas com teor religioso, mas cantadas por famosos. As músicas de Roberto Carlos, como Jesus Cristo, A Montanha, foram umas das cantadas lá durante a apresentação do grupo. Havia muitas pessoas acompanhando o show, e estas estavam bastante entusiasmadas e participativas. Dançavam, cantavam junto com o grupo, enfim, festejavam bastante as músicas “religiosas” que ali eram tocadas e cantadas. As pessoas que lá estavam eram romeiros vindos de fora, e aparecidenses que estavam aproveitando, também, a festa. A maioria era de jovens, em sua maioria pessoas aparentemente bem simples. Quando terminou a apresentação do grupo, foi anunciado um DJ, e este passou a tocar músicas completamente diferentes daquelas que eram tocadas pela orquestra de violeiros de Taubaté. Com repertório bastante popular e frequente, atualmente, o DJ entreteve as pessoas com muito funk e sertanejo universitário. O interessante foi que a maioria das músicas tocadas era de cunho bastante sexualizado. As pessoas, tanto jovens, quanto àqueles mais velhos que ali se encontravam, dançavam erotizando uns com os outros. O que me chamou a atenção foi o fato de, em uma festa organizada por grupos religiosos – a organização da festa foi feita por grupos religiosos, em prol de entidades filantrópicas da cidade – e que depois passou a ser tida como uma balada semelhante àquelas que acontecem em vários locais no Brasil todo. Não é com olhar conservador, ou crítico que eu relato esses fatos, pelo contrário, acho válida essa mistura de gostos, e de estilos de festas, pois, penso que o importante é a intenção de se fazer o bem para aqueles que necessitam, no caso, as entidades filantrópicas de Aparecida.

Existem várias Aparecidas dentro de uma única cidade. Esta festa é uma das muitas que acontecem na realidade noturna aparecidense. Denise Pimenta mostra, em seu trabalho “*Ensaio sobre a promessa*” – parte II *Quinquilharias de uma devoção* –, tal realidade, assim:

“Apresento também a Aparecida da noite. Para quem vem na romaria de ônibus, a cidade, geralmente, se apresenta como fé (missa) de café da manhã, compras pela tarde e passeio, folia e conversa fiada na porta dos hotéis (pousadas), o

chopp gelado nas pizzarias da Praça de São Benedito, e os shows aos sábados de duplas sertanejas ou as músicas inaudíveis de tão altas saindo dos sons dos carros com placas de Aparecida e Guaratinguetá, pode-se concluir que é a diversão de final de semana de muitos jovens por lá. Sem falar nos finais de semana em que um excelente trio caipira canta em um bar minúsculo e as pessoas se aglomeram na rua e também nas janelas e sacadas dos hotéis em frente ao bar para ouvir”. (PIMENTA, 2012, p.13).

Realmente a cidade permanece muito agitada durante a noite de sábado, sendo possível perceber que ali se misturam visitantes e aparecidenses no intuito de “curtir” o lado cultural – profano – da cidade. Recordo-me de, ao participar de romarias quando criança, de um casal de cantores que participavam conosco das viagens. Eles tinham contatos em bares da cidade, e, aproveitavam-se do ensejo para cantar e ganhar dinheiro durante a estada em Aparecida. Eles comentavam, durante a viagem de volta, que haviam ganhado um bom dinheiro por seu trabalho.

Assim, podemos observar que a cidade de Aparecida não é somente um ambiente de devoção, de fé, mas também um local que proporciona entretenimento aos seus visitantes. Tais shows apresentados por Pimenta são uma amostra de que o poder público da cidade proporciona este atrativo a mais para os romeiros ou turistas, a fim de que suas visitas não se cessem, mas que sejam incentivadas não somente para o lado religioso da viagem, mas também, para o lado da diversão, mediante o aproveitamento destes eventos patrocinados pela administração da cidade.

Após permanecer um tempo na festa julina, despeço-me de Marlon – que fica mais um tempo no local – e me dirijo ao hotel para dormir.

No domingo decido me levantar mais cedo do que durante os dias anteriores, pois, as romarias vindas de ônibus começam a chegar à cidade já pela madrugada. A primeira missa rezada na igreja nova começa às 5h30min, então, trabalho é o que não falta para um etnógrafo animado. Eis parte do diário de campo deste dia:

Diário de Campo
Domingo, 21 de julho de 2013

Sem dúvida o domingo é o dia com o maior número de peregrinos em Aparecida. Há até dificuldades em se locomover nos pontos mais visitados da cidade. Chegando à praça, na subida da Monte Carmelo, percebo que a pequena igreja velha está tão lotada, que os fiéis participam da missa fora da igreja, pois os bancos já estão sendo utilizados, e os espaços dentro da igreja também já estão todos ocupados. A praça também está lotada, tanto de brasileiros, como de estrangeiros. O domingo também é o dia de maior visita dos romeiros de Aparecida, às muitas lojinhas que existem na cidade. O turismo é a principal atividade econômica na cidade, e, o comércio, tanto de lembrancinhas, quanto de muitos outros produtos, das mais variadas características, são muito procurados pelos visitantes. Pelo que observei, existe um roteiro que os visitantes planejam para suas visitas a Aparecida. Geralmente os peregrinos chegam bem cedo à cidade, e procuram ir à missa no período da manhã. A primeira missa começa às 5 e meia da manhã. A próxima é às 8h, e depois, a cada duas horas há mais celebrações. Todas essas celebrações são sempre muito cheias de fiéis, e, a fila para chegar próximo da imagem de Nossa Senhora Aparecida – encontrada no Rio Paraíba em 1717 – fica muito grande também, chegando as pessoas a ficarem cerca de meia hora para passar em frente à imagem. A missa das 8h, à qual eu presenciei, era a mais repleta de pessoas. Inclusive, em razão da proximidade da JMJ, a igreja estava cheia de estrangeiros, inclusive, o coral que cantou na celebração era composto por jovens vindos da Colômbia. Havia novamente muitos bispos e padres de vários países, todos vindos para a JMJ, mas, que passavam por Aparecida, já que a cidade se encontra próxima ao Rio de Janeiro. O que chama atenção é que a celebração foi feita em idioma espanhol, contudo, na hora da chamada homilia – antigo sermão do padre – o reitor do Santuário de Aparecida, pegou o microfone e fez o sermão em português. Em determinados momentos da celebração, os religiosos de língua inglesa rezam em sua língua, assim como os de língua espanhola e portuguesa. Essa mistura de idiomas chama a atenção dos presentes, pois, as respostas a determinados momentos dos ritos só são respondidas por aqueles que falam o idioma específico proferido.

As mesmas palavras proferidas que evidenciaram a realidade do sábado podem ser ditas para se falar do domingo. Entretanto, a quantidade de peregrinos é ainda maior. O pátio do Santuário Nacional é utilizado como estacionamento para ônibus – em um determinado lugar – e para carros. Além deste espaço, existem outros também destinados a servirem de estacionamento¹¹⁵. A cidade está tomada de visitantes.

É também, durante os fins de semana, que se monta a chamada “feira popular” de Aparecida. Esta se localiza em ruas que dão acesso ao Santuário, mas por baixo, ou seja, sem ser através da passarela da fé, mas sim como os “antigos” realizavam as suas procissões para chegar a então construção da “igreja nova”. Sobre este ambiente, Pimenta escreve:

¹¹⁵ Nos arredores do shopping de Aparecida, e, em outro local construído pela administração do Santuário, em outro morro da cidade, é possível o estacionamento de ônibus.

“Foi atravessando a feira de ambulantes de final de semana da cidade, que conheci o caminho de baixo para se chegar ao Santuário. Um caminho com uma multidão de gente, onde se podem encontrar restaurantes, pousadas, lojas de panos, almofadas, barracas de eletrônicos, produtos piratas, flores de plástico, fitinhas coloridas de Nossa Senhora para colocar no pulso – desde as mais caras e sofisticadas até as mais toscas –, relógios com figuras de santos e de pássaros, calcinhas e cuecas, camisas falsificadas de times de futebol, todo tipo de brinquedo de plástico, carrinhos de comida no meio dos corredores da feira que parecem intermináveis, vários bibelôs e badulaques que brilham, tudo pisca, tudo à pilha. Todas as formas de chamar o freguês” (PIMENTA, 2012, p.10).

As palavras de Denise Pimenta são perfeitas para pormenorizar como são as feiras populares de Aparecida. A visão durkheimiana sobre o Sagrado e o Profano se encaixa muito bem no contexto das romarias a Aparecida. O contraste envolvendo as pretensões dos diversos romeiros que chegam à cidade, principalmente durante os fins de semana, se mostra de maneira notória. Existem aqueles que são, realmente, devotos de Nossa Senhora Aparecida, e, participam das peregrinações visando o cunho religioso, que, na maioria das vezes, é o foco principal da viagem. Esta seria a parte Sagrada da peregrinação. Entretanto, há também aqueles que participam da romaria, e a tomam como uma excursão, ou de maneira mais clara, como um dia de lazer, onde são realizados passeios, e compras na cidade¹¹⁶. Segundo relatos de alguns visitantes, sempre com preço acessível.

Há também oportunidades de entretenimento na cidade, onde uma delas foi relatada por John Dawsey em seu artigo *“Nossa Senhora Aparecida e a mulher Lobisomem: Benjamim, Brecht e teatro dramático em Antropologia”*. Nele o autor diz que “a ‘mulher lobisomem’ tem muito a dizer sobre as esperanças e os comportamentos de Aparecidas Profanas” (DAWSEY, 2000). O espetáculo teatral da transformação¹¹⁷ de uma mulher em “mulher lobisomem”, é uma das possibilidades de diversão na cidade, que pode então ser considerada como representante da parte Profana da estada dos romeiros em Aparecida.

Essa dicotomia existente entre os que vão a Aparecida muito tem a ver com “espírito capitalista” apresentado por Max Weber (WEBER, 2005). Naquela situação, seu campo de estudos foram as igrejas protestantes, onde ele percebeu que havia algo no estilo de vida daqueles que professavam o protestantismo, e que favorecia o espírito do capitalismo.

¹¹⁶ Onde há muitas possibilidades de entretenimento para os visitantes, principalmente no centro antigo da cidade, próximo à chamada igreja velha.

¹¹⁷ Tal espetáculo de transformação é bastante tradicional na cidade. Atualmente, o show consiste em uma incorporação de um gorila realizada por uma mulher. A todo instante do espetáculo há um narrador preparando a imaginação dos espectadores para o exato momento em que tal transformação acontece. O nome da mulher-gorila atual é ‘Monga’.

Contudo, creio que a sede por consumo existente em nossa sociedade desencadeou em uma incorporação de muitas instituições religiosas por esse sistema. A lógica da “teologia da prosperidade” que é a base da “Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” – “Vês um homem diligente em seus afazeres? Ele estará acima dos reis” Prov. 22,29 (WEBER, 2005) – relaciona-se com o que acontece em Aparecida, todavia, há a incorporação do sagrado, levando-o a condição de profano, para a obtenção de dinheiro.

O território no entorno do Santuário de Aparecida é tomado por lojas de produtos religiosos, ou não, e que são vendidos todos os dias. Dá-se, então, a utilização desse espaço, tido como religioso para os católicos, visando outra finalidade, diferente da religiosa. Também os objetos de culto (velas, imagens de santos, lembrancinhas) são incorporados à realização do comércio, tanto autorizado – com lojas aprovadas pela prefeitura municipal da cidade – quanto pelo grande número de ambulantes que também se aproveitam dessa oportunidade para poderem ganhar o seu “pão de cada dia”. Há ainda a questão de que, estando em uma cidade onde existe um turismo religioso muito forte, a possibilidade de um aparecidense vender objetos de culto e devoção é muito grande.

Levando em conta ainda essa questão do comércio em Aparecida, pude testemunhar o quanto ele está presente, e também o quanto que ele influencia as pessoas na ida à cidade. Sou professor em uma escola estadual na minha cidade natal – São João da Boa Vista-SP – e tive a oportunidade de conversar com duas alunas, de salas diferentes, que tiveram a possibilidade de participar de uma romaria. Uma participou, e, a primeira coisa que fez quando voltou à sua casa foi postar em redes sociais fotos das “coisas” que havia comprado por lá. Muitas camisetas com o nome de bandas de rock, além de correntes de pescoço com imagem de caveira. Quando me encontrei com ela, lhe perguntei onde ela havia comprado esses adereços, e ela me disse que no shopping de Aparecida, que fica no território pertencente ao Santuário.

A outra aluna, em outro dia, me disse, enquanto eu terminava de fazer a chamada dos alunos, que seus pais iriam a Aparecida no próximo fim de semana. Questionei se ela também iria, e ela me disse que não, pois não tinha dinheiro para gastar lá na cidade. Até perguntei se ela teria dinheiro para pagar a viagem, e ela me disse que sua mãe pagaria sua passagem, mas, ela não queria apenas “ir por ir”, e sim queria ir para gastar.

Na visão de Weber, o ganho de dinheiro na moderna ordem econômica é, desde que feito legalmente, o resultado e a expressão da virtude e da eficiência em certo caminho. A economia capitalista moderna é um imenso cosmos no qual o indivíduo nasce, e sua condição

não se altera no decorrer de sua vida. Ela força o indivíduo, na medida em que ele esteja envolvido no sistema de relações de mercado, a se conformar às regras de comportamento capitalistas.

O capitalismo atual educa e seleciona os sujeitos que precisa, mediante o processo de sobrevivência econômica do mais apto (WEBER, 2005), então, o espírito deste “moderno capitalismo” que o autor apresenta, todas as atividades possíveis são a favor do alcance de lucro. E quanto ao fato de existirem também nos arredores do Santuário, e até em suas dependências, algumas lojas de artigos que não são de cunho religioso também encontram, em Weber, palavras que elucidam tal fato: o comércio se mostra irrestrito em suas relações com estrangeiros, e externos ao grupo. As aventuras do aventureiro capitalista são de zombar de qualquer limitação ética (WEBER, 2005). Sendo assim, independente de se estar em ambiente onde a devoção ao sagrado é muito forte, dá para se aproveitar essa oportunidade e fazer com que outras portas para a obtenção do lucro sejam abertas.

Pimenta, novamente, faz das suas as minhas palavras ao afirmar que ela:

“vai apresentando a cidade, que não é uma outra, é ela mesma, ela: Aparecidas dentro de Aparecida. Aparecida dos vários tipos de mercados onde se fazem as mais diversas trocas. Portanto, esta, assim como a famosa passarela da fé, é a passagem pela feira dos ambulantes, que nem sempre foi bem quista pelas autoridades, mas por sua popularidade conseguiu entrar até no mapa dos pontos turísticos da cidade” (PIMENTA, 2012, p.12).

Descrevendo a “Aparecida comercial”, após mais um cansativo dia de observações, retornei ao hotel quase às 17h. Confesso que neste dia, escrevi um pouco do meu diário de campo no quarto em que estava hospedado, e, às 19h me dirigi ao restaurante para jantar. Após o jantar, dormi feito um bebê, pois, realmente, se tratou de um dia bastante cansativo.

9- Tudo voltaria ao normal, se não fosse a visita do Papa.

Na manhã de segunda-feira, já foi possível perceber que a agitação proporcionada pelo fim de semana tinha diminuído consideravelmente. Realizo o meu itinerário conforme aquele

da sexta-feira e do sábado: acordo às 8h, e me preparo para me dirigir ao Santuário da Aparecida, a fim de lá estar durante a celebração da missa das 9h. Mas, antes, pude presenciar a transformação do local em que eu estava hospedado pautado na rotação de peregrinos que ali também estavam hospedados. Tal itinerário foi assim narrado no meu diário de campo:

Diário de Campo
Segunda-feira 22 de julho de 2013

Definitivamente a segunda-feira foi um dia diferente daqueles que eu já havia presenciado em Aparecida. Até no hotel, bem cedo, dava pra ouvir o barulho das pessoas conversando, e se apressando para irem embora para suas cidades. Muitos preferiram deixarem para viajar na segunda-feira, diferente daquilo que eu imaginava, pois nas romarias que já participei geralmente nossa viagem de volta acontecia no fim da tarde de domingo, isto porque muitos já trabalhavam na segunda-feira de manhã, então, precisariam estar em casa ainda no domingo. Contudo, em conversa com um dos funcionários do hotel em que fiquei hospedado, ele me disse que muitas pessoas deixam para viajar mesmo na segunda-feira. Aproveitando ainda essa conversa com o funcionário do hotel, ele me contou que as acomodações estão sempre reservadas antecipadamente – isso em sua maioria – mas, ainda existem alguns quartos que são ocupados por grupos menores de pessoas que deixam para procurar hospedagem no dia em que chegam a Aparecida. Para essa semana da visita do Papa, aconteceu algo atípico para eles. Já na sexta-feira começaram a chegar àquelas pessoas que vieram para ficar na cidade durante todo o fim de semana, conforme os costumes mesmo, em todos os finais de semana do ano, entretanto, na segunda-feira estes foram embora, e, já na segunda-feira à noite começariam a chegar romarias para a visita do Papa, que aconteceria na quarta-feira. O hotel teve sua lotação esgotada, novamente, em um dia da semana, o que não ocorre normalmente. E isso não aconteceu apenas no hotel em que eu estou hospedado. Segundo esse funcionário me disse, a rede hoteleira de Aparecida possui cerca de 33 mil leitos, e, 95% destes já haviam sido reservados para a vinda do Papa. E esses hotéis possuem o valor de sua diária “para todos os gostos e bolsos”. Uma diária em um hotel simples chega a custar cerca de R\$50,00. A diária completa, com café da manhã, almoço e jantar fica em torno de R\$120,00. Já em hotéis mais sofisticados, esse preço chega até a triplicar.

O cenário de segunda-feira foi o mesmo do de sexta-feira. Contudo, a quantidade de pessoas presentes na cidade foi menor do que em comparação ao outro dia. Na praça da igreja velha, pela manhã, havia poucas pessoas, sendo que alguns eram estrangeiros. A descida da passarela para a igreja nova estava tranquila, com poucas pessoas pagando suas promessas – no caso, realizando o trajeto ajoelhadas – e poucos ônibus estacionados nos arredores da igreja.

Já na Igreja, foi possível notar que esta não se encontrava lotada, principalmente quando comparada com o dia anterior, em que não era possível caminhar lá dentro. Havia

muitas pessoas, mas, após a celebração, os entornos do Santuário logo teve diminuído, ainda mais, o número de pessoas que por lá estavam. A máxima de que durante os dias de semana a visitação a cidade se reduz significativamente foi, novamente, observada. Os ônibus no estacionamento eram poucos. Os carros, em maior quantidade, logo foram saindo, deixando o ambiente praticamente vazio.

Disso, percebe-se que a maioria dos romeiros que vão a Aparecida nos dias comuns de semana, são aqueles que vão de carro para fazerem o chamado “bate e volta”. Geralmente, são aquelas pessoas que chegam à cidade, participam de uma missa, fazem visitas rápidas a alguns locais ali no Santuário mesmo, almoçam (ou não) na cidade, e logo viajam de volta para suas casas. Apenas um detalhe, distinto dos demais dias, foi passível de atenção:

Diário de Campo
Segunda-feira 22 de julho de 2013

Terminada a celebração, fora da Igreja estavam sendo realizados testes de segurança, para quando o Papa vier à cidade. Helicópteros do exército e da polícia militar sobrevoavam os arredores do Santuário, e vários homens do exército estavam “cercando” a igreja. Também havia homens da polícia militar, e da polícia do exército que orientavam os fiéis, demonstrando por onde estes deveriam passar. Já estão montadas as estruturas metálicas que separarão os fiéis das autoridades civis e religiosas, quando o Papa estiver já na cidade, e sair da igreja para saudar aqueles que estarão no lado de fora da basílica, esperando o término da missa, quando o Papa sairá para ter contato com os fiéis. Na missa que o Papa rezará em Aparecida, apenas 15 mil pessoas poderão entrar na igreja, contudo, quatro telões já estão instalados entre a igreja e o shopping popular da cidade, onde, normalmente funciona um grande estacionamento para carros. Durante os treinamentos dos militares, muitas pessoas ficavam ali observando, enquanto ainda estavam chegando pessoas de outros países. Quando estes chegavam, sempre vinham cantando, dançando. A frase mais gritada era “esta é a juventude do Papa”. Essa frase era gritada tanto em espanhol quanto em português. As pessoas que chegavam naquele momento eram vindas de Porto Rico, da Espanha, da França, e do Equador. Cada caravana que chegava trazia consigo uma bandeira de seu respectivo país.

O ambiente já estava sendo preparado para a visita do pontífice católico. Em razão de o religioso ser também um chefe de Estado, então se realizavam, também, exercícios militares simulando a chegada e a saída do religioso do local. Um grande número de curiosos se formou para observar tais treinamentos – inclusive este que vos fala foi um desses curiosos –

e perceber o quanto que se pretendia zelar para que tudo desse certo durante a estada do Pontífice em Aparecida.

Segundo o roteiro apresentado pela equipe do Santuário de Aparecida, o Papa embarcaria em um avião no Rio de Janeiro, com destino a São José dos Campos, e de lá tomaria um helicóptero em direção a Aparecida. Na segunda-feira a tarde já era possível perceber que o fluxo de peregrinos foi, gradualmente, aumentando. Estes peregrinos, sim, creio que já começavam a chegar, em função da visita do Papa.

Permaneci no Santuário e seus entornos durante todo o dia, e, realmente estes grupos que chegavam já se mostravam “peregrinos do Papa”. Tal fato foi percebido, pois, estes trajavam roupas com estampas do pontífice romano, além de carregarem faixas com frases direcionadas ao religioso, como: “Santo Padre nós de amamos”, “Bem vindo Papa Francisco”, “O Brasil te acolhe com amor”. Estes se concentraram no estacionamento ao redor da igreja, chegando a nem adentrar ao templo. A preocupação destes era outra: preparar um lugar para participar da celebração da missa do Papa, mesmo que esta só acontecesse um dia e meio depois.

Após permanecer durante o dia todo no Santuário – precisei ficar no shopping para adquirir lembrancinhas¹¹⁸ para os meus familiares que muito me recomendaram recordações materiais desta viagem – retornei ao hotel já ao anoitecer. Permaneci no quarto por um tempo, refletindo, estudando e escrevendo, e depois desci para o jantar. Após me alimentar, confesso que, mais uma vez dormi serenamente, e aproveitei bastante à noite de sono. Cheguei a “perder a hora”, acordando após as 9h do dia seguinte, terça-feira.

A manhã de terça-feira foi muito semelhante à de segunda-feira. Novamente a cidade não estava bastante povoada de peregrinos, e, após chegar à igreja, percebi que a quantidade de fieis também não fora tão significativa quanto outrora. Aqueles que vieram para o fim de semana já haviam ido embora, e, aqueles que viriam para a missa do Papa – quarta-feira – ainda não haviam chegado. O número de estrangeiros estava também reduzido, porém, ainda era notória a presença de alguns.

¹¹⁸ Em uma família tradicional católica, quando um parente fica sabendo que um membro da família estará em Aparecida, logo se iniciam os telefonemas solicitando lembrancinhas. Quando minha mãe, em conversa com minha avó materna, e com outras tias, disse que eu passaria uns dias em Aparecida, os pedidos de quinquilharias devocionais foram muitos. Mesmo um etnógrafo em campo tem a incumbência de se incorporar um visitante a fim de se estabelecer formas de consumo na cidade.

Depois de mais algumas caminhadas, observações, e captura de imagens, me dirigi ao shopping para almoçar, e, depois ao convento dos padres redentoristas para uma conversa com o padre Geraldo de Paula. Ele era o vice-reitor do Santuário de Aparecida, e também, religioso responsável pelo setor de romarias. O teor da conversa ficou assim redigido no diário de campo:

Diário de Campo
Terça-feira 23 de julho de 2016

Depois de mais algum tempo caminhando, voltei para a igreja, onde eu já tinha marcado uma conversa com o vice-reitor do santuário – responsável pelo setor de romarias da secretaria de pastoral. Enquanto ia para o local onde se daria a conversa, passei por dentro da igreja, onde acontecia mais uma missa. Novamente pude perceber que esta não estava repleta de fieis como nos dias anteriores (exceto na segunda-feira). Enfim, chegando ao local combinado, conversei com o então padre Geraldo de Paula Souza, responsável por coordenar o setor de romarias do Santuário. Ele me disse que este setor mantinha contato com os chamados “coordenadores de romaria” de maneira frequente. Quando irá acontecer alguma peregrinação de um grupo grande de pessoas, há sempre um organizador dessa romaria; este informa a secretaria de pastoral do Santuário de Aparecida, para que haja uma melhor organização deste grupo na cidade, e na Igreja.

Quando estas romarias chegam a Aparecida (no fim de semana), há um encontro já organizado para os coordenadores de romaria, em um auditório nos arredores da basílica. Lá são realizadas algumas conversas entre o padre Geraldo, junto com outro religioso que o auxilia, e também os coordenadores que lá se encontram. Ali são tratados alguns assuntos referentes à como devem acontecer peregrinações, ou seja, como organizá-las de forma tranquila e, é lógico, como proceder de acordo com a crença católica. Estas pessoas são instruídas a manter sempre contato com aqueles que são os seus parceiros de romaria, para que perseverem na fé, e façam parte das comunidades católicas das cidades de onde vieram. É feito então um trabalho de incentivo, para que esses coordenadores de romaria sejam também líderes e representantes do Santuário de Aparecida em suas paróquias, enfim, nas suas cidades. São feitos também alguns alertas, para que esses coordenadores orientem as pessoas que vieram com eles, para que tomem cuidado com roubos, com as crianças e idosos (para que não se percam), para se alimentarem e beberem bastante água. Enfim, são realizadas muitas orientações para que as romarias transcorram da melhor maneira possível. Ele me disse que são necessárias essas conversas, com essas orientações, para que as pessoas sintam-se acolhidas, e para também demonstrar que o Santuário se preocupa com essas pessoas, e tem interesse que a estada na cidade, e futuras viagens possam ocorrer mais vezes à cidade.

Após a volta das romarias às suas cidades de origem, ainda se mantém um contato entre a secretaria de pastoral e os coordenadores de romarias. Existe um cadastro de todas as romarias que vão a Aparecida, e que são registradas na secretaria de Pastoral, onde há o nome e endereço dos referentes coordenadores de romaria. No decorrer do ano, são enviados aos coordenadores de romaria alguns folhetos com reflexões litúrgicas para serem trabalhados nas suas comunidades, preparando-os para futuras romarias. Esses folhetos contêm orações, textos que comentam partes da bíblia. Também são enviados alguns convites específicos, como lembretes para a “Romaria dos coordenadores de romarias” que acontece todo ano em Aparecida. Acredito que mantendo esses contatos permanentes com as pessoas que visitam Aparecida, faz com que essas pessoas se sintam desejosas de voltar outras vezes. Em nossa conversa, o padre Geraldo me disse que esses coordenadores de romarias “possuem” um grupo de pessoas que sempre viajam com eles, ou seja, participam da peregrinação à cidade sempre,

e que as demais pessoas para “lotarem” os ônibus para a viagem são sempre alguns que nunca vieram, ou pessoas que há tempos não vinham a Aparecida.

Há um livro escrito por um grupo de religiosos redentoristas, publicado pela editora Santuário em 1990, sob o título de *“Povo caminhando como Igreja – como organizar uma romaria”* (1990) onde os autores trazem orientações e recomendações de como deve-se proceder para a organização de uma romaria, ao passo em que, seguindo aquilo que o padre Geraldo de Paula dissera durante a conversa, os autores propõe a iniciativa de se manter um contato contínuo entre o responsável pela romaria, a equipe de pastoral de romaria, e o grupo de peregrinos que participou da viagem.

Segundo os religiosos, essa seria a melhor forma de se estabelecer uma viagem exitosa, seguindo os preceitos daquilo que a instituição Igreja Católica, representada pelos padres redentoristas, deseja que aconteça mediante este fenômeno religioso das romarias. As pretensões são as mesmas daquelas realizadas pelos religiosos da mesma ordem no início do século XX, só que agora a partir da utilização dos meios de comunicação impressos, visto que a ordem dos padres redentoristas possui uma editora (Editora Santuário) que publicou tal livro de orientação, e que publica centenas de outros livros voltados ao público católico no geral.

Tal livro traz como objetivos de discussão os temas “como realizar uma romaria”, “o romeiro é quem faz a sua romaria”, “textos bíblicos importantes na preparação de uma romaria”, “celebração antes da partida da romaria”, “orações para se rezar durante a viagem”, “como se preparar para receber os sacramentos no Santuário”, “celebração da volta da romaria”, “início da preparação de uma nova romaria” (MANCÍLIO; MEDEIROS; SALLES; SILVA, 1990). É nítido o interesse da hierarquia católica em manter aliados aqueles que organizam as romarias, pois vêm neles um agente propagador daquilo que a pastoral do Santuário deseja.

É uma nova forma que os religiosos têm de realizar atividades semelhantes às aquelas que seus predecessores realizaram há mais de cem anos atrás. O intuito de catequização dos peregrinos que vão a Aparecida se mantém firme em seu propósito. No entanto, acredita-se que não é possível obter uma noção exata de que tais pretensões dos religiosos redentoristas sejam atendidas nas cidades de procedência das romarias. Há a intenção de que tal prática se concretize, entretanto, não se sabe se estas são seguidas, ou não.

10- Que venha o Papa.

Após a conversa com o padre Geraldo de Paula, retornei ao hotel, e dormi um pouco durante a tarde. Acordei por volta das 16h, e Marlon estava no quarto. Ele me indagou se eu iria à missa do Papa na manhã do dia seguinte. Respondi que achava que sim, mas, não tinha muita certeza, pois já havia tido a experiência de participar de uma missa papal em Aparecida, e, tal experiência¹¹⁹ não havia sido das melhores. Depois da conversa, passei a redigir as experiências etnográficas do dia, até o começo da noite. Após isso, eu e Marlon descemos para jantarmos, e, após mais um pouco de conversa, decidimos por irmos dar uma volta pelo Santuário em busca de observarmos como estava tudo por lá. Resolvemos, também, já irmos agasalhados, pois, caso resolvêssemos, já poderíamos ficar por lá para passarmos a noite, a espera da celebração. Compramos e levamos, também, dois pacotes de bolachas, e, duas garrafas d'água.

O meu desejo não era o de ficar por lá, não, mas, sim dar uma volta para observar como o ambiente estava, retornar ao hotel para dormir, e, acordar bem cedo para nos dirigirmos ao Santuário. Saímos então em direção ao Santuário pela parte “de baixo” da cidade, por onde costuma ser montada a feira popular¹²⁰, e, logo avistamos a igreja. Quando chegamos à frente do muro que cerca os arredores do templo, pudemos observar que uma fila estava formada pelos fieis que já aguardavam a abertura dos portões para entrada na basílica. O horário era 21h, e passamos a caminhar em torno do muro em busca de encontrarmos o fim da fila. Caminhamos por uns dez minutos até encontrar tal fim. A fila “abraçava” todo o entorno do Santuário, e já começava a se montar uma fila contrária saindo de seu início.

¹¹⁹ Em 2007, o Papa Bento XVI esteve em Aparecida para dar início a uma reunião de Bispos da América Latina e do Caribe – CELAM: Conferência Episcopal Latino-americana e Caribenha – e eu participei de uma romaria a Aparecida desejosa de ver o Papa. A missa que Bento XVI rezaria na cidade aconteceria no pátio do Santuário, em frente ao shopping. A quantidade de pessoas que veio a Aparecida foi muito grande, e eu resolvi que passaria a noite em meio à multidão para aguardar o momento da chegada do pontífice, e, posterior, celebração da missa. Só que muitos foram aqueles que resolveram fazer o mesmo que eu, e, a multidão se empurrava em busca de melhores lugares – mesmo que em pé –, ao passo em que muitos empurravam uns contra os outros visando obter esses melhores lugares. Ao mesmo tempo, eram muitos, também, os que dormiam no chão, esperando o amanhecer do próximo dia. Quase que caí sobre pessoas que dormiam no chão, após ser, várias vezes, “apertado” pela multidão. Quando o relógio da torre da Igreja marcava 5h da manhã, eu resolvi “abandonar o barco”, e me contentar em participar da celebração de longe. Confesso que essa foi uma das melhores decisões que eu já tomei na vida.

¹²⁰ Como se tratava de um dia de semana, a feira não funciona, então o local volta a ser uma avenida para tráfego de veículos.

Marlon e eu nos olhamos, e, pasmos, resolvemos enfrentar a fila para passarmos a noite a espera da chegada do Papa para a missa. Assim ficou definida, por mim, a madrugada de espera até o momento da abertura dos portões, e da igreja:

Diário de Campo

Terça-feira, 23 de julho de 2013, à noite, e madrugada de quarta-feira, 24 de julho de 2013.

Mais uma vez eu enfrentaria uma madrugada à espera de um Papa. Creio que dessa vez será mais fácil, pois não há um grande aglomerado de pessoas, mas sim uma organizada fila em torno do Santuário. Não correrei o risco de cair sobre ninguém, muito menos ser esmagado ou pisoteado pela multidão. Isso me anima um pouco. Faz frio em Aparecida, e o céu parece anunciar chuva pela madrugada. Tenho que enfrentar, pois, julgo importante para o trabalho a participação nesse evento. Um etnógrafo não deve escolher as horas mais tranquilas para realizar o seu trabalho, mas sim àquelas onde poderão ser colhidas as melhores informações. Logo que chegamos ao fim – ou início, dependendo do ponto de vista – da fila, percebemos que estávamos muito longe de onde seria aberto o portão que daria acesso à igreja. A fila se encontrava estagnada, não deixariam as pessoas passarem a noite dentro da igreja. Na mesma hora em que chegamos outros já entraram na fila atrás de nós, e, iniciamos, todos, uma conversa. A princípio, o assunto era a visita do Papa, mas, com o passar do tempo, todos os assuntos possíveis passaram a ser tratados. E o tempo não passava. Para azar, ou sorte, estávamos de frente para a “torre Brasília”, local onde está instalado um imenso relógio. Meu olhar, por vezes contra a minha vontade, sempre se fixava neste relógio, contando as quinzenas de minutos, depois de minuto a minuto, e, por fim, contando os segundos.

Resolvi dar uma volta pelo local para observar como as pessoas estavam se portando para aguentar a tal fila. Caminhei por uns cinco minutos e percebi que muitos se prepararam bem para passar a noite: alguns montaram barracas, outros levaram colchões e cobertores, bancos de plástico ou madeira, cadeiras de praia, capas de chuva, enfim, todo o necessário para o enfrentamento da madrugada. Os romeiros vão reformatando os espaços em que se encontram, criando performances e novos sentidos, com a finalidade de permanecerem fortificados para aguardarem o momento do “encontro com o Papa”, com o apoio de sua crença. Eu e Marlon nos preparamos apenas com uma blusa, dois pacotes de bolacha e duas garrafas d’água. Ali pude perceber que seria ainda mais difícil acompanhar essa jornada, pois, ao perceber o cuidado das pessoas em se preparar, ao mesmo tempo em que me lembrava de nosso despreparo, o desânimo tomou conta de mim. Para piorar, começou a chover. Pouco, mas, o suficiente para o frio começar a apertar. Pouco depois retornei ao meu lugar, na fila, e iniciei outra conversa com os meus novos amigos.

Foram três pessoas as que tiveram mais contato conosco. Maria, a mais velha, era uma senhora da cidade de São Paulo que trouxe seu filho Lucas, e sua sobrinha, Nathália, para acompanhá-la nessa empreitada a fim de ver o Papa. Maria era católica praticante, e era coordenadora de uma Pastoral na paróquia em que frequentava. Seu sonho sempre foi o de ver um Papa, embora nunca tivesse a oportunidade de realiza-lo. Esta seria a chance, por isso decidi deixar sua casa, com marido e outros dois filhos, para ir a Aparecida. Eles vieram de ônibus, e, não tinham reserva em nenhum hotel. Diziam que retornariam à capital paulista assim que a cerimônia realizada pelo pontífice católico terminasse. Para eles seria o sacrifício seria maior que o nosso, pois, ainda teríamos a possibilidade de descansarmos no hotel para, depois, viajarmos para nossas cidades.

Formamos uma amizade muito repentina. Rimos muito, contamos piadas uns aos outros, reclamamos um pouco da vida, e tentávamos, a todo custo, a partir do nosso diálogo, fazer

com que as horas passassem o mais depressa possível. Olho para o relógio da torre, e, ainda era meia noite.

Sobre contatos sociais que se formam durante esses momentos de encontro entre estranhos, Ana Helena Duarte, em seu artigo *“Romarias: Experiência de fé e circularidade cultural”* mostra que *“as romarias são espaços de socializações, formações de novos amigos. Por meio de trocas de experiências com o vivido, depoimentos, escutas, conselhos, exemplificações, os romeiros vão encontrando suas igualdades nas histórias de fé, graças alcançadas, na labuta do cotidiano”* (DUARTE, 2010, p.10). Tais conversas estimulam uns aos outros a fim de que todos não desistam daquilo que almejam. São importantes tais contatos, pois, tais eventos são promotores de laços sociais, de transformação do sujeito, mesmo que tal contato dure pouco tempo. Porém, o compartilhamento de experiências, e a estimulação de uns para com os outros se mostram fundamentais para o êxito do que se deseja.

Voltando ao relato do trabalho de campo:

A ideia que se têm é a de que as horas não passam. Já saí da fila para ir ao banheiro por três vezes, e, ainda sim, o relógio marca 2h. O caminho é longo, o sofrimento, mesmo daqueles que se prepararam bem para aguentar a espera, torna-se visível. A euforia do início da espera deu lugar ao cansaço e ao sofrimento. Aqueles que cantavam, jogavam cartas, agora estão deitados, ou sentados e tentando dormir, mas, não conseguem. O frio, e o barulho daqueles que continuam chegando para enfrentarem a fila, atrapalha o sono de todos. Tentei dormir deitado no chão, mas não consegui. E a chuva fina continua caindo. Maria me oferece seu cobertor para que eu pudesse me cobrir, deitando ao seu lado. O frio diminui, mas, o sono ainda não vem. O cansaço é enorme, mas, dormir que é bom, nada. O ato solidário de Maria meu deu forças para continuar no aguardo do amanhecer, e a todo tempo ela nos dizia: “vamos, garotos, valerá a pena”. Eu já duvidava se valeria a pena mesmo participar de tal acontecimento, ou se seria melhor eu voltar para o hotel, dormir, e acompanhar tudo de longe. O trabalho sairia de qualquer forma, pois, eu já havia obtido uma boa quantidade de relatos, e feito boas observações que auxiliariam no estudo. Mas, resolvi continuar.

Ao passo em que aguardávamos, alguns passavam ao lado da fila vendendo comida, água, capa de chuva, bandeirinhas com a imagem do Papa, café, chá quente, refrigerantes, bancos, enfim, faziam da fila uma ‘feira deslocada’. Ao mesmo tempo em que estes passavam, alguns guardas municipais caminhavam logo ao seu encontro. “Não se pode vender nada aqui”, dizia um dos guardas. Realmente, Aparecida se mostra um lugar bastante propício ao comércio. Muitos se aproveitam da oportunidade que o contato com os romeiros – agora, romeiros do Papa – para obterem recursos financeiros para o sustento de suas famílias. E o Estado, enquanto instituição reguladora tenta, a todo custo, não deixar com que ambulantes trabalhem, sem serem taxados. Muitos conseguiam despistar os guardas escondendo sua mercadoria dentro das jaquetas de napa que trajavam. Todavia, aqueles que vendiam objetos maiores não poderiam utilizar-se da mesma estratégia. Estes eram convidados a se retirar do local, e tinham suas mercadorias apreendidas.

O sacrifício da espera se mostra ainda mais, durante o passar dos minutos. A reclamação era geral, e até a Maria já começava a questionar se todo esse esforço valeria a pena. Ela dizia: “eu deveria ter ficado em casa para acompanhar pela TV, pois não tenho mais idade para isso”. Essa foi a nossa vez de estimular Maria a não desistir de tal empreitada, chegando o seu filho a lembrá-la de que este era o seu sonho, e que, para realizá-lo, tal sofrimento deveria ser enfrentado.

O sofrimento está sempre presente no imaginário daqueles que realizam romarias. Até o surgimento desta palavra remete a uma caminhada longa, possivelmente sofrível. Romaria era o nome dado àquelas viagens dos primeiros cristãos a então capital do Império do Romano, local onde Pedro – primeiro Papa – e depois seus sucessores permaneceram fazendo, dali, o centro do catolicismo mundial (TINHORÃO, 2012). Então, romaria/peregrinação, sem sofrimento, não seria, necessariamente, algo comum de se ver.

Mesmo aqueles que atualmente realizam suas viagens de ônibus, ainda assim as horas passadas dentro de um ônibus, atravessando toda a madrugada viajando, e posteriormente, retornando as suas casas no mesmo dia, são a transformação deste evento das antigas peregrinações sem abandonar o caráter sacrificial de sua realização. Muitos suportam esse sacrifício acreditando que o sofrimento é uma forma de triunfo, purificação, glorificação, e, mais ainda, seria o passaporte para a salvação. Nessas experiências, a dor e o sofrimento alimentam a fé (DUARTE, 2010).

A Antropologia da experiência é uma ótima forma de auxiliar no trabalho do etnógrafo que se aventura a ir ao encontro de seu objeto, fazendo-se um com seus nativos, e passando pelos obstáculos que estes enfrentam, ao passo em que analisa e escreve sobre tal caminho. O trabalho de Victor Turner compreende o trabalho destas manifestações sociais que se relacionam ao processo, no seu desenrolar, que estende o novelo das vivências, promovendo uma dilatação e uma extensão da reflexão antropológica (TURNER, 1974). O Professor John Dawsey (2005) teceu um belo comentário sobre o texto “The Anthropology of experience”, de Turner, onde diz que:

“Se no ensaio de Turner algum conselho houver, certamente ele não seria da ordem de ‘não correr riscos’, ou ‘evitar perigos’. A etimologia de experiência ressalta o autor per, com o significado literal de justamente ‘tentar, aventurar-se, correr riscos’. Experiência e perigo vêm da mesma raiz. A derivação grega perao, ‘passar por’, também chama a atenção de Turner pelo modo como evoca a ideia de ritos de passagem” (DAWSEY, 2005, p.163-164).

Por isso que fazer experiência de um evento como este representa, e muito, um esforço de se estabelecer uma metodologia que apresente, fielmente, aquilo que aconteceu em determinado contexto do trabalho descrito, trazendo a tona evidências vivenciadas do objeto de estudo que foi aprofundado. O trabalho do etnógrafo define-se a partir de uma lógica de saída de si em seu ofício, não só para ouvir o outro, mas também para vê-lo. Observar como ele narra, encena. Contemplar o outro é observar e perceber seu jeito de narrar suas experiências vividas, passadas através da encenação do hoje (PIMENTA, 2012).

Portanto, participar de tal evento, junto dos nativos, representa sentir aquilo que eles passam visando realizar seus desejos, suas ambições. No caso dessa espera pela chegada de Francisco, o etnógrafo já havia passado por uma situação semelhante a essa – no caso da visita de seu antecessor, Bento XVI – e passado por dificuldades distintas, porém, tão cansativas, quanto. A lembrança de tal realidade sofrível, passada outrora, tendia a enfraquecer, ainda mais, a persistência pretendida no aguardo do momento certo de chegada do Pontífice católico. Entretanto, se fez necessário permanecer firme no propósito de esperar, e, desejar que o tempo passasse o mais rápido possível.

Dando continuidade ao trabalho etnográfico, seguem-se os escritos do diário de campo:

Com o passar do tempo tentávamos nos acomodar das variadas formas possíveis: sentados, encostados no muro, deitados no chão, encostarmos uns nos outros sentados, enfim, nada nos proporcionava o mínimo de comodidade. As caminhadas no entorno de onde estávamos também não nos dava a sensação de que o tempo passava. Todos estavam exaustos. E, depois de tanta espera, eis que, às 7h a fila começou a andar. Os portões foram abertos, e os primeiros trinta mil que estivessem na fila entrariam na igreja. O restante ficaria alocado em frente ao shopping, no estacionamento, onde foram colocadas duas mil cadeiras, e, instalados dois telões. Este espaço se encontra entre uma das quatro entradas da basílica, e, como já dito, o shopping. Ali, em 2007, Bento XVI havia celebrado a missa que marcaria a sua presença na cidade de Aparecida. Para homenagear este momento, foi construído, exatamente no local em que Bento XVI estivera, uma tribuna com o nome Bento XVI. Francisco, após rezar a missa no Santuário de Aparecida, se dirigiria a esta tribuna para saudar as pessoas que estivessem ali assistindo à missa pelos telões. Este foi um dos protocolos pretendidos para a visita do pontífice à cidade.

O mais interessante deste momento foi que, pouco mais de cinco minutos após a abertura do portão para a entrada dos presentes, começou a chover vertiginosamente. Se não bastasse passar toda a madrugada sob garoa, chuva fraca e frio, enfrentando desânimo, fome, cansaço, ainda tinha-se que suportar uma forte chuva, e que acabou pegando todos desprevenidos.

Poucos haviam trazido guarda-chuvas. Então, tivemos que passar por mais esse percalço, para entrarmos na igreja, e participarmos da “missa do Papa”. Como diz o ditado ‘desgraça pouca é bobagem’, além de mais essa dificuldade, ainda passamos a enxergar uma grande quantidade de pessoas que passaram a “furar a fila”, passando à frente de quem esteve na fila durante a madrugada. O sentimento de raiva das pessoas foi geral. Aos gritos de “não vai furar fila não irmão”, “sacanagem, passamos a noite aqui, e os belezas chegaram agora e estão passando na frente”. Não havia nenhuma pessoa, da equipe do Santuário, para organizar esta fila, e inspecionar o andamento desta entrada à igreja. Muitos foram os que ficaram de fora do templo devido a outros que usurparam seus lugares, ocupando lugares na fila que não lhes coubessem.

Acredito ter sido este um momento de bastante paradoxo envolvendo as pretensões dos fieis. Se pessoas estão aguardando para adentrar a um espaço tido pelos católicos como sagrado, espera-se que estas pessoas respeitem tal espaço se portando como alguém que segue as recomendações da doutrina Católica. Não houve, por parte de muitos, o seguimento do respeito pelo próximo, muito menos a ética para poder compreender que outros estiveram passando por duros momentos para poderem alcançar aquilo que desejavam, ao passo em que estes “furadores de fila” não passaram por essas dificuldades, chegando alguns a descerem de seus ônibus na frente do portão de entrada do Santuário, e, ali permanecerem até entrarem na igreja. Tratou-se de uma situação certamente hipócrita por parte destes, pois, retiraram de muitos a possibilidade de realizarem seu sonho de ver de perto o Papa, e, participar de uma missa celebrada por ele. Acredita-se que o sonho de muitos destes, que entraram na frente dos outros, também era o mesmo, todavia, mais uma vez tal atitude se contrasta com àquela defendida pela moral Cristã, de não fazer para os outros aquilo que você não quer que seja feito para você. Em tal momento coube uma reflexão: até onde as pessoas vão a fim de terem seus desejos acolhidos? Para tanto, cabe “passar por cima” dos sonhos dos outros?

Continuando caminhando pela fila, recebemos algumas pulseiras – semelhantes àquelas que se utiliza quando se vai a uma festa, que serve para identificar a pessoa como alguém que está autorizada a adentrar a algum ambiente – e passamos por revista. *“O Papa da Igreja Católica é também o Chefe de Estado do Vaticano, e, para estar em um mesmo local em que um “Presidente” está, é necessário passar por uma revista”*. Esta foi a resposta dada por um militar que ali se encontrava para a indagação de uma pessoa que lhe perguntou o porquê desta revista. Mais a frente, havia um funcionário do Santuário que estava entregando bandeirinhas para todos os membros da fila, com a imagem do Papa estampada, além de uma imagem de Nossa Senhora Aparecida embaixo da foto do Pontífice. Estava-se pretendendo uma grande festa para a acolhida do líder do catolicismo mundial.

Quando entramos na igreja, havia apenas três, das quatro alas existentes, dedicadas às pessoas ‘leigas’. A ala por onde passaria a procissão de entrada da missa – ou seja, o local onde o Papa passaria – estava dedicado a membros do clero que, previamente, tivessem se cadastrado para participar da celebração. Outros religiosos que estivessem por lá, mas que não tivessem realizado o cadastro, não poderiam estar daquele lado da igreja. Muitos religiosos permaneceram “no meio do povo”, investidos de suas vestes litúrgicas, e concelebrando a missa presidida pelo Papa, mesmo que de longe.

Dentro do Santuário havia vários televisores instalados nos pilares de sustentação da igreja, mas, estes não foram instalados apenas para este momento, como os telões fora do templo. Estão na igreja há bastante tempo, para possibilitar a visibilidade àqueles que estão longe do altar, visando que estes também participem das celebrações, vendo pela TV, o que acontece durante as missas. Eu e meus novos amigos encontramos cadeiras para nos sentarmos lado a lado durante a celebração, e, estávamos bem em frente a uma TV. Às 8h, estávamos, já, sentados. Nós estávamos muito cansados, e, a sensação de poder sentar em uma cadeira foi uma das mais prazerosas já sentidas por mim. O sentimento de alívio por ter conseguido passar por tudo, e, conquistar o nosso objetivo, foi enorme. Ali, em meio a tantas pessoas, o etnógrafo era mais um “devoto” exausto, se fazendo um com todos aqueles que enfrentaram todas as dificuldades para chegarem até aquele local, e naquele momento.

A experiência da fé atravessa o corpo, todas as suas sensibilidades, sensações e percepções. A experiência corporal da romaria faz parte da devoção material do catolicismo popular, que se sacrifica para chegar ao local santo. Até adentrar ao Santuário passamos por vários momentos em que forçamos nossos corpos a enfrentar situações não comuns ao nosso cotidiano. Encontrávamo-nos encharcados, famintos, cansados, mas a sensação de cumprimento do dever foi sentida por mim, e, acredito que o mesmo foi sentido por aqueles que ali estavam. Para os romeiros, o sacrifício do corpo alude ser uma prova de fidelidade ao ideal que se pretende alcançar. Neste sentido, enfrentar tais tribulações, mesmo que com o corpo sacrificado, acaba trazendo a sensação de que corpo e alma são aliviados, por fazer com que as pretensões sejam cumpridas.

Pouco depois de nos acomodarmos dentro do Santuário, as TVs dentro da igreja foram conectadas ao sinal da TV Aparecida – uma rede de televisão de posse dos padres redentoristas – que passou a transmitir, ao vivo, a saída do Papa do Rio de Janeiro até a chegada em São José dos Campos, e, depois, a Aparecida. A cada aparição do Pontífice na TV fazia com que os presentes na igreja vibrassem de emoção. Quando Francisco chegou à terra da Padroeira, ele desembarcou em um heliporto ali mesmo nos arredores do Santuário, e adentrou em um Papamóvel em direção à igreja. O líder da Igreja Católica passou por entre a multidão que o aguardava – em frente ao shopping – até chegar ao templo. Em sua chegada, se dirigiu até uma capela que se localiza atrás do nicho onde a imagem da Santa Aparecida fica alocada, para um encontro com os redentoristas que trabalham na pastoral do Santuário de Aparecida. Após este encontro, o Papa se paramentou e iniciou a procissão até o centro da basílica para celebrar a missa.

Durante a procissão, o cântico cantado pelo coro pouco era ouvido, pois as pessoas que lá se encontravam permaneciam, a todo tempo, gritando o nome do Pontífice, e demonstrando a sua satisfação de estar naquele lugar perante um Papa. Eu observava tudo por um dos televisores, ao mesmo tempo em que imitava a assembleia que balançavam suas bandeirinhas. Francisco participava da procissão com um olhar sereno, e sério, distinto do sorriso costumeiro que possui. Em toda a celebração, o Papa sorriu apenas uma vez, no momento em que o Arcebispo de Aparecida, Cardeal Raymundo Damasceno, lhe ofereceu uma réplica da imagem de Nossa Senhora Aparecida. Francisco tomou esta imagem em seu

colo, como se fosse um bebê, e, sorrindo, agradeceu “o regalo” oferecido pelo bispo que, meses antes, havia participado do conclave que elegera o Cardeal argentino Jorge Bergoglio.

Durante o sermão proferido nessa missa, Francisco proferiu as seguintes palavras, em um português compreensível:

“Quanta alegria me dá vir à casa da Mãe de cada brasileiro, o Santuário de Nossa Senhora Aparecida. No dia seguinte à minha eleição como Bispo de Roma fui visitar a Basílica de Santa Maria Maior, para confiar a Nossa Senhora o meu ministério. Hoje, eu quis vir aqui para suplicar a Maria, nossa Mãe, o bom êxito da Jornada Mundial da Juventude e colocar aos seus pés a vida do povo latino-americano. Queria dizer-lhes, primeiramente, uma coisa. Neste Santuário, seis anos atrás, quando aqui se realizou a V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, pude dar-me conta pessoalmente de um fato belíssimo: ver como os Bispos – que trabalharam sobre o tema do encontro com Cristo, discipulado e missão¹²¹ – eram animados, acompanhados e, em certo sentido, inspirados pelos milhares de peregrinos que vinham diariamente confiar a sua vida a Nossa Senhora; aquela Conferência foi um grande momento de vida de Igreja. E, de fato, pode-se dizer que o documento de Aparecida nasceu justamente deste encontro entre os trabalhos dos Pastores e a fé simples dos romeiros, sob a proteção maternal de Maria. A Igreja, quando busca Cristo, bate sempre à casa da Mãe e pede: “mostrai-nos Jesus”. É de Maria que se aprende o verdadeiro discipulado. E, por isso, a Igreja sai em missão sempre na esteira de Maria” (FRANCISCO, 2013).

O desejo de Francisco em estar em Aparecida, além de ter sido um momento para que o homem Jorge Bergoglio pudesse ter “matado a saudade” de estar no local em que passou dias durante a realização da Conferência de Aparecida, serviu também como mais uma amostra da importância que a instituição Igreja Católica Apostólica Romana dedica ao Santuário de Aparecida, e à enorme quantidade de fieis que visitam, todos os dias, este templo religioso. Seus antecessores – João Paulo II e Bento XVI – também fizeram o mesmo quando estiveram no Brasil. Aparecida é a única cidade no país a receber a visita de três Papas. Isso sem contar que o Papa Paulo VI só não esteve em Aparecida devido a problemas de saúde, pois, as pretensões do clero brasileiro era de que ele realizasse a benção do altar do novo Santuário, no fim da década de 1970. Paulo VI morreu em 1978, não tendo a possibilidade de realizar tal visita (BRUSTOLONI, 1979).

¹²¹ Após o término desta Conferência, os Bispos publicaram um documento que trazia as diretrizes e as discussões realizadas durante o encontro. Francisco, enquanto Cardeal, foi um dos redatores deste documento intitulado: “Discípulos e Missionários de Cristo”.

Após o término da missa, Francisco se dirigiu à tribuna que carrega o nome de seu antecessor, e, de lá, saudou a multidão que participou da celebração de fora da igreja. Lá, o Papa proferiu algumas palavras de improviso, agora em Espanhol, agradecendo a todos pelo carinho e pela presença no local. E, para surpresa de todos, comunicou que foi convidado, novamente, pelo Cardeal de Aparecida a visitar a cidade em 2017, em vista pelos festejos do aniversário de 300 anos do encontro da Imagem de Nossa Senhora Aparecida, nas águas do rio Paraíba do Sul. As palavras finais de Francisco, em Aparecida, foram “*Que Nossa Senhora Aparecida lhes proteja. Adeus, até quando eu voltar, em 2017*”.

Todos se fazem peregrinos em Aparecida, desde o mais simples dos cidadãos, do interior de qualquer Estado brasileiro, até os mais poderosos dos políticos brasileiros, ou ainda, o líder do catolicismo mundial. Todos querem estar em Aparecida, para satisfazer suas vontades, para usurpar-se da imagem da Santa – fazendo-se próximo dela em busca de relacionar a sua imagem à imagem da “Senhora dos católicos brasileiros – ou mesmo para agradecer as supostas graças alcançadas mediante a intercessão da pequena estátua de Maria, encontrada em 1717 nas barrentas águas do Paraíba.

Desde seu encontro, a imagem da Aparecida simbolizou a ascensão de muitos, ao passo em que enriqueceu outros, ou deu esperança de se poderem sustentar famílias graças à devoção de muitos a esta representação de divindade. A personificação desta personagem, tida por muitos como Santa, por mais que não dê a todos a possibilidade de se acreditar em sua divindade, ainda sim, instiga praticamente todos a compreender melhor a influência, ou ainda, o seu poder de influenciar a tantas pessoas no país, e, quiçá, no mundo.

11- Etnografia comparativa entre romarias de locais distintos.

Como metodologia para o desenvolvimento de um novo trabalho etnográfico pretendeu-se utilizar dados obtidos através de participações em duas romarias a Aparecida, sendo que uma teve como ponto de origem a cidade de Araraquara-SP, local onde eu residi por seis anos durante o período de graduação e posterior pós-graduação na UNESP da cidade. Também participei de uma romaria organizada na cidade de São João da Boa Vista-SP, que

foi o município em que nasci, e, também o que resido atualmente. Com tal pretensão, procurei realizar uma comparação envolvendo as duas referidas viagens, ao passo em que estabeleceria contatos com aquela viagem feita há dois anos, durante a visita do Papa Francisco ao Brasil.

A primeira viagem realizada se deu a partir de uma romaria saída de São João da Boa Vista em 3-4 de outubro de 2014. Para que tal viagem fosse realizada, iniciei uma procura, logo na metade do ano de 2014, por possíveis excursões com destino à cidade de Aparecida-SP, a partir de contatos com pessoas conhecidas. Surgiram alguns que me fizeram convites para participar de algumas dessas viagens, entretanto, ainda não havia sido possível, de início, conciliar os meus estudos, e também, o meu trabalho, com as primeiras propostas que me foram feitas.

Estes contatos foram sempre pessoais, com pessoas me ligando, ou até se dirigindo a minha casa a fim de convidar-me para participar de uma romaria. Posteriormente, ao utilizar redes sociais na internet, visualizei uma senhora que estava divulgando um convite para pessoas que quisessem participar de uma viagem – por ela organizada – direcionada a Aparecida. Julguei interessante essa forma de convite a possíveis participantes de romarias, pois, a partir de tudo o que eu havia lido, ou presenciado, esta foi a primeira vez em que eu me deparei com uma situação como esta.

As formas de participação em romarias, que eram de meu conhecimento, eram aquelas organizadas em paróquias, comunidades católicas, pessoas de um mesmo bairro, colegas de serviço, mas, nunca havia tomado conhecimento de excursões menos regionais e mais abrangentes, sem necessariamente haver vínculo com alguma instituição católica.

Interessei-me, e entrei em contato com a organizadora da romaria. Seu nome era Dulce, e ela residia em um bairro tradicional de São João, próximo ao centro da cidade. Ela me disse que eu poderia participar da viagem, sim, mas me preveniu que, durante as viagens que ela organizava, era muito comum que pessoas brincassem umas com as outras, e que ela mesma realizava tais “brincadeiras”. Julguei estranha esta ressalva feita por dona Dulce, mas, disse a ela que por mim não teria nenhum problema quanto a isso.

Indaguei a ela se seria possível, durante a realização da viagem, conversarmos sobre como funcionava a organização dessa romaria. Apresentei-me a ela como um pesquisador, que estudava a questão das romarias a Aparecida, e ela me disse que tudo bem, que ela me

diria tudo o que fosse necessário. Porém, antes de incluir meu nome na lista, era necessário que eu desse pelo menos uma parte do valor cobrado para a compra da passagem. Concordei com isso, e, marquei de levar o dinheiro a ela no dia seguinte.

Quando me encontrei com dona Dulce, perguntei se poderíamos conversar um pouco sobre como as romarias são, por ela, organizadas, e ela, de pronto, concordou.

Dia 20 de setembro de 2014
Casa da Dona Dulce

Eu – Dona Dulce, desde quando a senhora organiza romarias? E, porque começou a organizá-las?

Dulce – Olha, eu comecei a organizar excursão para Aparecida há uns 20 anos. Começamos com um grupo da igreja, sabe, e todo ano essa excursão passou a ser feita. Com o passar dos anos aumentou a quantidade de gente que queria ir, e eu já cheguei a organizar três ônibus, junto com meu esposo. Hoje não tem mais tanta gente com vontade de ir, então, por isso que eu passei a convidar pessoas pelo facebook. É o segundo ano em que eu faço isso de convidar desconhecidos que viram conhecidos.

Eu – E porque a senhora que começou a organizar essas romarias? A senhora era coordenadora de grupo na igreja?

Dulce – Não era não. Sabe o que é, acontece que eu sempre fui meio doida, sabe. Então, a gente tinha o desejo de ir conhecer a casa da mãe, mas, todos ficavam sempre na conversa, e ninguém tomava atitude nenhuma. Aí eu conversei com meu marido e ele topou de organizarmos uma romaria. Quando conversamos com as pessoas do grupo elas toparam, e daí a gente correu atrás de tudo, e eu “to” há mais de 20 anos fazendo isso.

Eu – Quando conversamos pelo facebook a senhora me disse que a sua romaria era uma romaria diferente. Por que a senhora me disse isto? E o que a sua romaria tem de diferente das outras?

Dulce – Não é que é uma romaria diferente das outras, é que tem um pessoal que vai junto sempre, sabe, e a gente tem liberdade uns com os outros pra fazer piadas, a gente vai contando besteiras uns para os outros, e, como é uma viagem religiosa, vamos dizer assim, então eu sempre aviso para as pessoas novas não se assustarem.

Eu – E as pessoas que participam da romaria são da igreja, ainda?

Dulce – Algumas sim. Eu ainda participo da comunidade, e tem uns que estão lá que também participam. Mas agora vai muita gente que nem da igreja faz parte. Uns que vão na igreja só uma vez por ano, que é quando a romaria acontece. Os tempos mudaram. Hoje em dia as pessoas só buscam Deus quando estão na pindaíba, mesmo. A nossa romaria, hoje, é mais um passeio do que uma viagem religiosa.

Eu – E a senhora, quando vai na romaria costuma ficar só visitando as coisas da igreja?

Dulce – Que nada, eu vou no shopping, na feira, nas lojinhas perto da igreja velha. Eu sou uma consumidora nata. Adoro todo tipo de bigiganga que existe. Lá é um prato cheio. Não sei se você conhece Aparecida, mas, lá virou muito centro de comércio, e muita gente vai lá só para fazer compras. É uma pena, pois estar na igreja, na presença de Nossa Senhora é maravilhoso. Depois podemos até fazer umas comprinhas, mas, aquele ditado tem que ser seguido: “primeiro a obrigação, e depois a diversão”.

Dona Dulce, hoje, é uma das muitas organizadoras de romarias sem vínculo institucional. A tradição de organização de romarias foi seguida, mesmo após uma desvinculação desta viagem ao grupo que ela pertencia. Muitas excursões como essas são realizadas em todo o país, mas, principalmente oriundas do interior de São Paulo e Minas Gerais. Essa ressignificação das viagens a Aparecida são as respostas para as transformações que a cidade passa durante os dias de semana, e durante os fins de semana.

As pretensões dos romeiros atuais vão além daquelas relacionadas à questão da fé. Isto não significa um “desvincular-se” do foco da viagem, mas sim, adaptá-la à realidade de locais que, para receberem uma grande quantidade de visitantes, necessita proporcionar coisas que darão aos visitantes a possibilidade de se sentir bem naquele ambiente, além de encontrar produtos que tragam a lembrança do local visitado.

A questão de Aparecida emerge como algo que vai além de proporcionar somente lembranças dedicadas à Santa Aparecida, mas, também, proporciona aos seus visitantes a possibilidade de adquirir a maior gama de produtos possíveis nos comércios da cidade. Acredita-se que, a dimensão que esta crença possui no país tenha desencadeado a chegada de muitos comerciantes, provenientes dos mais distintos rincões do Brasil, a fim de tirarem o seu sustento, e o sustento de suas famílias a partir da devoção, ou da visitação de pessoas a Aparecida.

Na visão de Weber, o ganho de dinheiro na moderna ordem econômica é, desde que feito legalmente, o resultado e a expressão da virtude e da eficiência em certo caminho; a economia capitalista moderna é um imenso cosmos no qual o indivíduo nasce, e sua condição não se altera no decorrer de sua vida. Ela força o indivíduo, na medida em que ele esteja envolvido no sistema de relações de mercado, a se conformar às regras de comportamento capitalistas. O capitalismo atual educa e seleciona os sujeitos que precisa, mediante o processo de sobrevivência econômica do mais apto (WEBER, 2005), então, o espírito desse “moderno capitalismo” que o autor apresenta, todas as atividades possíveis são a favor do alcance de lucro.

E, quanto ao fato de existirem também nos arredores do Santuário, e até em suas dependências, algumas lojas de artigos que não são de cunho religioso, uma reflexão sobre tal fato também encontra, em Weber, palavras que elucidam esta questão, onde ele diz que “o comércio se mostra irrestrito em suas relações com estrangeiros, e externos ao grupo. As aventuras do aventureiro capitalista são de zombar de qualquer limitação ética” (WEBER, 2005, p.46). Sendo assim, independente de se estar em ambiente onde a devoção ao sagrado é muito forte, dá para se aproveitar essa oportunidade e fazer com que outras portas para a obtenção do lucro sejam abertas.

Sobre as romarias a lugares santos, Denise Pimenta mostra que:

“Importante ressaltar que a romaria sempre atravessou e ultrapassou os lugares mais difíceis e ‘pedregosos’ para se chegar a um lugar santo. Dessa forma, enquanto as romarias iam tecendo, fazendo o sagrado através do sacrifício também iam incitando a promoção de vilarejos, feiras nas passagens dos romeiros. Assim, pequenas cidades e povoados foram crescendo e desenvolvendo feiras, mercados e comércios para suprimir as necessidades dos romeiros: comida, água e também lembranças (souvenirs), santos dos lugares. Portanto, desde sua origem mítica, a romaria está atrelada ao comércio” (PIMENTA, 2012, p.101).

Desde que as peregrinações a locais tidos como “santos” passaram a existir, as relações existentes entre peregrinos e comerciantes foram construídas de forma harmoniosa, ou não, e que se expandiu de acordo com o aumento das romarias e o crescimento dos santuários dedicados às divindades homenageadas. Inclusive, também o comércio feito pela igreja com suas relíquias, e seus souvenirs bentos participa circulação. Esta pode parecer contraditória ou profana ou sem respeito aos santos e aos lugares santos para alguns. Mas isso nada mais é do que um dos elementos da circulação dos dons no “sistema” da economia da promessa, elementos que são muito bem aceitos pelos romeiros que se relacionam com a hóstia, a confissão, a missa e também com os balangandãs e quinquilharias sagradas ou não, todas as coisas fazendo parte da devoção: desde a Basílica até a já referida ‘mulher lobisomem’ (PIMENTA, 2012).

A romaria organizada por Dona Dulce saiu de um ponto do centro de São João, no dia 11 de outubro, à 1h da manhã. Assim relatei tal viagem em meu diário de campo:

Diário de Campo
Viagem na romaria de Dona Dulce

Cheguei ao ponto de encontro da romaria meia hora antes do combinado, e, há poucas pessoas por lá esperando, também, pelo ônibus. Eu não conhecia nenhum daqueles que por lá estavam, mas, pude perceber que a fala de dona Dulce se encaixou, direitinho, com o “jeito” daquelas pessoas. Estavam todos rindo muito, e tirando sarro uns dos outros. As brincadeiras eram sobre a quantidade de coisas que uns estavam levando para a viagem, ou chacota por considerar que as roupas de uns era muito feias, ou que o penteado de outro estava mal feito, enfim, tudo era razão para uma brincadeira. O pessoal era bastante animado, disso eu não tinha dúvida. Logo chegou dona Dulce, que, cumprimentou um por um dos que ali estavam – além de me cumprimentar – e logo passou a organizar as poltronas que cada um de nós ocuparia. Eu fiquei sentado na poltrona 28, no meio do veículo, ao lado de uma criança filha de um casal que também estava na viagem. Às 2h, em ponto, o motorista deu a partida no ônibus, e demos início à viagem. Interessante que todos chegaram no horário certo, algo incomum para mim, pois a recordação que eu tenho das romarias que participava era a de que sempre havia alguns que se atrasavam, e, o horário de saída se dava sempre uns 15 minutos depois do combinado, graças aos atrasados. Conversei com uma mulher sobre isso, e ela me disse que Dona Dulce era muito rígida com a questão do horário, inclusive, já chegando a deixar pessoas para trás em função de atrasos. É interessante pensar que, por mais que a organizadora da romaria se autodesignasse como sendo uma pessoa brincalhona, ela levava o seu trabalho muito a sério, e, cobrava a todos para que, também, levassem a sério a viagem, os horários, enfim, a romaria como um todo. Demoramos cerca de cinco horas de viagem até chegarmos a Aparecida. Fizemos duas paradas para irmos ao banheiro, ou, também, para nos alimentarmos. Durante o início da viagem, as pessoas mais próximas às poltronas da frente do ônibus, realmente brincavam muito umas com as outras, inclusive dona Dulce, porém, nada que fosse tão absurdo assim a ponto de constranger alguém que estivesse participando da excursão. A precaução de dona Dulce foi demais até para mim, pois, poderiam brincar comigo sem problemas, ainda mais se fossem aqueles tipos de brincadeiras. Quando chegamos a Aparecida, o ônibus foi estacionado no entorno do shopping. Logo todos descemos, e, o primeiro lugar que as pessoas se dirigiram foi ao banheiro do próprio shopping. Ali puderam escovar seus dentes, lavar seus rostos, a fim de se manterem bem acordados para a “maratona” de coisas que deveriam ser feitas na cidade. A segunda coisa a ser feita foi se dirigir até à basílica nova a fim de participar de uma missa. Como forma de observação, decidi que deveria, sempre, seguir o fluxo de pessoas que estivessem participando da viagem, comigo. Ao chegarmos ao Santuário, não havia lugares nos bancos para podermos nos acomodar. Praticamente todos nos encostamos em uma parede, e ali nos sentamos para participarmos da celebração. Não enxergávamos nada no altar, mas, estávamos de frente para um dos televisores que se encontram na igreja, justamente para que todos participem da celebração, mesmo que pela TV.

Interessante perceber que, mesmo durante a missa, muitos se aproveitam deste momento para dormir. O cansaço das várias horas de viagem vem à tona no instante em que as pessoas se encostam umas nas outras, e na parede, e ali se acomodam. A sensação de dever cumprido é sentida naquele momento, e, estar acordado, ou cochilando, faz parte do roteiro de qualquer romaria. Nossa Senhora, no caso, perdoaria os “dorminhocos”, pois compreenderia a realidade exaustiva que os peregrinos enfrentavam durante suas viagens.

Essa não foi a primeira vez que eu me deparo com situações como essas. Em todas as minhas viagens a Aparecida, sejam relatadas neste trabalho, ou não, pude observar que muitas pessoas costumam dormir durante as missas da manhã, dentro do Santuário. Algumas chegam

a se deitar em algum canto que não fosse de grande passagem de pessoas, mas, outras acabavam se deitando inclusive nos corredores que dão acesso ao altar. Conforme dito, o importante para um romeiro é a chegada ao Santuário, ou seja, a realização do desejo de se chegar até aquele local tido por ele como Sagrado, para a possível participação, mesmo que apenas de corpo presente, da celebração da missa. Ademais, tudo o que ele realiza na cidade é passeio, ora de cunho religioso, ou de natureza sem relações com a religião.

Outro fato importante de ser discutido é a participação das missas mediante a utilização de televisores. O Santuário de Aparecida, enquanto estrutura física é um local que se encontra em permanente transformação. Sua construção já foi terminada, porém seu acabamento está em constante finalização. Então, sempre que se chega a Aparecida é possível perceber que algo novo foi reformado, algum novo revestimento foi realizado, enfim, alguma coisa mudou.

Sendo assim, para que estes ajustes sejam feitos, algumas áreas da igreja são cobertas ou por telas, ou por tapumes de madeira. Estes encobrem toda a visão que as pessoas que se encontram nessas áreas possuem, entretanto, sempre é instalada uma TV para que, mesmo sem visão real, os romeiros tenham uma visão virtual daquilo que está acontecendo na missa. Desta questão é possível analisar, mais uma vez, a condição sagrada que a presença no Santuário oferece aqueles que lá estão, pois, os redentoristas possuem uma rede de televisão, chamada de TV Aparecida, onde são transmitidas várias celebrações de missas, sendo este o sinal que transmite a cerimônia nos televisores espalhados pela igreja.

Qual seria, então, a diferença entre assistir a missa pela TV em casa, ou assistir a mesma transmissão, pela TV, porém dentro do Santuário de Aparecida? A peregrinação que os romeiros fazem a Aparecida vai além da visita à imagem, ou da participação das celebrações dos ritos católicos: só o fato de se estar em um templo religioso histórico, e convidativo à apreciação, faz com que as pessoas se sintam bem, e ainda assim, propensas a se sentirem melhor quanto a sua motivação para continuar com o cotidiano de suas vidas.

A grandeza de seus espaços, a beleza das obras de arte que ali se encontram, e o contato com milhares de devotos que se encontram na mesma situação, pode ser um fator de importante relevância para a sensação de “dever cumprido” que se nota no semblante das pessoas que se fazem presentes na igreja de Aparecida. O poder de um Santuário deriva em

grande parte do seu caráter de um vazio religioso, um espaço ritual capaz de acomodar diversos significados e práticas. O universalismo é em última análise constituído não por uma unificação de discursos, mas, ao invés, pela capacidade de um culto comportar e responder à pluralidade (VELHO, 1995).

Após a celebração da missa, os membros da romaria da dona Dulce se espalharam pelo Santuário, e, se fizeram um com todos aqueles que por lá se encontravam. Passei a acompanhar um grupo, que caminhou pelos espaços existentes no templo – sala das promessas, torre Brasília, sala das velas, bazar de roupas doadas – enfim, participaram do itinerário que todo visitante, seja devoto, seja visitante visando realizar compras, enfim, todos se unem no propósito de passear, e depois se aproveitar das oportunidades e realizar compras.

Após permanecer por um tempo no Santuário, este grupo que eu acompanhei saiu da igreja, e se dirigiu a “passarela da fé” visando chegar até o chamado centro velho da cidade, onde se encontra a igreja velha. Ali puderam adentrar a pequena igreja que outrora foi a casa da imagem de Nossa Senhora Aparecida, e que hoje é uma paróquia, que ainda chama a atenção dos peregrinos para que façam um resgate histórico de tudo o que os primeiros devotos da Aparecida fizeram há mais de duzentos anos atrás. Há uma réplica da imagem da Santa que se encontra no mesmo lugar onde a “verdadeira” ficou instalada durante muito tempo.

Após permanecerem por cerca de quinze minutos na igreja velha, estas pessoas passaram a adentrar às primeiras lojas – dos mais variados objetos – visando dar início à segunda parte de suas pretensões para a viagem a Aparecida: a parte comercial da romaria. Tem-se início uma maratona de entradas e saídas, compras e “olhadinhas” para conhecer produtos, enfim, há as mais variadas intenções quando se inicia esta segunda etapa da viagem. Observou-se que, há mais tempo dedicado ao passeio e às compras na cidade do que, propriamente, dedicado às coisas religiosas. Isto pôde ser observado, também, em outras viagens realizadas a Aparecida, durante o período pré-Mestrado, onde acompanhei algumas romarias, e notei tal acontecimento.

Das 11h até às 16h as pessoas que estavam na excursão que eu participei passaram o seu tempo nas variadas formas de comércio conhecidas na cidade, isto sem contar que, mesmo durante a estada no Santuário de Aparecida, muitos se aproveitam para adentrar às

lojinhas vinculadas à imagem do Santuário, onde algumas lembrancinhas também podem ser encontradas. Tal fato aumenta, ainda mais, a quantidade de tempo dedicado a práticas relacionadas à circulação de dinheiro – através das referidas compras.

Pontualmente, às 16h, saímos de Aparecida, com destino a São João da Boa Vista, finalizando a nossa peregrinação. A viagem de volta demonstrou, realmente, aquilo que dona Dulce me havia dito. Desde o momento em que iniciamos nossa viagem de volta, até a nossa chegada à minha cidade natal, aqueles mais próximos à organizadora da romaria passaram a realizar brincadeiras com os outros que também estavam no ônibus. Algumas musiquinhas eram cantadas, tentando promover uma maior interação entre os passageiros. Apelidos foram colocados, enfim, houve maior animação durante tal parte do trajeto.

O que foi obtido a partir do trabalho etnográfico foi que, mesmo a excursão de Dona Dulce não possuindo os vínculos institucionais com a Igreja Católica, ainda assim, a maneira como os viajantes fizeram a sua peregrinação pela cidade se mostrou semelhante àquela que, muitas vezes eu realizei, sendo estas romarias viagens ligadas a algumas pastorais católicas, com uma intenção específica de ir à cidade a partir de pretensões religiosas.

A segunda parte deste “outro” trabalho etnográfico se deu a partir da participação em uma romaria organizada pela igreja Nossa Senhora do Carmo, em Araraquara-SP. Uma colega de Mestrado, Rebeca, entrou em contato comigo dizendo que ela viu em um poste, ao lado da igreja, um cartaz dizendo sobre a realização de uma romaria a Aparecida, saindo daquele local no dia 30 de maio de 2015, com retorno previsto para o dia seguinte. Logo que ele conversou comigo, solicitei a ela que entrasse em contato com a organização da romaria – no caso a secretaria da referida igreja – e fizesse uma reserva para eu participar da viagem.

Rebeca, muito gentil, realizou tal reserva, e forneceu meus dados pessoais para que entrassem em contato comigo, confirmando a minha participação na peregrinação. Desta vez a romaria à qual eu participaria seria distinta – pelo menos na sua organização – daquela realizada em minha cidade natal. Esta teria uma característica semelhante àquela pretendida pela secretaria de pastoral do Santuário de Aparecida, onde haveria uma organização iniciada em uma comunidade católica, onde seus membros poderiam se preparar “espiritualmente” para participar de tal viagem.

A secretária da igreja do Carmo, dona Marcia, me ligou, uma semana antes da realização da viagem, para confirmar a minha participação. Respondi a ela que estava de minha parte, tudo certo, e também indaguei se eu poderia realizar um depósito na conta da igreja, para pagar a passagem. Diferente da postura de dona Dulce, que exigiu o pagamento logo na confirmação da participação na viagem, dona Marcia me disse que eu não precisaria me preocupar com isso, e que, no dia da viagem, eu poderia realizar tal pagamento.

Ambas as romarias fizeram divulgação pública para expor a sua existência, entretanto, a postura das organizadoras, quanto ao pagamento, foi distinta. Talvez o caráter ligado à questão religiosa da romaria saída de Araraquara tenha pesado em tal atitude de confiança, contrapondo-se com o estilo mais exigente de dona Dulce. Ou talvez, pela grande experiência em organizações de romarias de minha conterrânea tenha dado a ela certa precaução no que se refere ao trato com desconhecidos.

Enfim, no sábado à tarde cheguei a Araraquara para a realização da viagem. Segundo dona Marcia, o ônibus sairia da frente da igreja do Carmo às 0h. Como da outra vez, cheguei ao local combinado meia hora antes, para observar como o ambiente pré-romaria estava, além de efetuar o pagamento da passagem. Quando cheguei ao local combinado, percebi que haviam dois ônibus já estacionados no aguardo daqueles que participariam da viagem. De frente aos ônibus estavam algumas pessoas que conversavam, mas não realizavam brincadeiras entre si como a excursão realizada por dona Dulce.

Aproximei-me daquelas pessoas, e perguntei se eles sabiam onde a dona Marcia estava. Disseram-me que ela não iria participar da romaria, pois era uma pessoa já idosa, e a viagem seria muito pesada para ela. Indaguei então se alguém responderia por ela, pois, eu não havia efetuado o pagamento da passagem. Então me mandaram falar com o padre. Indicaram-me a um padre “jovem”, que havia tomado posse como pároco daquela igreja há quatro anos, e que dera início a essa romaria programada no ano subsequente a sua tomada de posse.

Dirigi-me ao padre, e ele me disse que já estava sabendo do caso do pagamento de minha passagem, e que o recibo já estava com ele para confirmar o referido pagamento. Padre Cristian era o seu nome. Apresentei-me a ele, e disse que eu estava participando da viagem como um pesquisador que estudava romarias a Aparecida, e ele se mostrou interessado pelo

assunto. Perguntei se poderíamos conversar durante a viagem, visto que ele era o organizador da romaria, e ele, concordando, me disse para procurá-lo mesmo no ônibus.

Então, saímos em viagem 0h:30min, com um atraso de trinta minutos do horário previsto. Algumas pessoas se atrasaram para chegar, e, além disso, o padre se dirigiu a um dos ônibus para proferir algumas palavras, e rezar duas orações antes do início da viagem. Tal ato acabou fazendo com que fosse extrapolado o tempo pretendido para o início da romaria. O padre realizou a mesma atitude no outro ônibus, só que ele viajaria naquele veículo, então as palavras e as orações foram ditas com o ônibus em movimento.

Esta foi uma característica não praticada durante a romaria organizada pela dona Dulce – o ato de se comunicar com os viajantes, ou realizar orações – mesmo que o destino da viagem fosse um local tido por muitos como Sagrado. Isto foi algo novo para mim, pois, em todas as romarias que eu havia participado, anteriormente em minha vida, sempre havia alguém que puxava alguma oração pedindo bênçãos para o bom andamento da viagem. Tal ocorrência pareceu-me peculiar em tal viagem.

Durante a viagem de 6h, realizamos, novamente, duas paradas. Chegamos a Aparecida próximo das 7h e, como da outra vez, todos nos dirigimos aos banheiros do shopping, para lavarmos os rostos e escovarmos os dentes. Não é necessário nem que uns convidem os outros, pois todos, como que por instinto, realizam os mesmos atos. Vale lembrar que o ônibus foi estacionado ao lado do referido shopping. Após sairmos do shopping, passei a acompanhar os meus companheiros de romaria, que passaram a caminhar em direção à basílica nova.

Adentrando a igreja, esta já se encontrava repleta de pessoas. Não havia bancos para que todos pudessem se assentar. Sendo assim, alguns permaneceram em pé, e, outros, se sentaram no chão mesmo, encostados nas paredes do Santuário. Como que de praxe, alguns não suportaram o peso da viagem, e cochilaram durante a celebração da missa. Desta vez, aqueles que dormiram fizeram tais atos apenas sentados. Outros dentro do templo se encontravam deitados, porém, dos que estavam participando da mesma romaria que eu, nenhum se deitou para descansar.

Após o término da celebração da missa, as pessoas passaram a se espalhar pelos muitos ambientes do Santuário, sendo que uns se dirigiam à sala das confissões, outros para a

sala das promessas, outros para a sala das velas, enfim, passaram a realizar sua peregrinação naquele mesmo espaço em que estiveram durante a missa. A basílica de Aparecida é um local onde a rotatividade de atividades e de pessoas é bastante intensa aos domingos. As mesmas práticas são realizadas a cada período curto de tempo: várias missas são rezadas durante o dia, vários ritos de penitência são proferidos na sala pré-confissão, vários pecados são ditos aos padres, além da participação dos funcionários¹²² realizando a preparação de ambientes para a rotação de romeiros ali presentes.

Acompanhei um grupo de aproximadamente dez pessoas, que permaneceram naquela região da “igreja nova” até às 10h. Após tal estada na basílica nova, estes se dirigiram até a passarela da fé, em direção à “igreja velha”. Em tal caminhada foi possível observar uma grande quantidade de pessoas que realizavam este trajeto ajoelhadas. Chamou a atenção destas pessoas que eu acompanhava tal atitude de fé destas pessoas, considerada, por eles, como um sacrifício de quem, realmente, tem fé.

Sobre o sacrifício, Marcel Mauss e Henri Hubert assim escrevem:

“A palavra sugere imediatamente a ideia de consagração, e poder-se-ia pensar que as duas noções se confundem. Com efeito, é certo que o sacrifício sempre implica uma consagração: em todo sacrifício um objeto passa do domínio comum ao domínio religioso – ele é consagrado. Há aquelas que esgotam seus efeitos no objeto consagrado, seja ele qual for, homem ou coisa. (...) No sacrifício a consagração irradia-se para além da coisa consagrada, atingindo, entre outras coisas, a pessoa moral que se encarrega da cerimônia. O fiel forneceu a vítima, objeto da consagração, não é no final da operação o que era no começo. Ele adquiriu um caráter religioso que não possuía, ou se desembarçou de um caráter desfavorável que o afligia; elevou-se a um estado de graça ou saiu de um estado de pecado. Em ambos os casos ele é religiosamente transformado” (MAUSS; HUBERT, 2013, p.17).

No caso dos realizadores de sacrifícios na passarela da fé, a sua pretensão é a de se “consagrar” à proteção da divindade à qual se possui a crença – no caso Nossa Senhora Aparecida – e pretende-se realizar tal ato a fim de se alcançar algo que seja do interesse do promesseiro. Entretanto, chama atenção para o ato de se pagar promessas o fato de que estes iniciam sempre o trajeto pagamento de promessas desejando subir o trecho da passarela até o

¹²² Funcionários estes da limpeza, das lanchonetes, das lojas ao lado da igreja. Tais locais requerem uma constante reposição de produtos para a demanda de interesses existente.

centro antigo da cidade. O sentido contrário do trajeto resultaria em uma descida, ou seja, seria – em teoria – menos dificultosa a sua realização. Todavia, conforme nos mostra Ana Helena Duarte (2010) *“tudo leva a crer que, quanto maior o sacrifício, o sofrimento, o romeiro parece querer sofrer mais ainda”* (DUARTE, 2010, p.7).

Quanto mais árduo for o sofrimento, ilude-se que o pagamento da promessa foi bem efetivado. Em Aparecida há duas possibilidades da realização de sacrifícios: aquele na qual o fiel dedica-o a fim de se obter algo de seu interesse (um emprego, a cura para alguma enfermidade, alguma conquista material), ou então a realidade do pagamento de alguma promessa, previamente, realizada. Com a realização de um possível “milagre” o promesseiro sente-se no dever de retribuir a dádiva concedida, prosseguindo com algum pagamento, no caso, em um sacrifício.

A lógica do “Ensaio sobre a dádiva”, de Marcel Mauss está intrinsecamente ligada a esta realidade:

“As dádivas circulam, como vimos, na Melanésia e na Polinésia, com certeza de que serão retribuídas, tendo como garantia a virtude da coisa dada, que é, ela própria, essa garantia. Mas em toda sociedade possível é da natureza da dádiva obrigar a termo. Por definição, uma refeição em comum, uma distribuição de Kava, um talismã que se leva não podem ser retribuídos imediatamente. O ‘tempo’ é necessário para executar qualquer contraprestação” (MAUSS, 2013, p. 112).

O dar, receber e retribuir se encontra no voto que um fiel realiza quando faz sua oração, prometendo algo em troca caso seu pedido seja atendido. Quando se dá o recebimento de tal graça, o promesseiro tem que, por obrigação, efetuar o pagamento, de alguma forma, de tal dádiva recebida. Faz-se constante este processo da dádiva no pagamento de promessas em Aparecida.

Segundo Ana Helena Duarte *“o sacrifício do corpo alude ser uma prova de fidelidade, de semelhança e de igualdade ao sofrimento de Cristo e também dos santos mártires e às dores de Maria. Neste sentido, vê-se o corpo sacrificado, flagelado, martirizado, analgesiado de tantas dores. Ao final do pagamento da promessa, corpo e alma se aliviam, por depositar nos pés da imagem o pagamento da dívida, seja com o ex-voto, ou simplesmente com a sua*

presença. Essa é a grande prova: a entrega da precatória, quitada e carimbada aos olhos de seus benfeitores” (DUARTE, 2010, p.10).

Após chegarmos ao fim da passarela, na subida em direção à igreja velha, aquelas pessoas que estavam comigo resolveram adentrar à referida igreja. Ali permaneceram, observando sua arquitetura, e realizando suas orações por cerca de dez minutos, e, depois, saindo da igreja, entraram em um local onde havia uma placa escrita “Memorial Redentorista”. Este local é uma espécie de museu que conta a história dos primeiros redentoristas que chegaram a Aparecida, além de apresentar a história da devoção popular a Nossa Senhora Aparecida.

O ambiente onde se encontra este espaço é parte do antigo convento dos redentoristas, sendo, antigamente, parte do pátio do convento. Houve a destinação deste espaço – após a construção do novo Santuário de Aparecida, e, posterior mudança de quase todos os religiosos para o novo convento construído para dar morada aos clérigos – para a construção deste memorial. Além de um museu, este local, também é uma espécie de cemitério, pois ali se encontram os restos mortais de todos os redentoristas – da região do Estado de São Paulo – mortos. São 113 ossadas humanas de todos estes homens, desde os pioneiros alemães, até os brasileiros que os substituíram¹²³.

Além destes 113 religiosos falecidos, ainda existe outro que teve uma capela construída para abrigar os seus restos mortais. Trata-se do padre Vitor Coelho de Almeida, tido pelos devotos como “o Missionário da Senhora Aparecida”. Padre Vitor morou em Aparecida por mais de 50 anos, sendo bastante procurado por grande quantidade de romeiros que chegavam a Aparecida. Segundo relatos ouvidos de um religioso contemporâneo seu, padre Vitor fundou a chamada “rádio Aparecida”, e, passou grande parte deste período em que residiu em Aparecida apresentando dois programas: “os ponteiros apontam para o infinito” que tinha o seu início ao meio-dia (exatamente no momento em que ambos os ponteiros do relógio apontam para o alto), e a consagração à Nossa Senhora Aparecida, às 15h.

Em seus programas no rádio, ele costumava, além de realizar uma reflexão sobre algum trecho da bíblia, padre Vitor aproveitava o ensejo para fazer algumas recomendações

¹²³ O primeiro religioso falecido tem como ano de morte 1904, ou seja, dez anos após a chegada dos redentoristas alemães. O último religioso, que já tem sua ossada ali depositada, faleceu no ano de 2011.

básicas do cotidiano das pessoas aos seus ouvintes. Segundo conversa com o redentorista padre Dal Bó, hoje pároco da igreja velha, padre Vitor ensinava as pessoas a construir fossas no fundo de suas casas, na roça, e recomendava-lhes sempre que lavassem os alimentos antes de se alimentar, de se lavarem (ou seja, se banharem) todos os dias. Ou seja, recomendações básicas que faziam com que as pessoas mais humildes que o ouvissem passassem a admirá-lo.

Padre Vitor foi, também, um modelo de religioso redentorista, a ponto de seus confrades, anos após a sua morte, construírem um espaço único para o armazenamento de seus restos mortais. Após a sua morte, iniciaram as tratativas para tentar elevá-lo ao posto de santo católico. O seu processo de beatificação (posto que antecede a canonização) se encontra em andamento. O redentorista padre Gilberto Paiva escreveu uma biografia sobre o padre Vitor, e o apresenta da seguinte forma:

“o carisma que inspirou padre Vitor Coelho e que continua sendo o ideal de todo redentorista. Revisitar o edifício espiritual desse homem de Deus – religioso consagrado e sacerdote – que, pela sua impressionante atualidade, continua sendo motivação vocacional para os jovens de hoje. Saber dos costumes e dos usos da vida conventual de um tempo, dos detalhes da história da Igreja, da história civil e de personagens construtores do tecido eclesial e social, de grande significação para a vida e personalidade do ilustre biografado” (PAIVA, 2015, p.9).

Entretanto, algo de interessante acontece nesta capela, onde se encontra o túmulo com os restos mortais de padre Vitor: as pessoas que visitam esta capela costumam encostar seus ouvidos no túmulo do religioso, e dizem que escutam alguém batendo de lá de dentro. Confesso que, no momento em que escutei esta explicação de um fiel, e observei a quantidade de pessoas que realizavam o mesmo gesto, acenavam positivamente com a cabeça, assustei-me um pouco. A curiosidade me fez, também, encostar meu ouvido no túmulo, porém, eu não ouvi nada.

Procurei saber a razão das pessoas acreditarem ouvir o religioso batendo na pedra que cobre o seu túmulo, e encontrei como resposta o fato de que, quando o religioso faleceu, ele foi colocado em um espaço no próprio Santuário novo construído para abrigar a imagem da santa. Sendo assim, a grande quantidade de pessoas que caminhavam na igreja fazia com que se ouvisse batidas no túmulo de padre Vitor. Tais ruídos nada mais eram do que o som dos

passos dos muitos peregrinos que andavam pelo templo. Entretanto, esta tradição de encostar o ouvido no túmulo do religioso persistiu mesmo quando os seus restos mortais foram transferidos da basílica nova para a capela do memorial redentorista.

Uma história se tornou estória, ou seja, uma lenda de que o religioso retribuía a visita daqueles que se encontravam próximos ao seu túmulo, e ainda se fazia ouvir para aqueles que desejassem encostar o seu ouvido no local em que ele está depositado. Todos os que visitam este local realizam o gesto de encostar o ouvido no túmulo do “padre que responde”. Neste caso, religião e credence popular se misturam, a ponto de fazer com que todos realizem tal ato.

Saindo do memorial, meus companheiros de romaria passaram, também para a segunda parte da viagem a Aparecida: aquela dedicada as compras. Neste ponto, novamente foram praticados os mesmos atos daqueles que estiveram por lá, comigo, durante a realização da romaria organizada por dona Dulce. Independente de ser uma excursão realizada a partir de pretensões religiosas, ou a partir de pretensões relacionadas ao turismo religioso, os costumes, as práticas, as atitudes são as mesmas. Assim também posso dizer de outras romarias em que participei. Tudo é sempre muito igual.

Sáimos de Aparecida, em direção a Araraquara, às 16h. Durante este período de viagem, conversei com o padre Cristian – pároco da igreja do Carmo, em Araraquara, e organizador da romaria:

Dia 31 de maio de 2015

Ônibus na viagem de volta à Araraquara.

Eu – padre Cristian, desde quando o senhor organiza romarias? E, porque começou a organizá-las?

Cristian – Desde que eu fui designado como pároco na igreja do Carmo, eu tinha o interesse de levar alguns de meus paroquianos até a casa da Mãe Aparecida. É a mesma Maria, senhora do Carmo, mas, Aparecida é a padroeira dos brasileiros, então, estar em Aparecida reforça a nossa devoção cristã, católica, além de este lugar ser abençoado. Traz uma paz maravilhosa a todos os que estão por lá.

Eu – E como o senhor convida as pessoas para participarem desta viagem?

Cristian – Eu aviso nas missas que eu celebro na paróquia, e deixo cartazes no fundo da igreja comunicando aos paroquianos a realização da viagem, e, convidando-os a irmos, como comunidade, para rezarmos juntos à Senhora Aparecida.

Eu – Eu fiquei sabendo da romaria por um cartaz colado em um poste do lado da igreja. Foi o senhor quem colou lá?

Cristian – Não, nem estava sabendo disso. Quem será que deve ter colado? Bom, mas não importa. O mais importante foi que deu tudo certo, fizemos uma viagem abençoada, e, estamos voltando sãos e salvos.

Eu – E as pessoas que participam da romaria são apenas membros da paróquia do Carmo?

Cristian – A grande maioria sim, mas sempre tem aqueles que convidam parentes, amigos, que não são paroquianos nossos. A priori, a romaria é dos paroquianos do Carmo, mas, mesmo que existam outras pessoas que não sejam paroquianos, ou que nem frequente nenhuma igreja, pelo menos a romaria pode ter servido como um instrumento de evangelização para essas pessoas. Tivemos até um pesquisador junto conosco, não é?

Eu – E o senhor, quando vai na romaria costuma ficar só visitando as coisas da igreja?

Cristian – Não, passeio bastante também. Aparecida é um local muito propício ao descanso, e ao lazer. Visito algumas lojas de objetos sacros, compro algumas coisinhas no shopping. Só não vou à feira porque não gosto de lugar onde tem muita gente junta em um lugar apertado. Acho que tenho claustrofobia.

Eu – E o que o senhor pensa daquelas pessoas que só vão a Aparecida para fazer compras?

Cristian – Eu não acredito que existam pessoas que tem como intenção apenas fazer compras. No fundo, estas pessoas que se dizem assim têm um pouco de fé em seu coração. Não sei por que costumam dizer que não acreditam em Nossa Senhora como mãe de Jesus, intercessora nossa junto de Deus. Se estiverem em Aparecida, visitando o Santuário, e outros locais santos da cidade, com certeza sentem-se bem naquele local, e, conseqüentemente, tem fé na ação de Deus mediante as mãos da Senhora Aparecida.

Após mais algumas horas de viagem, chegamos até Araraquara. O convívio com os araraquarenses, meus companheiros de viagem foi bastante agradável. Mas uma coisa me chamou a atenção: participei de romaria tanto saída de Araraquara, quanto saída de São João da Boa Vista. Porém, se eu não soubesse a procedência do local de onde a romaria saísse, eu não perceberia diferença nenhuma na realização, ou na maneira como os romeiros procederam durante a estada em Aparecida. Como diz o velho ditado, chulo, porém, cabível neste momento: “é tudo a mesma coisa”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho exposto teve por finalidade apresentar como se deu processo pelo qual passou o surgimento e o amadurecimento da devoção popular a Nossa Senhora Aparecida. Com o encontro da imagem nas águas do rio Paraíba do Sul, deu-se início a uma devoção popular que alcançou, posteriormente, destaque em todo o país, chegando, inclusive a ser reconhecida mundialmente, dada a quantidade de peregrinos que vão à cidade de Aparecida-SP, local onde se encontra o Santuário de Nossa Senhora Aparecida, e que recebe uma grande quantidade de peregrinos (inclusive visitada pelos últimos três Papas: João Paulo II- 1980, Bento XVI- 2007, Francisco- 2013).

Ficou demonstrado que, a princípio, as únicas pessoas que se importavam em manifestar culto a esta representação de uma divindade foram as pessoas mais pobres que habitavam a região da Vila de Guaratinguetá, e, seus arredores; mas sempre que decidiam se encontrar para manifestar seu culto, faziam-no sem nenhum alarde, organizando seus encontros para a reza do terço e outras rezas católicas.

Entretanto, aos poucos esta devoção à santa Aparecida foi sendo divulgada a mais pessoas, principalmente os viajantes que passavam pela região, e tomavam contato com a crença nesta santa. Isso ocasionou um aumento na quantidade de pessoas que passaram a conhecer esta devoção, e que passaram a espalhá-la por onde fossem. Com o passar dos anos, uma considerável quantidade de pessoas passou a visitar a casa de Atanásio Pedroso (local onde a imagem da santa se encontrava), e este aumento de visitas fez com que fosse construído um oratório para que a imagem pudesse, ali, ser colocada, visando receber seus visitantes.

O clero local, que no início não dera importância a esta devoção particular, analisou e concluiu que esta não se tratava de uma crendice popular local, mas sim de uma possível fonte que poderia chamar a atenção das pessoas para participarem dos ritos católicos tradicionais, e, ao mesmo tempo, aumentar a arrecadação de donativos oferecidos pelos fiéis que visitassem a santa. Para tanto, o clero local organizou e liderou a construção de uma nova capela, com maior espaço físico, para melhor receber os já peregrinos que vinham de outros rincões em busca de visitarem e rezarem aos pés da santa Aparecida.

Paulatinamente o interesse no dinheiro proveniente desta devoção chamou a atenção de muitos que por ali residiam. Os “poderosos” locais aproveitaram-se dessa “mina” para desviarem dinheiro das doações que os visitantes depositavam no “cofre da santa” para finalidades particulares, ou seja, enriqueciam-se às custas da devoção popular à imagem da santa. Foram várias as pessoas que, sendo membros de uma mesa diretora nomeada pela elite política local, usurparam o dinheiro destinado à capela, deixando-a, por anos, sem quaisquer melhorias. A quantidade de visitantes gradualmente aumentava, a arrecadação idem, porém, nada era feito para melhor acolher esses peregrinos.

Outros aproveitaram-se da quantidade de fiéis que chegavam a região para trabalharem e retirarem o seu sustento do oferecimento de serviços aos romeiros. Para tanto, vários comércios foram montados ao redor da capela da santa, visando, a partir da venda de produtos de cunho religioso, oferecimento de vagas para pernoite em pousadas, e estrebaria para o cuidado com animais (visto que, à época, muitos chegavam a cavalo para visitar a capela), restaurantes, enfim, formas de obterem dinheiro, através do seu trabalho, mas graças a esta devoção.

Outros eventos passíveis de serem analisados são os interesses políticos nesta devoção popular à santa, pois, como já visto, além dos políticos locais roubarem o dinheiro da santa, o governo da capitania de São Paulo, por várias vezes confiscou o cofre da santa para a utilização do dinheiro para fins próprios. Sendo assim, a imagem da santa Aparecida já possuía enorme importância tanto para fins religiosos, econômicos, e políticos.

A realidade da cidade de Aparecida atualmente não se mostra distinta da realidade de outrora. Muitos são os peregrinos de acorrem ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida durante o ano. Segundo dados do portal a12.com, site mantido pela equipe que comanda o Santuário de Aparecida, mais de 11 milhões de visitantes chegam à cidade todos os anos, sendo que, a diferença que exista atualmente, em comparação com a realidade de cem, duzentos anos atrás, é que Aparecida possui também a função de grande expoente do turismo religioso brasileiro. Assim, boa parte dos visitantes não possui o interesse religioso na sua visita, mas sim como ambiente propício à realização de um passeio.

O interesse religioso da hierarquia católica nacional também se mantém fortificado, visto que o penúltimo presidente da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil),

organização que chefia o catolicismo brasileiro, foi o cardeal Raymundo Damasceno Assis, arcebispo da arquidiocese de Aparecida-SP. Além disso, as reuniões dessa organização, onde se reúnem todos os bispos brasileiros, acontecem, anualmente, também na cidade de Aparecida. Para a hierarquia católica internacional, Aparecida também mostra-se como referência, pois se trata da única cidade das Américas (e uma das poucas no mundo) a receber a visita dos últimos três Papas (João Paulo II, Bento XVI e Francisco), que viam em Aparecida a possibilidade de ver representado o catolicismo do Brasil, a maior nação católica do mundo.

Quanto aos interesses econômicos, muitos são os que ainda obtêm o seu sustento graças a visitação à cidade. Todavia, não apenas oferecimento de pouso, estacionamento, e ambiente para alimentação, mas, para o oferecimento de qualquer produto que as pessoas necessitem. A feira de Aparecida, local onde muitos aparecidenses, e habitantes de cidades da região, montam suas barracões e ali oferecem os mais variados produtos (na sua maioria falsificados) para que seja comprado pelos visitantes. Sendo assim, Aparecida possui, continuamente, seu valor econômico por fazer com que muitos lucrem com sua devoção.

A finalidade política também continua. Nas últimas três eleições presidenciais, os candidatos que disputavam o segundo turno das eleições para chefe do executivo nacional (Lula e Geraldo Alckmin, em 2006, Dilma e José Serra, em 2010, e novamente Dilma e Aécio Neves, em 2014) visitaram Aparecida nos dias 11 e 12 de outubro, respectivamente nos três anos citados, para fazerem da sua visitação uma espécie de propaganda política, graças à quantidade de pessoas que se encontravam no Santuário de Aparecida nesses dias, e da repercussão “positiva” que essa visitação poderia gerar.

Além disso, foi possível traçar, a partir do trabalho etnográfico realizado na cidade de Aparecida, que não existem diferenças significativas entre aqueles romeiros que possuem pretensões de realizar compras na cidade, ou de se estabelecer uma visita de cunho religioso. Quando estão em Aparecida, todos realizam os mesmos gestos, visitam os mesmos lugares, chegando a serem praticamente imperceptíveis quaisquer diferenças envolvendo cada uma dessas diferentes categorias de visitantes. Existe um perfil de romeiro que é seguido, como que no cumprimento de um protocolo, onde todos se misturam, e se igualam, independente da procedência, da motivação, ou mesmo, do credo.

Em suma, a importância da devoção a Nossa Senhora Aparecida percorreu cerca de quase 300 anos, desde o encontro da imagem nas águas do Rio Paraíba, até os dias atuais. Sendo assim, justifica-se o interesse em pormenorizar o crescimento dessa devoção, e a sua relevância para o Brasil. Como fonte de estudos, tal devoção possibilitou o desenvolvimento de um projeto de Mestrado em Ciências Sociais na instituição UNESP-Araraquara-SP, e serviu de base para a realização desta dissertação.

III Parte: Acervo de imagens.



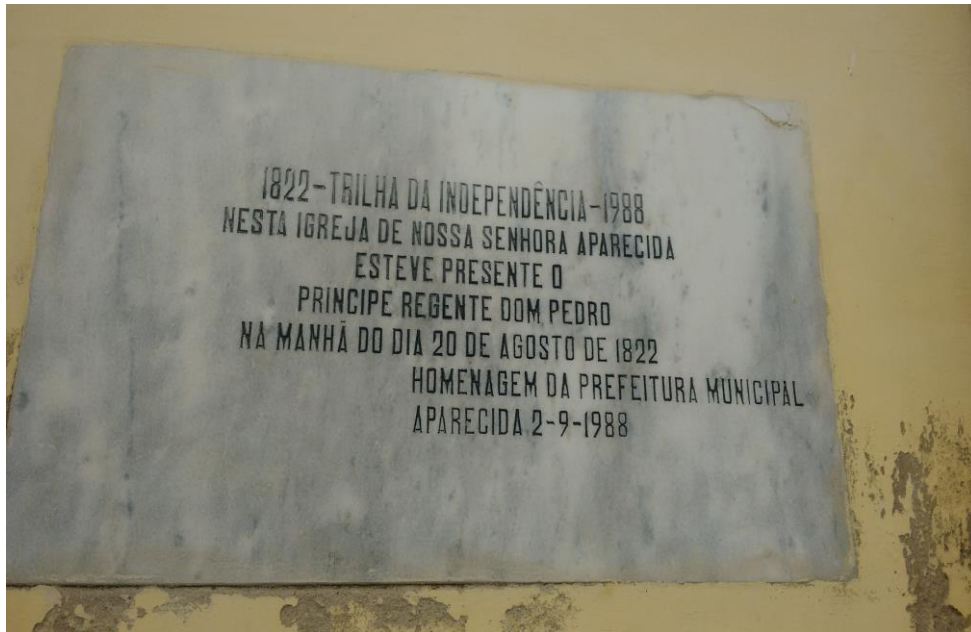
Placa demonstrativa do local onde se encontra o Porto Itaguaçu. Representação dos pescadores.



Antiga capela onde a imagem de Aparecida ficou instalada, e atual capela de São Geraldo, construída no local da primeira capela.



Imagens da igreja – já maior – construída para abrigar a imagem da Santa Aparecida. Imagens datadas do séc. XIX.



Placa de mármore instalada em uma parede da “igreja velha” em Aparecida, que relembra a passagem do príncipe regente Dom Pedro antes mesmo da declaração de Independência do Brasil.



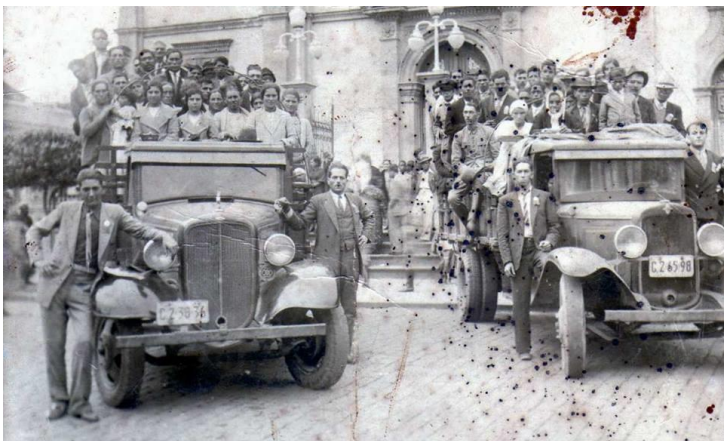
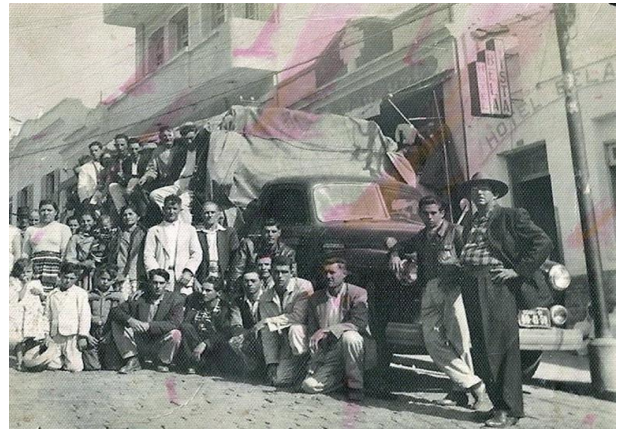
Imagens da estação ferroviária “Aparecida”, que serviu de ponto de chegada de muitos romeiros.



Imperador Dom Pedro II, com sua família, e dois redentoristas alemães que trabalharam na pastoral do Santuário de Aparecida.



Presidente Rodrigues Alves, com sua família, em Aparecida.



Imagens de romarias vindas de caminhão para Aparecida. Primeiras décadas do séc. XX



Peregrinação a cavalo que chegou a Aparecida. Anos 30



Após a realização de uma romaria programada, o bispo diocesano, e outros religiosos se encontram para a foto tradicional.



Retratistas de Aparecida (conhecidos como fotógrafos lambe-lambe).



Imagem da minha família realizando a sua peregrinação. À esquerda da imagem, trajando vestido branco, e com uma criança no colo, está a minha bisavó Matilde, com o meu avô José em seu colo – imagem dos anos 40.



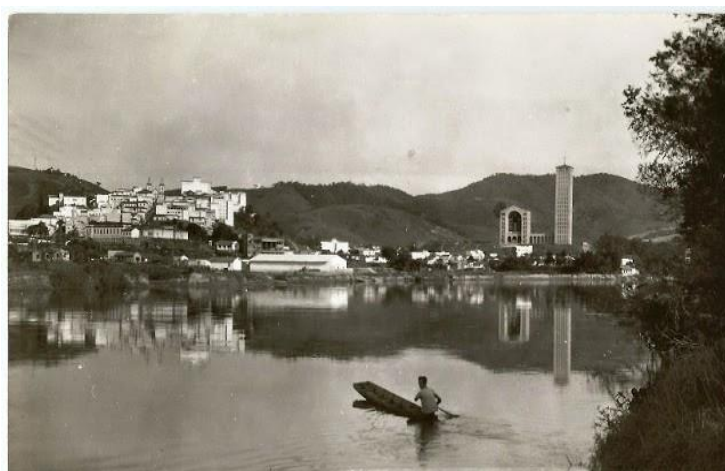
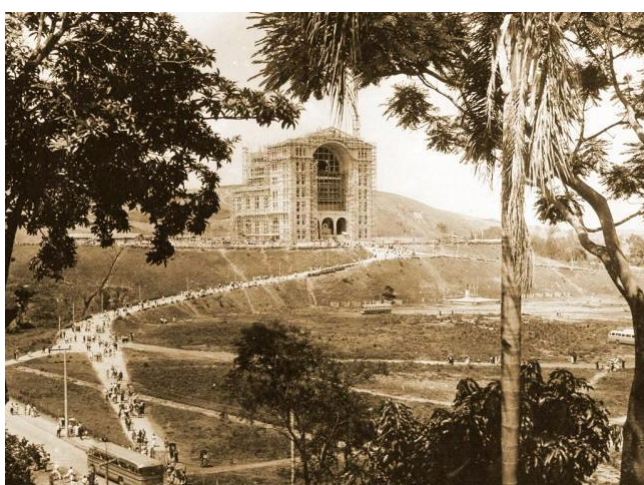
Outra imagem de membros da minha família. Alguns tios-avôs maternos e paternos estão nessa imagem.



Essa imagem já é da década de 70, onde se vê, à esquerda, minha bisavó Matilde, o segundo da direita com a mão no sinto é meu avô José (o bebê da primeira imagem da minha família), e, a criança ao centro é minha mãe Inez.



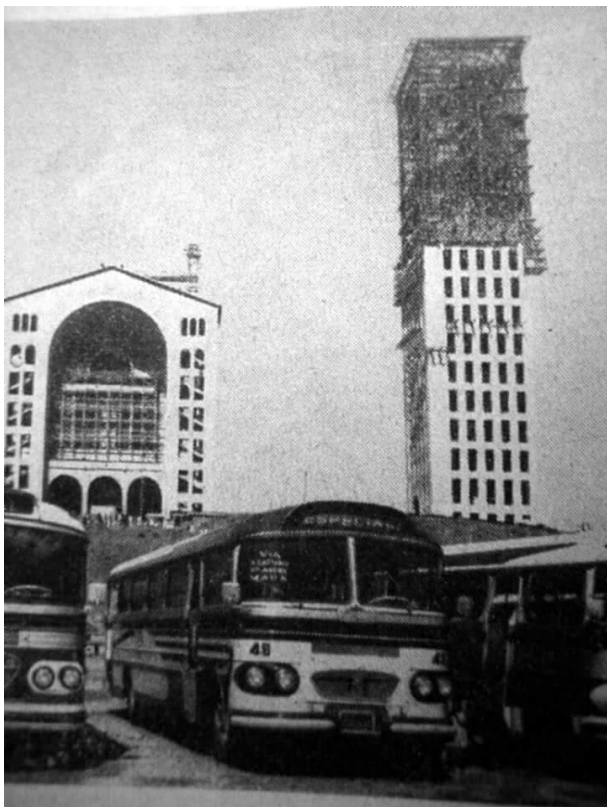
Padres redentoristas, e engenheiro Benedito Calixto, com o projeto do futuro Santuário novo de Aparecida.



Imagens da construção da nova igreja, e presença de ônibus, também, trazendo peregrinos.



Presidente Getúlio Vargas e o Governador de São Paulo Ademar de Barros junto a um sacerdote redentorista em frente à Igreja Velha.



Construção da “Torre Brasília” e da “Passarela da Fé”.



Placas comemorativas em agradecimento aos senhores presidentes da República Juscelino Kubitschek, Arthur da Costa e Silva, e Emílio Garrastazu Médici pelas doações para a construção da Torre Brasília e da Passarela da Fé, respectivamente.



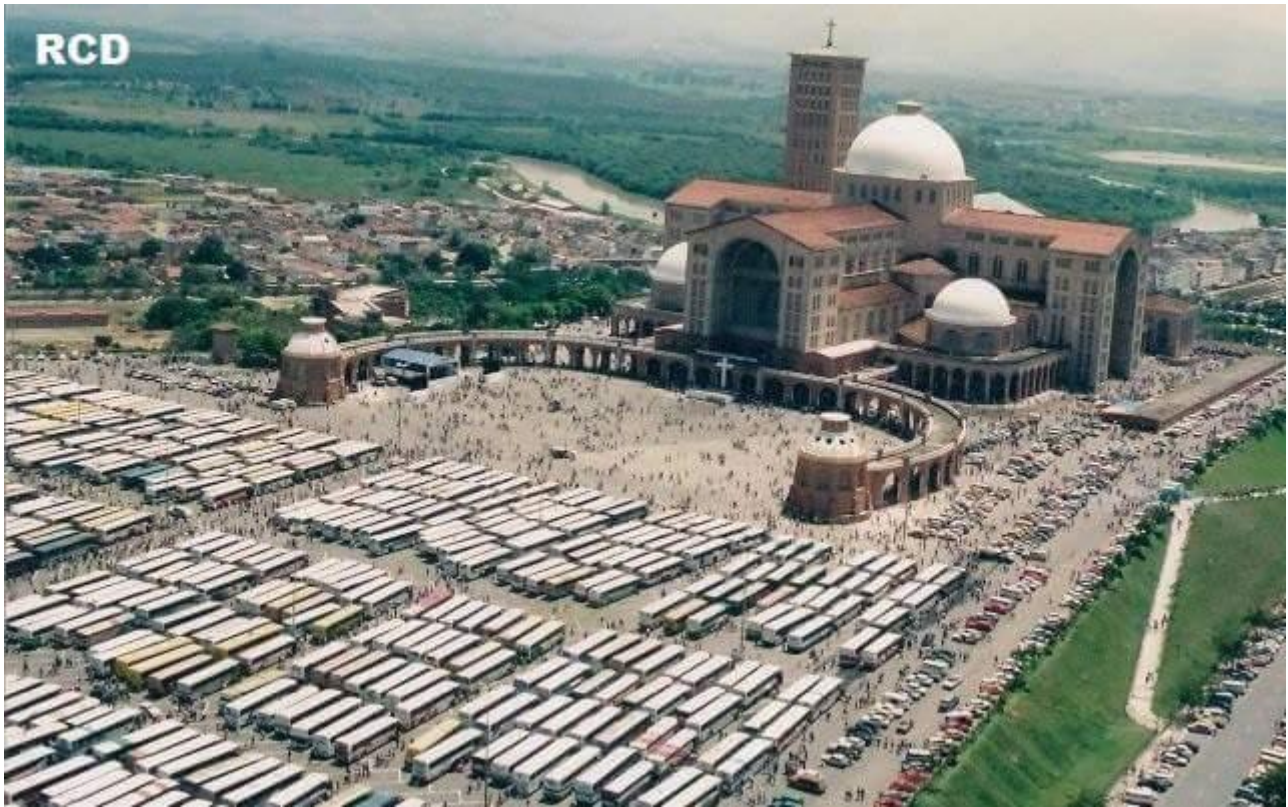
Imagens das inaugurações da Torre Brasília (com a presença do Presidente Juscelino Kubitschek) e da Passarela da Fé.



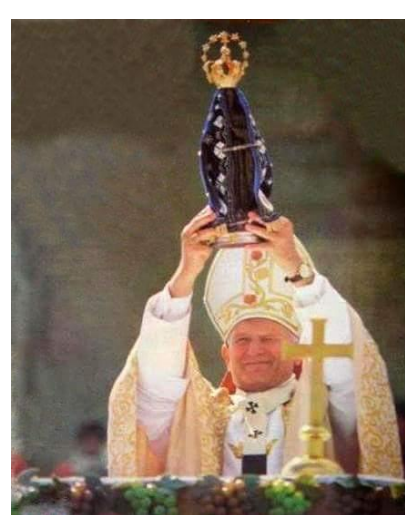
Presidente Jânio Quadros e sua comitiva no Santuário de Aparecida (na primeira imagem), e o presidente João Batista Figueiredo, na companhia do Governador de São Paulo, Paulo Maluf, em Aparecida.



Ônibus e motoristas que transportavam peregrinos a Aparecida, e o guichê da empresa de ônibus “Pássaro Marrom”, anos 1960.



Santuário de Aparecida (Igreja Nova) já construído, e grande concentração de ônibus estacionados no pátio do Santuário. Imagem anos 1980.



Últimos três Papas da Igreja Católica presentes em Aparecida (na sequência de imagens, João Paulo II, Bento XVI e Francisco).



Imagens do atual Santuário de Aparecida (igreja nova) e da matriz paróquia de Aparecida (igreja velha).



Concentração de peregrinos na entrada de visitação   imagem de Nossa Senhora Aparecida, na igreja nova, e fieis que estão no coral cantando em uma missa.



Visitantes caminhando pela Passarela da Fé, que liga a igreja nova a igreja velha.



Devotos pagando promessas e subindo a passarela, ajoelhados.



Estacionamento para ônibus e carros no pátio da igreja nova.



Fieis com velas em suas mãos se dirigindo à capela das velas.



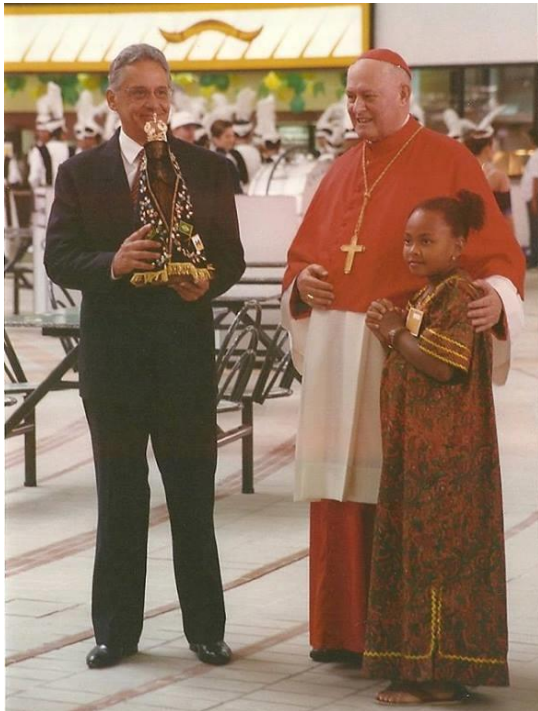
Peregrinos passam a noite em frente aos muros do Santuário de Aparecida à espera da chegada do Papa Francisco.



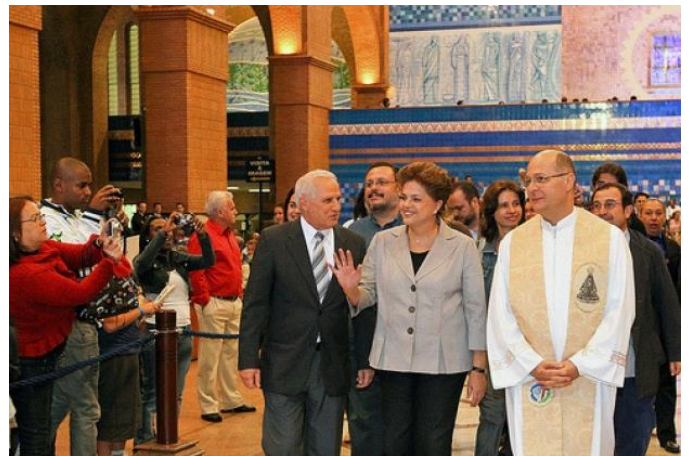
Romeiros, exaustos, participam da missa na igreja nova.



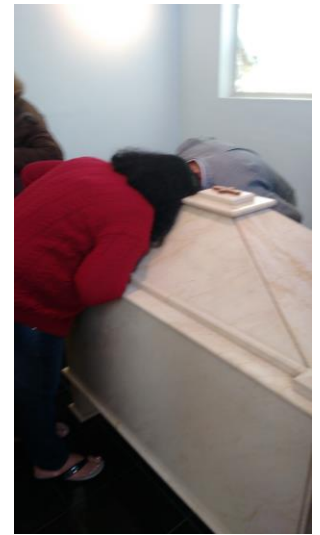
Tapumes de madeira que demonstram as reformas que são feitas na igreja velha. Fieis participam da missa mesmo que vendo pela TV.



Presidente Fernando Henrique Cardoso ao lado do cardeal Lorscheider – Arcebispo de Aparecida, na inauguração do shopping de Aparecida, em 1998. E o então líder sindical, Lula, realizando palestra em Aparecida, nos anos 1980.



Candidato à Presidência do Brasil, Aécio Neves visitou Aparecida durante a campanha eleitoral para o segundo turno das eleições, na companhia do Governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, e do Senador José Serra. Presidente Dilma Rousseff, durante a campanha à Presidência da República em 2010 também visitou o Santuário de Aparecida.



Memorial Redentorista, local onde se encontram os restos mortais dos religiosos redentoristas desde os primeiros alemães que chegaram a Aparecida no final do séc. XIX. Túmulo do redentorista, padre Vitor Coelho de Almeida, que é tratado como “santo” por parte de alguns peregrinos. Visitantes tentando ouvir o som que “dizem” sair do túmulo do religioso.



Feira livre de Aparecida, e shopping popular. Locais onde os visitantes costumam realizar suas compras na cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVAREZ, R. (2014). *Aparecida. A biografia da santa que perdeu a cabeça, ficou negra, foi roubada, cobiçada pelos políticos e conquistou o Brasil*. 1ª ed. São Paulo. Globo.
- ALVES, A.M.F. de Q. *Pintando uma Imagem de Nossa Senhora Aparecida – 1931: Igreja e Estado na construção de um símbolo nacional*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Dourados. 2005.
- ANDRADE, J.V. (2001). *Turismo: fundamentos e dimensões*. 1ª ed. São Paulo. Ática.
- AZZI, R. (2008). *A Igreja Católica na Formação da Sociedade Brasileira*. Aparecida-SP. Editora Santuário. (Coleção Cultura e Religião)
- BECKHÄUSER, A. (2007). *Religiosidade e Piedade Popular, Santuários e Romarias*. Petrópolis-RJ. Editora Vozes.
- BEOZZO, J.O. (1986). A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. In: FAUSTO, B. (org). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo. Vol.11. Difel.
- BERTO, J.P. (2010). *A Força Política da Fé: Estado e Igreja na Formação Identitária Nacional em Torno da Imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida (1904-1931)*. In: Revista história e-história. Campinas-SP. Revista Eletrônica do Grupo de Pesquisa e Arqueologia Histórica da UNICAMP, Junho de 2010.
- BRAGA, A.M.C. (2007). *Padre Cícero. Sociologia de um Padre Antropologia de um Santo*. Tese de doutorado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS. Porto Alegre, (mimeo).
- BRAGA, A.M.C. (2013). *Devoção, lazer e turismo nas romarias de Juazeiro do Norte*. PLURA, Revista de Estudos de Religião, vol.1, nº 1, 2010, p. 149-161
- BRANDÃO, C.R. (2009). *Prece e Bênção. Espiritualidades religiosas no Brasil*. Aparecida-SP. Editora Santuário. (Coleção Cultura e Religião).
- BRANDÃO, C.R. (2010). *Prece e Folia, Festa e Romaria*. Aparecida-SP. Ideias & Letras.
- BRUSTOLONI, J. (1979). *A Senhora da Conceição Aparecida. História da Imagem, da Capela, das Romarias*. 2ª ed. Aparecida-SP. Editora Santuário.
- BRUSTOLONI, J (1998). *História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida: a Imagem, o Santuário e as Romarias*. Aparecida-SP. Edição Marju.
- BRUSTOLONI, J. (1998). *Nossa Senhora Aparecida. Sua Imagem e seu Santuário*. Aparecida-SP. Editora Santuário.
- BRUSTOLONI, J. (2012). *História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida: a Imagem, o Santuário e as Romarias*. 14ª ed. Aparecida-SP. Editora Santuário.
- CARVALHO, J.M de (1990). *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo. Companhia das Letras.

- COSTA, J. (2009). *Sociologia da Religião*. Aparecida-SP. Editora Santuário. (Coleção Cultura e Religião).
- CÚRIA METROPOLITANA DE APARECIDA. Livro do Tombo nº 3 da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida 1914-1933. Sessão 5. Parte 8. Grupo 3.
- DAWSEY, J. C. (2000). *Nossa Senhora Aparecida e a mulher Lobisomem: Benjamim, Brecht e teatro dramático em Antropologia*. Revista Ilha. Universidade Federal de Santa Catarina. v.2 . n.1.
- DAWSEY, J. C. (2005). *Victor Turner e a antropologia da experiência*. In: Cadernos de Campo, nº 13. São Paulo.
- DUARTE, A. H. S. D (2010). *Romarias: experiência de fé e circularidade cultural*. Texto integrante dos Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. ANPUH/SP – UNESP-Franca. 6 a 10 de setembro de 2010.
- DURKHEIM, E. (1996). *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo. Martins Fontes.
- FRANCISCO (2013). *Palavras do Papa Francisco no Brasil*. 1ª ed. São Paulo. Paulinas.
- FUSIN, T.G. (2015). *Senhora Aparecida: romeiros e missionários redentoristas na História da Padroeira do Brasil*. Aparecida-SP. Editora Santuário.
- GEERTZ, C. (2011). *A interpretação das Culturas*. 1ª Ed. Rio de Janeiro. LTC.
- LAPLANTINE, F. (2010). *Antropologia da doença*. 4ª ed. São Paulo. Martins Fontes.
- LENHARO, A. *Sacralização da Política*. 2ª ed. Campinas-SP. Papirus. 1986.
- LEVI-STRAUSS, C. (2011). *A Antropologia diante dos problemas do mundo moderno*. 1ªed. São Paulo. Companhia das Letras.
- LEVI-STRAUSS, C. (2012). *Antropologia Estrutural*. 1ª ed. São Paulo. Cosac Naify.
- MAINWARING, S. (1989). *A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo. Editora Brasiliense.
- MANCÍLIO, F.; MEDEIROS, J. I. de; SALLES, J. L. F.; SILVA, S.M. da. (1990). *“Povo caminhando como Igreja – como organizar uma romaria”*. 1ªed. Aparecida-SP. Editora Santuário.
- MAUSS, M. (2000). *Esboço de uma teoria geral da magia*. Lisboa. Edições 70.
- MAUSS, M. (2003). *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac e Naify.
- MAUSS, M. (2009). *Ensaio de Sociologia*. 2ª ed. São Paulo. Perspectiva.
- MAUSS, M. (2013). *Ensaio sobre a Dádiva*. 1ªed. São Paulo. Cosac Naify.
- MAUSS, M; HUBERT, H. (2013). *Sobre o sacrifício*. 1ªed. São Paulo. Cosac Naify.
- MENEZES, R. de C. (2004). *A dinâmica do sagrado: rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Relume Dumará : Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ.
- NETO, I.C. (2009). *A questão de Aparecida e os Redentoristas*. Aparecida-SP. Editora Santuário.

- OLIVEIRA, C.D.M de (2004). *Turismo Religioso*. São Paulo. Editora Aleph (Coleção ABC do Turismo).
- PAIVA, G. (2007). *A província redentorista de São Paulo 1894-1955*. Aparecida-SP. Editora Santuário.
- PAIVA, G. (2015). *P: Vitor Coelho de Almeida o Missionário da Senhora Aparecida*. Aparecida-SP. Editora Santuário.
- PIMENTA, D. (2012). *Ensaio sobre a promessa*. Parte I- Narrando, caminhando e narrando. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social na USP. São Paulo.
- PIMENTA, D. (2012). *Ensaio sobre a promessa*. Parte II- Quinquilharias de uma devoção. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social na USP. São Paulo.
- RODRIGUES, D. (2013). *O que é religião? A visão das Ciências Sociais*. 1ª ed. Aparecida-SP. Editora Santuário.
- ROLIM, F. C. (1980). *Religião e Classes Populares*. 1ª ed. Petrópolis-RJ. Editora Vozes.
- SALES, L. (2009). Redes e Peregrinações: a circulação nas manifestações marianas. In. *Ciencias Sociales y Religión. Asociación de Cientistas Sociales de la Religión del Mercosur*. Año 11, n. 11. Porto Alegre.
- SANCHIS, P. (1983). *Arraial: festa de um povo, as romarias portuguesas*. Lisboa: Dom Quixote.
- SANCHIS, P. (1997). *As religiões dos brasileiros*. Horizonte. Belo Horizonte, v. 1, n.2, p.28-43, 2º sem.
- SEGURA, T. (1955). *Graças e favores do Bom Jesus da Lapa*. 5ª ed. Juiz de Fora. Livraria do Santuário.
- SOUZA, J.B.A. (2001). *Virgem Mestiça: devoção à Nossa Senhora na colonização do novo mundo*. Revista Tempo, vol. 6, núm. 11. Universidade Federal Fluminense. Brasil.
- STEIL, C.A. (1996). *O sertão das Romarias: Um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Editora Vozes. Petrópolis-RJ.
- TINHORÃO, J. R. (2012). *Festa de Negro em devoção de Branco*. 1ª ed. São Paulo. Editora Unesp.
- TURNER, V. (1974). *O Processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis. Ed. Vozes.
- VELHO, O. (1995). *“Besta-fera. Recriação do mundo”*. 1ª ed, Rio de Janeiro. Relume-Dumará.
- WEBER, M. (2005) *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 1ª ed. São Paulo. Editora Martin Claret.
- WAGNER, R. (2010). *A invenção da Cultura*. São Paulo. Cosac Naify.
- WERNET, A. (2000). Peregrinação a Aparecida: das romarias programadas ao turismo religioso. In. RODRIGUES, A.B. (org) *Turismo. Modernidade. Globalização*. São Paulo: Hucitec.
- WILLAIME, J.P. (2012). *Sociologia das Religiões*. 1ª ed. São Paulo. Editora Unesp.

YOUNG, M. F. D. (2002) *“Durkheim, Vygotsky e o currículo do futuro”*. São Paulo. Cadernos de Pesquisa, n. 117.

ACERVO DE IMAGENS

Imagens históricas: acervo de Ricardo Cesar Dias e Centro de Documentação e Memória do Santuário de Aparecida.

Imagens de família: acervo de Regina da Glória Candido.

Imagens atuais: acervo de fotos feitas entre julho de 2013 e janeiro de 2016 por Anderson Moreno.